



1. Organizador Curricular

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	HABILIDADE (MATRIZ ENEM)
Brasil: Espaço Rural e Urbano	Modernização do campo, espaço rural e urbano no Brasil	H18 - Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações socioespaciais. H19 - Reconhecer as transformações técnicas e tecnológicas que determinam as várias formas de uso e apropriação dos espaços rural e urbano.

2. DE OLHO NO CONCEITO

ESPAÇO RURAL E URBANO MUNDIAL E BRASILEIRO



Nas imagens percebe-se as diferenças entre o campo e a cidade, em especial, para as densidades técnicas e demográficas.

Fonte: OpenAI. Diferenças do campo para a cidade? Chatgpt 5.2 versão de 29 de dez.2025. Inteligência Artificial. Disponível em: <https://chatgpt.com>. Acesso em 29 dez. 2025.

Espaço rural e espaço urbano são dimensões do espaço geográfico, que apesar de apresentarem diferenças, estão interligados pelas redes técnicas do capitalismo. O espaço rural apresenta uma

paisagem diferente do espaço urbano, predomínio de atividades primárias, como a agricultura, pecuária, extrativismo e pesca, apresentando uma menor densidade técnica e demográfica que o espaço urbano, fornecendo alimento, matéria-prima e energia a cidade.

O espaço urbano corresponde ao espaço da cidade, marcado por uma densidade técnica e demográfica superior a do campo, suas atividades predominantes são secundárias e terciárias, indústria, comércio e serviços marcam a produção espacial. A cidade é um espaço de intensas contradições socioespaciais, a exemplo da relação centro e periferia, com o fenômeno da favelização, das desigualdades sociais, o espaço serve como expressão da desigualdade. Fenômenos como a segregação socioespacial, gentrificação, mobilidade urbana e violência são frequentes, em especial, em cidades de países subdesenvolvidos, como o Brasil.

Em face dos problemas ambientais globais, urbanos e rurais, surgem inúmeros desafios à essas espacialidades, como o combate ao desmatamento e as queimadas, a contaminação por agrotóxicos, as lutas sociais pelo acesso à terra e a violência no campo. As ilhas de calor, chuvas ácidas,

inversões térmicas, enchentes, o descarte de resíduos sólidos, entre tantos, despertam a necessidade de uma reforma agrária, de uma agroecologia, de cidades inteligentes e resilientes à esses desafios.

A compreensão do espaço rural e urbano exige reconhecê-lo como uma construção histórica marcada pela articulação entre técnica, poder e relações sociais. O espaço não se apresenta como um cenário neutro, mas como resultado de escolhas políticas e econômicas que orientam o uso do território em diferentes escalas. Para Milton Santos as técnicas, ao se incorporarem ao território, redefine usos e hierarquias espaciais, produzindo seletividades. O Geógrafo David Harvey amplia essa leitura ao evidenciar que o capitalismo organiza o espaço de forma desigual, concentrando benefícios e externalizando custos sociais. Assim, como o filósofo Henri Lefebvre, reforça que o espaço é produzido socialmente, expressando conflitos e contradições inerentes à dinâmica histórica do modo de produção.

No espaço rural brasileiro, a modernização produtiva revelou-se profundamente contraditória, ao promover ganhos de produtividade sem romper com estruturas históricas de concentração fundiária e exclusão social. O avanço do agronegócio intensificou conflitos territoriais, ao subordinar o campo à lógica do capital global. Essa modernização conservadora manteve relações de dominação no campo, preservando desigualdades herdadas do período escravocrata. A economia agrária brasileira estruturou-se dentro de um padrão dependente de desenvolvimento, no qual o território é organizado para atender demandas externas, em detrimento da justiça social.

Em contraposição a esse modelo hegemônico, a agroecologia emerge como um projeto alternativo de organização do espaço rural, articulando produção, sustentabilidade e autonomia social. Nisto a agroecologia emerge como um paradigma que integra saberes tradicionais, diversidade ecológica e racionalidade ambiental. Carlos Walter, geógrafo brasileiro, interpreta essa prática como expressão de territorialidades

de resistência, nas quais comunidades reafirmam formas próprias de habitar e produzir o espaço. Tais disputas revelam, segundo o geógrafo francês Claude Raffestin, que o território é sempre produto de relações de poder, sendo a agroecologia uma resposta política à territorialização excludente do agronegócio globalizado.

No espaço urbano, as desigualdades brasileiras refletem processos históricos de planejamento seletivo e alocação desigual de recursos públicos. demonstra que a precariedade urbana não decorre da escassez de recursos, mas de escolhas políticas que privilegiam determinados territórios. A financeirização da terra e da moradia, que transforma o espaço urbano em ativo financeiro, sobre um discurso de competitividade e eficiência urbana, quando desvinculados do interesse coletivo, reforçam a exclusão e produzem cidades fragmentadas.

As transformações técnicas contemporâneas introduzem novos desafios à organização dos espaços rural e urbano. A difusão de tecnologias inteligentes redefine os sistemas produtivos e territoriais. A sociedade em rede reorganiza fluxos de informação, poder e produção, impactando diretamente o campo e a cidade. Esses avanços também produzem riscos e incertezas, exigindo novas formas de governança e regulação. Então compreender o espaço rural e urbano no Brasil e no mundo implica reconhecer suas múltiplas dimensões (técnicas, sociais, políticas e ambientais) articuladas em um processo histórico profundamente desigual e contraditório.



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

FIGURA 1



FIGURA 2



Entre as práticas que contribuem para diferenciar as da primeira figura da segunda, estão:

- A Uso intensivo de máquinas e agrotóxicos.
- B Preservação ambiental e práticas sustentáveis.
- C Produção em larga escala e exportação.
- D Inserção de tecnologias químicas e mecanização.
- E Maximização do lucro agrícola.

Q.2

Mas plantar pra dividir
Não faço mais isso, não.
Eu sou um pobre caboclo,
Ganho a vida na enxada.
O que eu colho é dividido
Com quem não planta nada.
Se assim continuar
vou deixar o meu sertão,
mesmo os olhos cheios d'água
e com dor no coração.
Vou pro Rio carregar massas
pros pedreiros em construção.
Deus até está ajudando:
está chovendo no sertão!
Mas plantar pra dividir,
Não faço mais isso, não.

VALE, J.; AQUINO, J. B. *Sina de caboclo*. São Paulo: Polygram, 1994 (fragmento).

No trecho da canção, composta na década de 1960, retrata-se a insatisfação do trabalhador rural com

- A a distribuição desigual da produção.
- B os financiamentos feitos ao produtor rural.
- C a ausência de escolas técnicas no campo.
- D os empecilhos advindos das secas prolongadas.
- E a precariedade de insumos no trabalho do campo.

Q.3

FIGURA 1

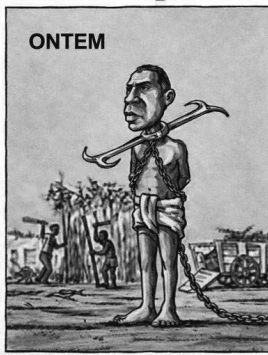
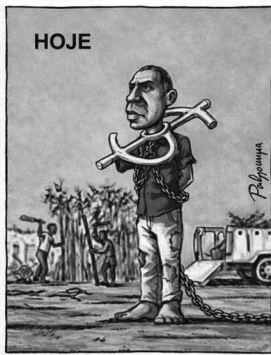


FIGURA 2



Disponível em: <https://www.aio.com.br/questions/content/observe-a-charge-considerando-o-espaco-da-producao-no-campo-e-o-trabalho>. Acesso em 22 maio 2025.

A charge evidencia que o trabalhador rural no Brasil

- A deixou de ser explorado e recebe remuneração elevada.
- B continua com poucas mudanças em sua condição de vida.
- C vive melhor, porque participa dos lucros do agronegócio.
- D não tem nenhuma remuneração, assim como no passado.
- E foi plenamente integrado às inovações tecnológicas do campo.

Q.4



Disponível em: <https://www.aio.com.br/questions/content/observe-a-charge-abaixo-sobre-problemas-urbanos-no-brasil>. Acesso em: 23 abr. 2025.

A imagem destaca a diferença entre duas realidades no Brasil, indicando que:

- A Todos têm os mesmos serviços públicos.
- B As moradias são um símbolo de desigualdade.
- C As pessoas têm os mesmos direitos básicos.
- D Os serviços como saúde e educação são iguais.
- E O acesso a bens de consumo garante igualdade social.

Q.5 (ENEM)



RIBEIRO, L. C. Q. SANTOS JUNIOR, O. A. Desafios da questão urbana. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Ano 4, n. 45, abr. 2010. Disponível em: <http://diplomatique.uol.com.br>. Acesso em: 22 ago. 2011.

A imagem registra uma especificidade do contexto urbano em que a ausência ou ineficiência das políticas públicas resultou em

- A garantia dos direitos humanos.
- B superação do déficit habitacional.
- C controle da especulação imobiliária.
- D mediação dos conflitos entre classes.
- E aumento da segregação socioespacial.

Q.6 (ENEM)



Disponível em: www.filosofia.com.br. Acesso em: 30 abr. 2010.

Pelas características da linguagem visual e pelas escolhas vocabulares, pode-se entender que o texto possibilita a reflexão sobre uma problemática contemporânea ao

- A criticar o transporte rodoviário brasileiro, em razão da grande quantidade de caminhões nas estradas.
- B ironizar a dificuldade de locomoção no trânsito urbano, devido ao grande fluxo de veículos.
- C expor a questão do movimento como um problema existente desde tempos antigos, conforme frase citada.
- D restringir os problemas de tráfego a veículos particulares, defendendo, como solução, o transporte público.
- E propor a ampliação de vias nas estradas, detalhando o espaço exíguo ocupado pelos veículos nas ruas.



1. Organizador Curricular

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	HABILIDADE (MATRIZ ENEM)
Robotização e Indústria 4.0 no Mundo	Indústria 4.0, Robotização e Automação da produção, desemprego estrutural, métodos de produção, desconcentração industrial.	H16 - Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social. H17 - Analisar fatores que explicam o impacto das novas tecnologias no processo de territorialização da produção.

2. DE OLHO NO CONCEITO

INDÚSTRIA MUNDIAL E BRASILEIRA



Na imagem, trabalhadores com cartazes “preciso de emprego (Need job)” e “procurando trabalho (Looking for work)”, enquanto robôs e sistemas de inteligência artificial o substituem, em uma sociedade cada vez mais alienada pela tecnologia, a serviço do grande capital e do consumo em larga escala, altamente poluente e degradante.

Fonte: OpenAI. Quais os efeitos da Indústria 4.0 na sociedade?. Chatgpt 5.2 versão de 29 de dez.2025. Inteligência Artificial. Disponível em: <https://chatgpt.com>. Acesso em 29 dez. 2025.

A Indústria 4.0 pode ser lida como uma virada histórica da produção, porque desloca a centralidade do “chão de fábrica” isolado para ecossistemas conectados por dados,

sensores, inteligência artificial e integração em tempo real, redefinindo o que conta como vantagem competitiva no espaço mundial. Nessa nova etapa, o valor passa a depender menos do volume físico e mais do controle de informação, de padrões técnicos e de capacidade de coordenação entre redes produtivas, logísticas e financeiras. Ao mesmo tempo, essa transformação não elimina o território: ela o requalifica, pois a conectividade exige energia estável, infraestrutura digital e sistemas urbanos capazes de sustentar fluxos complexos. A tecnologia e produção passam a operar como geopolítica econômica, com efeitos diretos na organização regional e na posição dos países nas cadeias globais.

Em escala global, a industrialização permanece estruturalmente desigual e seletiva, concentrando-se em regiões que acumulam capital, inovação, infraestrutura e densidade institucional, enquanto outras são integradas de forma subordinada. A leitura por polos ajuda a compreender que o desenvolvimento não se distribui por difusão automática: ele se organiza a partir de núcleos dinâmicos capazes de irradiar efeitos, mas também de produzir assimetrias persistentes entre áreas

centrais e periféricas. Essa hierarquia se atualiza quando os pólos articulam redes globais de produção e finanças, reforçando a dependência tecnológica e a divisão internacional do trabalho. Desse modo, o “mapa industrial do mundo” expressa menos uma fotografia setorial e mais a geografia do poder econômico contemporâneo.

No plano do trabalho, o avanço da automação e da robotização explicita uma tensão central: o aumento da produtividade pode coexistir com desemprego estrutural, precarização e rebaixamento de direitos, sobretudo quando a adoção tecnológica é orientada pelo imperativo de reduzir custos e intensificar controle, caso do processo de Uberização. Evidências recentes mostram que a automação reorganiza ocupações e salários, deslocando parte do emprego para atividades de menor proteção e exigindo novas competências, ao mesmo tempo em que concentra ganhos em firmas e setores mais intensivos em tecnologia. A questão não é “fim do trabalho”, mas transformação do trabalho sob novas formas de subordinação, com ampliação de desigualdades. Nesse sentido, a crítica social presente nas charges sobre máquinas “competindo” por vagas é uma síntese iconográfica de um rearranjo real do mundo do trabalho.

A trajetória brasileira recente, marcada pela queda persistente da participação da indústria no PIB, sugere um processo de desindustrialização que não se explica por um único fator, mas por um conjunto de mudanças macroeconômicas, reestruturação produtiva, integração internacional e transformação tecnológica. O ponto decisivo é que a modernização pode elevar produtividade sem elevar, na mesma medida, densidade industrial doméstica, especialmente quando a captura de valor se desloca para elos de dados, P&D, padrões e comando corporativo. Isso recoloca a política industrial como tema estratégico: não como “proteção”, mas como coordenação de capacidades (educação, inovação, infraestrutura e energia) para reverter perda de complexidade produtiva. Isso indica apenas “menos indústria”, mas uma reconfiguração do lugar do país nas cadeias

e nos circuitos de valor.

A dimensão tecnológica e informacional aprofunda esse quadro porque o avanço industrial contemporâneo está cada vez mais associado a fronteiras como digitalização, automação e transição energética, que exigem sistemas nacionais de inovação e capacidade de absorção tecnológica. Relatórios internacionais mostram que a competição industrial se deslocou para arenas de tecnologia, padronização e capacidade de inovar com velocidade, e isso redefine os mapas de investimento e de localização de empresas. Para países em desenvolvimento, o desafio é evitar a especialização em segmentos de baixo valor agregado e construir capacidades para capturar valor em elos estratégicos das cadeias. Industrializar na era digital significa articular indústria, ciência e infraestrutura sob governança pública e privada de longo prazo.

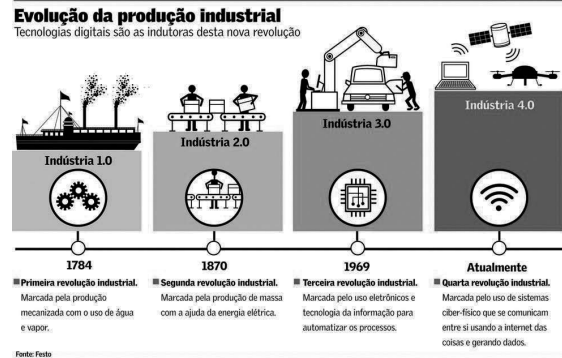
No território brasileiro, a concentração espacial de empresas industriais (especialmente no Sudeste e Sul e em regiões metropolitanas) evidencia que a indústria procura ambientes com economias de aglomeração, redes logísticas densas, energia confiável e capital humano qualificado. As novas tecnologias tendem a reforçar essa seletividade: digitalização e automação elevam a demanda por infraestrutura avançada e por competências técnicas, favorecendo áreas com universidades, centros de inovação e serviços especializados. A geografia industrial se organiza por corredores e articula produção, circulação e comando, enquanto regiões menos conectadas enfrentam barreiras cumulativas. O resultado é um impacto socioprodutivo duplo: ganhos de produtividade e arrecadação onde há densidade industrial, e persistência de desigualdades regionais onde a base produtiva é frágil.

Quando a indústria, mesmo não sendo majoritária no PIB, tem peso desproporcional em exportações, P&D e arrecadação, evidencia-se seu papel sistêmico na coesão produtiva, fiscal e tecnológica do país. A indústria cria encadeamentos e externalidades que irrigam outros setores,

sustenta a base exportadora com maior valor agregado e concentra investimento empresarial em inovação, o que amplia a capacidade de aprender, adaptar e competir. Ao mesmo tempo, essa centralidade não é neutra socialmente: ela exige políticas de formação, proteção e transição justa, sob risco de converter ganhos tecnológicos em exclusão laboral. Este conjunto, indústria, tecnologia e território formam um triângulo decisivo para desenvolvimento, e suas assimetrias explicam tanto a geografia do progresso quanto a geografia das desigualdades.

Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

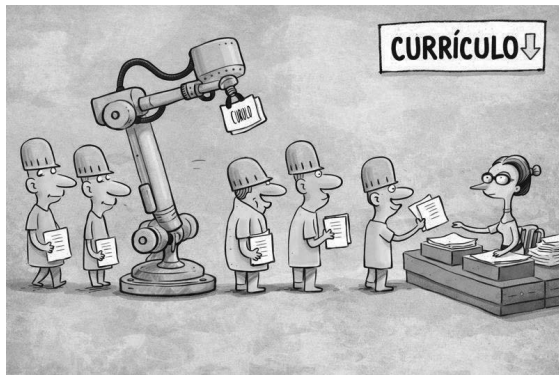


Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2018/04/20/desafio-para-o-brasil-industria-4-0-traz-novo-paradigma-de-negocios.ghtml>. Acesso em: 15 dez 2025.

O processo atual de industrialização apresentado na figura representa uma ruptura qualitativa na organização do espaço produtivo global, devido:

- A Integrar dados, automação inteligente e sistemas ciberfísicos à produção.
- B Reduzir a automação e valorizar o trabalho manual artesanal.
- C Manter o modelo fordista de produção em massa com controle digital.
- D Tornar a produção independente de território e de Estados nacionais.
- E Ampliar a tecnologia sem alterar trabalho, comércio e geopolítica.

Q.2



Disponível em: <https://fundamental.estuda.com/questoes/?id=10253287>. Acesso em: 15 dez 2025.

O conceito que melhor expressa o fenômeno central ironizado pela charge é:

- A Automação.
- B Inovação.
- C Produtividade.
- D Obsolescência.
- E Competitividade.

Q.3

PRINCIPAIS POLOS INDUSTRIAIS DO MUNDO



- POLOS INDUSTRIAIS ANTIÇOS
- ▣ GRANDES POLOS EMERGENTES
- POLOS EMERGENTES SECUNDÁRIOS

Disponível em: <https://resumos.mesalva.com/grandes-areas-industriais-mundo/>. Acesso em 15 dez 2025.

A análise espacial dessa distribuição permite identificar que a industrialização mundial se caracteriza, sobretudo, por:

- A Concentração seletiva espacial.
- B Homogeneidade industrial global.
- C Predomínio sul-americano.
- D Centralidade europeia atual.
- E Liderança tecnológica periférica.

Q.4 (ENEM)

A reestruturação global da indústria, condicionada pelas estratégias de gestão global da cadeia de valor dos grandes grupos transnacionais, promoveu um forte deslocamento do processo produtivo, até mesmo de plantas industriais inteiras, e redirecionou os fluxos de produção e de investimento. Entretanto, o aumento da participação dos países em desenvolvimento no produto global deu-se de forma bastante assimétrica quando se compara o dinamismo dos países do leste asiático com o dos demais países, sobretudo os latino-americanos, no período 1980-2000.

SARTI, F.; HIRATUKA, C. Indústria mundial: mudanças e tendências recentes. Campinas: Unicamp, n. 186, dez. 2010

A dinâmica de transformação da geografia das indústrias descrita expõe a complementaridade entre dispersão espacial e:

- A autonomia tecnológica.
- B crises de abastecimento.
- C descentralização política.
- D concentração econômica.
- E compartilhamento de lucros.

Q.5 (ENEM)

No sistema capitalista, as muitas manifestações de crise criam condições que forçam a algum tipo de racionalização. Em geral, essas crises periódicas têm o efeito de expandir a capacidade produtiva e de renovar as condições de acumulação. Podemos conceber cada crise como uma mudança do processo de acumulação para um nível novo e superior.

HARVEY, D. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005 – adaptado

A condição para a inclusão dos trabalhadores no novo processo produtivo descrito no texto é a:

- A associação sindical.
- B participação eleitoral.
- C migração internacional.
- D qualificação profissional.
- E (E) regulamentação funcional.

Q.6

(ENEM)

A estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo o fermento, instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais.

HARVEY, D. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2009

No contexto descrito, as transformações estéticas impactam a produção de bens por meio da:

- A promoção de empregos fabris, integrada às linhas de montagem.
- B ampliação dos custos de fabricação, impulsionada pelo consumo.
- C redução do tempo de vida dos produtos, acompanhada da crescente inovação.
- D diminuição da importância da organização logística, utilizada pelos fornecedores.
- E expansão de mercadorias estocadas, aliada a maiores custos de armazenamento.



1. Organizador Curricular

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	HABILIDADE (MATRIZ ENEM)
A Propaganda Ideológica na Guerra Fria	Guerra Fria, mundo Bipolar, corrida armamentista, crise dos mísseis, cortina de ferro.	H6 – Interpretar diferentes representações gráficas e cartográficas dos espaços geográficos. H7 - Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações H15 - Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da história.

2. DE OLHO NO CONCEITO

A VELHA ORDEM MUNDIAL



A imagem representa um mundo dividido por ideologias, que quase levam o mundo contemporâneo ao seu colapso, foi a chamada Guerra Fria.

Fonte: OpenAI. Mundo dividido pela Guerra Fria. Chatgpt 5.2 versão de 29 de dez.2025. Inteligência Artificial. Disponível em: <https://chatgpt.com>. Acesso em 29 dez. 2025.

A chamada Velha Ordem Mundial estruturou-se no pós-Segunda Guerra Mundial, quando o sistema internacional passou a ser organizado em torno de uma

polarização rígida entre dois grandes pólos de poder. Essa configuração não se limitou à rivalidade militar, mas expressou projetos distintos de organização econômica, política e social, que disputavam legitimidade e influência em escala global. O mundo passou a ser interpretado e governado por meio dessa lógica bipolar, na qual alianças, conflitos e decisões estratégicas eram condicionadas pela posição assumida em relação a esses polos.

Essa bipolaridade redefiniu o sentido das relações internacionais, transformando o planeta em um tabuleiro geopolítico no qual territórios, governos e populações passaram a integrar zonas de influência. A soberania dos Estados tornou-se relativa, pois muitos países foram incorporados a estratégias globais que extrapolavam seus interesses nacionais. A lógica do alinhamento ideológico moldou políticas externas, regimes políticos e até projetos de desenvolvimento, evidenciando que o poder global se exercia tanto por meios militares quanto por mecanismos diplomáticos, econômicos e simbólicos.

Ao mesmo tempo, a Velha Ordem

Mundial foi marcada por uma contradição: a ausência de confrontos diretos entre as superpotências coexistiu com a multiplicação de conflitos regionais. Guerras localizadas, intervenções indiretas e disputas internas passaram a funcionar como extensões do conflito Leste-Oeste. Esses embates revelaram que a Guerra Fria não era um período de paz, mas de violência descentralizada, na qual o custo humano recaía, majoritariamente, sobre países periféricos e áreas estratégicas do mundo.

Nesse contexto, o equilíbrio do medo tornou-se um princípio organizador da ordem internacional. A capacidade de destruição nuclear criou um cenário no qual o uso direto da força significaria a aniquilação mútua, levando as potências a adotar estratégias de contenção, dissuasão e vigilância permanente. A ameaça constante de um conflito total estruturou discursos políticos, políticas de segurança e representações simbólicas, consolidando uma geopolítica baseada mais na intimidação do que no confronto aberto, isto é, “paz improvável, guerra impossível”.

A Velha Ordem Mundial também se manifestou na construção de alianças militares e blocos econômicos que institucionalizaram a divisão do mundo. Organizações internacionais, tratados e pactos de defesa funcionaram como instrumentos de consolidação do poder e de controle territorial indireto. Esses arranjos não apenas garantiam segurança estratégica, mas também reforçaram hierarquias entre nações, estabelecendo centros decisórios e periferias subordinadas dentro do sistema global.

A Guerra Fria produziu uma intensa disputa no campo das ideias, das narrativas e das representações. A propaganda, os meios de comunicação e a cultura tornaram-se arenas centrais de confronto, nas quais se buscava conquistar corações e mentes. A rivalidade extrapolou o campo militar e econômico, penetrando no cotidiano das sociedades, moldando valores, identidades e percepções sobre liberdade, progresso e ameaça.

Portanto, compreender a Velha Ordem Mundial permite reconhecer que

ela foi mais do que um período histórico encerrado com o fim da União Soviética. Seus legados permanecem visíveis nas tensões contemporâneas, na reorganização das relações de poder e na persistência de conflitos que atualizam antigas disputas. Estudar esse período é fundamental para entender como o poder se estrutura no espaço mundial, como as nações se relacionam de forma desigual e como decisões globais impactam territórios, sociedades e vidas concretas. Não se trata do “Fim da História”.



Q.1

(ENEM)

Mapa da Alemanha em 1945



RODRIGUES, R. C. A.; SANTANA, F. T. M.; ERTHAL, L.
Aprendendo com filmes. Rio de Janeiro: Farrj:
Lamparina, 2012 (Adaptado)

A divisão representada do território alemão refletia um contexto geoestratégico de busca por

- A espólio de guerra.
- B áreas de influência.
- C rotas de navegação.
- D controle do petróleo.
- E monopólio do comércio.

Q.2

(ENEM – ADAPTADA) TEXTO I

A intervenção da Rússia na crise no Leste da Ucrânia reacendeu a tensão entre os aliados da Otan e Moscou. Os EUA informaram que pretendem instalar armamento pesado no Leste da Europa, plano criticado pelo governo russo. Em resposta, a Rússia anunciou o reforço de seu arsenal nuclear, novos mísseis balísticos intercontinentais, descritos como “capazes de superar sistemas de defesa mais avançados”.

STEWART, P. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br>. Acesso em: 26 jun. 2015 (adaptado).

TEXTO II

Os Estados Unidos e seus aliados não vão deixar a Rússia “nos arrastar de volta ao passado”, disse o secretário de Defesa dos Estados Unidos em um discurso em Berlim, dia 22 de junho de 2015, quando acusou o governo russo de tentar recriar uma esfera de influência da era soviética.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com>. Acesso em: 26 jun. 2015 (adaptado).

Qual tema da geopolítica mundial, vivida na segunda metade do século XX, é o fundamento histórico das referências feitas nos textos?

- A Livre comércio.
- B Luta antiditatorial.
- C Corrida armamentista.
- D Vanguarda espacial.
- E Disputa por zonas de influência.

Q.3

Os soviéticos tinham chegado a Cuba muito cedo na década de 1960, esgueirando-se pela fresta aberta pela imediata hostilidade norte-americana em relação ao processo social revolucionário. Durante três décadas os soviéticos mantiveram sua presença em Cuba com bases e ajuda militar, mas, sobretudo, com todo o apoio econômico que, como saberíamos anos mais tarde, mantinha o país à tona, embora nos deixasse em dívida com os irmãos soviéticos – e depois com seus herdeiros russos – por cifras que chegavam a US\$ 32 bilhões. Ou seja, o que era oferecido em nome da solidariedade socialista tinha um preço definido.

PADURA, L. Cuba e os russos. Folha de São Paulo, 19 jul 2014 (adaptado).

O texto indica que durante a Guerra Fria as relações internas em um mesmo bloco foram marcadas pelo(a)

A

busca da neutralidade política.

B

estímulo à competição comercial.

C

subordinação à potência hegemônica.

D

elasticidade das fronteiras geográficas.

E

compartilhamento de pesquisas científicas.

Q.4

(ENEM)

TEXTO I

A adesão da Alemanha à Otan

A adesão da Alemanha Ocidental à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) há 50 anos teve como pano de fundo o conflito entre o Ocidente e o Leste da Europa e o projeto da integração europeia. A adesão da República Federal da Alemanha foi um passo importante para a reconstrução do país no pós-guerra e abriu o caminho para a Alemanha desempenhar um papel relevante na defesa da Europa Ocidental durante a Guerra Fria.

HAFTENDORN, H. A adesão da Alemanha à Otan: 50 anos depois. Disponível em: www.nato.int. Acesso em: 5 out. 2015 (adaptado).

TEXTO II

Otan discute medidas para deter os jihadistas no Iraque e na Síria

O regime de terror imposto pelos islamitas radicais no Oriente Médio alarma a Otan tanto ou mais que a Rússia, ainda que a estratégia para detê-los ainda seja difusa. O avanço do chamado Estado Islâmico, que instalou um califado repressor em zonas do Iraque e da Síria, comandou boa parte das reuniões bilaterais que mantiveram os líderes da organização atlântica no País de Gales.

ABELLÁN, L. Otan discute medidas para deter os jihadistas no Iraque e na Síria. Disponível em: <http://brasil.elpais.com>. Acesso em: 5 out. 2015.

As diferentes estratégias da Otan, demonstradas nos textos, são resultantes das transformações na

A

composição dos países-membros.

B

localização das bases militares.

C conformação do cenário geopolítico

D distribuição de recursos naturais

E destinação dos investimentos financeiros.

Q.5 (ENEM)

A Guerra Fria foi, acima de tudo, um produto da heterogeneidade da organização interna e da prática internacional – e somente poderia ser encerrada pela obtenção de uma nova homogeneidade. O resultado disto foi que, enquanto os dois sistemas distintos existiram, o conflito da Guerra Fria estava destinado a continuar: a Guerra Fria não poderia terminar com o compromisso ou a convergência, mas somente com a prevalência de um destes sistemas sobre o outro.

HALLIDAY, F. Repensando as relações internacionais. Porto Alegre: EdUFRGS, 1999.

A caracterização da Guerra Fria apresentada pelo texto implica interpretá-la como um (a)

A esforço de homogeneização do sistema internacional negociado entre Estados Unidos e União Soviética;

B guerra, visando o estabelecimento de um renovado sistema social, híbrido de socialismo e capitalismo;

C conflito intersistêmico em que países capitalistas e socialistas competiriam até o fim pelo poder de influência em escala mundial;

D compromisso capitalista de transformar as sociedades homogêneas dos países socialistas em democracias liberais;

E enfrentamento bélico entre capitalismo e socialismo pela homogeneização social de suas respectivas áreas de influência política;

Q.6 (ENEM)



ILLINGWORTH, L. G. Outubro de 1962. Disponível em: www.ligc.org.uk. Acesso em 8 mar. 2016

A charge fazalusão à intensa rivalidade entre as duas maiores potências do século XX. O momento mais tenso dessa disputa foi provocado pela

A ampliação da Guerra do Vietnã;

B construção do muro de Berlim.

C instalação de mísseis em Cuba.

D eclosão da Guerra dos Sete Dias.

E invasão do território do Afeganistão.

Referências

- ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. Disponível em: <https://www.expressaopopular.com.br/loja/agroecologia-bases-cientificas-para-uma-agricultura-sustentavel/>. Acesso em: 23 dez. 2025.
- AXELSSON, Linn. Temporalities of the Border: Control, Protection and Care at the Limits of the State. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 48, n. 12, p. 2796–2813, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1369183X.2021.1998535>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- BERQUE, Augustin. Médiante: de milieux en paysages. Paris: Belin, 1994. Disponível em: <https://www.editions-belin.com/ouvrage/mediance>. Acesso em: 23 dez. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília, DF: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: abril de 2021.
- BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Escalas de proficiência do SAEB. Brasília, DF: INEP, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/avaliacoes-e-exames-da-educacao-basica/escalas-de-proficiencia-do-saeb>. Acesso: Set/2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Matrizes de referência, tópicos e descritores da Prova Brasil. Brasília: MEC/SEB/Inep, 2011. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/saeb_matriz2.pdf. Acesso em: Jun/2023.
- CLAVAL, Paul. A geografia cultural. Florianópolis: UFSC, 1999. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103445>. Acesso em: 23 dez. 2025.
- CLAVAL, Paul. Geografia cultural. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. Disponível em: <https://bertrandbrasil.com.br/produto/geografia-cultural/>. Acesso em: 23 dez. 2025.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. São Paulo: Expressão Popular, 2008. Disponível em: https://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/publicacoes/questao_agraria_conflitualidade.pdf. Acesso em: 23 dez. 2025.
- FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535908055/formacao-economica-do-brasil>. Acesso em: 16 dez. 2025.
- HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. In: HAESBAERT, Rogério. Territórios, territorialidades e territorializações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019. Disponível em: <https://bertrandbrasil.com.br/produto/territorios-territorialidades-e-territorializacoes/>. Acesso em: 23 dez. 2025.
- JONES, Reece. Violent Borders: Refugees and the Right to Move. London: Verso, 2021. Disponível em: <https://www.versobooks.com/products/2594-violent-borders>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. Disponível em: <https://www.ufmg.br/editora/produto/a-producao-do-espaco/>. Acesso em: 23 dez. 2025.
- MARICATO, Ermínia. Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: <https://erminiamaricato.net/wp-content/uploads/2016/12/BRASIL-CIDADES.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2025.

MASSEY, Doreen. *Spatializing Culture*. London: Sage, 2021. Disponível em: <https://uk.sagepub.com/en-gb/eur/spatializing-culture/book276487>. Acesso em: 30 abr. 2025.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. Disponível em: <https://civilizaobaobrasileira.com.br/produto/a-globalizacao-da-natureza-e-a-natureza-da-globalizacao/>. Acesso em: 23 dez. 2025.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4456703/mod_resource/content/1/SANTOS_A_natureza_do_espaco.pdf. Acesso em: 23 dez. 2025.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2006. Disponível em: <https://www.edusp.com.br/livros/por-uma-geografia-nova/>. Acesso em: 23 dez. 2025.

TUAN, Yi-Fu. *Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, and values*. New York: Columbia University Press, 1974. Disponível em: <https://cup.columbia.edu/book/topophilia/9780231115350>. Acesso em: 23 dez. 2025.

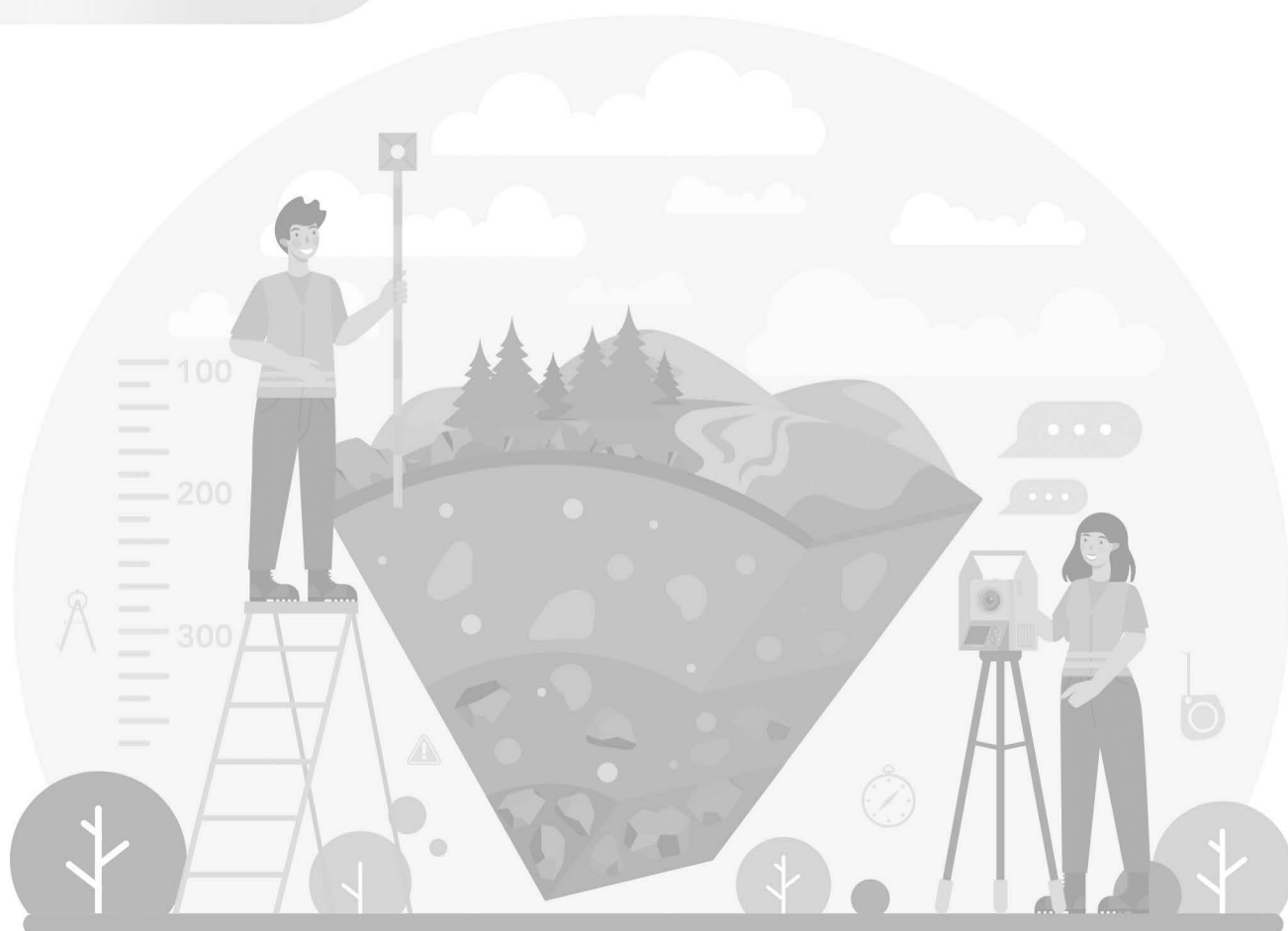
★ RECOMPOSIÇÃO DAS APRENDIZAGENS ★

CADERNO DO ESTUDANTE

GEOGRAFIA

8º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL

VOL. 1



SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO



GOVERNO DO
PARÁ

Organização

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

HELDER ZAHLUTH BARBALHO
GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ

HANA GHASSAN TUMA
VICE-GOVERNADORA DO ESTADO DO PARÁ

RICARDO NASSER SEFER
SECRETÁRIO DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SEDUC

JÚLIO CÉSAR MEIRELES DE FREITAS
SECRETÁRIO ADJUNTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA
SAEB

RAIMUNDO CORREA DE OLIVEIRA
DIRETOR DE FORMAÇÃO - DIFOR

DIONÍSIO JOSÉ DA COSTA SÁ
COORDENADOR DE FORMAÇÃO DOS
PROFISSIONAIS DO MAGISTÉRIO

LILIAN CELINA GUEDES DE ASCUI
COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO

ARTUR ALVES PINHEIRO
DESIGNER

EQUIPE DE ELABORAÇÃO

Júlio César Meireles de Freitas
Coordenador Geral

Raimundo Correa de Oliveira
Coordenador de Produção

Dionísio José da Costa Sá
Coordenador de Elaboração

Silvaney Fonseca Ferreira Seabra
Coordenadora de Revisão

Cláudia Regina Bezerra Ferreira
Coordenadora de Apoio Institucional

ELABORADORES

Ivanilson Santana Favacho
Professor Formador da DRE Belém 07

Maria Helena Nascimento de Souza
Professor Formador da DRE Belém 03

Sumário

UNIDADE 1: POPULAÇÃO MUNDIAL	8
Dinâmica demográfica global	8
Crescimento e distribuição da população mundial	8
Perfil demográfico da população mundial	8
Diversidade da população mundial e local	12
Tendências demográficas: natalidade, fecundidade, mortalidade infantil e envelhecimento global	12
Participação da mulher no mercado de trabalho	12
Migrações internacionais	17
A dispersão humana pelos continentes	17
Migrações até meados do século XX	17
Fluxos migratórios recentes	17
Refugiados	17
Migrações no território brasileiro	22
Aumento do processo de urbanização no mundo e no Brasil	22
Industrialização brasileira: tardia	22
UNIDADE 2: UM MUNDO DE DIFERENÇAS	27
Formas de regionalizar o mundo	27
Região e regionalização	27
Regionalização do espaço mundial	27
Divisão mundial em continentes	27
A velha e nova ordem mundial	32
Os sistemas político-econômicos: capitalista e socialista	32
Guerra Fria e a bipolaridade mundial	32
A multipolaridade mundial e a nova ordem internacional	32
A divisão “Norte – Sul”	37
O mundo desenvolvido e o mundo subdesenvolvido e suas diferenças econômicas e sociais	37
Países emergentes	37
Indicadores de desenvolvimento	41
Regionalização com base no nível de desenvolvimento	41
Produto Interno Bruto (PIB)	41
Indicadores sociais: IDH e IPM	41

Apresentação

Olá, Estudante! Que bom vê-lo(a) por aqui!

Este Caderno foi pensado para você, aluno(a) da Educação Básica do Estado do Pará. Como tal, o material foi escrito de forma que você pudesse oportunamente; (1) recompor aprendizagens, (2) mobilizar/acionar, por meio dos Descritores Prioritários de Língua Portuguesa e/ou de Matemática, habilidades de Leitura e do Pensamento Lógico-Matemático necessários à compreensão do Componente Geografia e, não menos importante, (3) garantir seus direitos de aprendizagem para o longo da vida.

O Caderno de Geografia segue o mesmo padrão dos demais Cadernos dos outros componentes, ou seja, atividade para o bimestre, sendo possível resolver as questões a cada Semana de aula proposta. São ao todo 48 questões/itens que foram criados(as) na sua maioria; ou, adaptadas de seu uso primeiro. Isso corresponde uma média de 8 semanas de aula com 6 questões/itens por semana.

Como as intencionalidades deste Caderno, com já foi dito, são o de recompor aprendizagens e o de contribuir com a Proficiência Leitora e o Pensamento Lógico-Matemático, com vistas à melhoria dos níveis paraenses atuais do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), no Pará, eis que as questões mobilizam também saberes ora de **Língua Portuguesa**, ora de **Matemática (e às vezes dos dois componentes)**, como ferramentas a serviço da compreensão das questões de Geografia, pois acreditamos que é assim, com autonomia e autorregulação, que a proficiência leitora e o pensamento lógico-matemático são desenvolvidos não só para o IDEB, mas principalmente para a vida, para o longo da vida.

Excelentes aulas para todos nós!



UNIDADE 1 – População Mundial

HABILIDADES	OBJETOS DO CONHECIMENTO
(EF08GE03) Analisar aspectos representativos da dinâmica demográfica, considerando características da população (perfil etário, crescimento vegetativo e mobilidade espacial).	Dinâmica demográfica global <ul style="list-style-type: none">· Crescimento e distribuição da população mundial· Perfil demográfico da população mundial

RESUMO TEÓRICO

População mundial atingirá 10,3 bilhões em meados da década de 2080

O total de habitantes do planeta poderá atingir o pico neste século, segundo as Nações Unidas. O Relatório Perspectivas da População Mundial 2024 revela que um quarto das pessoas vive em um país cuja população está no auge. Pela publicação lançada nesta quinta-feira, a população global atingirá o máximo em meados da década de 2080 após crescer nos próximos 60 anos. A alta será dos 8,2 bilhões em 2024, para cerca de 10,3 bilhões, em meados da década de 2080.

A projeção do Departamento dos Assuntos Econômicos e Sociais, DESA, destaca que depois desse aumento o número de habitantes do planeta retornará para cerca de 10,2 bilhões até o final do século. O levantamento da ONU aponta Portugal como um dos 63 países e áreas que atingiram o pico da população este ano, incluindo China, Alemanha, Japão e Rússia. A população do grupo poderá diminuir em 14% nos próximos 30 anos.

O relatório das Nações Unidas enfatiza

ainda que o tamanho da população mundial em 2100 estará 6% abaixo do que foi previsto há uma década, ou 700 milhões de pessoas a menos. O crescimento demográfico teve influência da baixa dos níveis de fertilidade em alguns dos maiores países do mundo, especialmente a China. Em nível global, as mulheres estão tendo um filho a menos, em média, do que tinham por volta de 1990.

O relatório revela ainda que em mais da metade de todos os países e áreas, a média de nascidos vivos por mulher está abaixo de 2,1 do necessário para que uma população mantenha um tamanho constante a longo prazo sem migração.

Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2024/07/1834411>

Acessado em: 29/04/2025



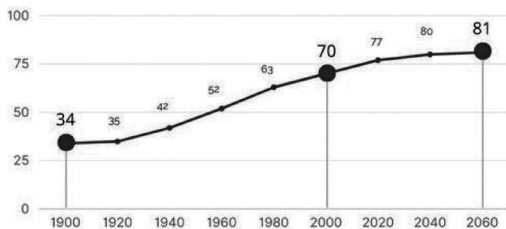
Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

(Difor)

ENVELHECIMENTO NO BRASIL

EXPECTATIVA DE VIDA AO NASCER (EM ANOS)



FONTE: IBGE

Disponível em <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/outubro/crescimento-da-populacao-idosa-traz-desafios-para-a-garantia-de-direitos>

Acessado em: 22 de dez de 2025

A partir da análise do gráfico, é possível projetar o aumento dos investimentos públicos no seguinte segmento:

- A Sistema de previdência social.
- B Infraestrutura de apoio ao turismo.
- C Rede de escolas de ensino fundamental.
- D Programa de pediatria de atendimento médico-hospitalar.

Q.2

(Difor)

ÉRAMOS SEIS, SEREMOS TRÊS

A fecundidade da brasileira despencou - em total de filhos por mulher

Em 1960, a brasileira tinha em média 6 filhos Em 1980, passou para 4 crianças Em 2000, eram 2 filhos Em 2020, a média será 1,5



Disponível em: <https://exercicios.mundoeducacao.uol.com.br/exercicios-geografia/exercicios-sobre-taxa-fecundidade-no-brasil.htm>

Acessado em: 23/03/2025

A imagem retrata um processo que é consequência da(do)

- A diminuição do emprego.
- B aumento do desemprego.
- C expansão da economia informal.
- D redução das taxas de natalidade.

Q.3**(Difor)**

Mulher no mercado de trabalho: avanços e desafios

A presença da mulher no mercado de trabalho está cada dia mais forte e a tendência é só aumentar. Esbanjando competência e qualificação profissional, elas ocupam cargos de liderança e provam que lugar de mulher é onde ela quiser.

As mulheres estão na política, na ciência e na economia. São empreendedoras, juízas e doutoras. Estão por toda parte e seguem lutando por seus direitos.

Disponível em: <https://www.florence.edu.br/blog/mulher-no-mercado-de-trabalho>

Acessado em: 15 de dez de 2025

Uma possível consequência da situação descrita é a(o)

A

diminuição do desemprego.

B

aumento da expectativa de vida.

C

redução das taxas de natalidade.

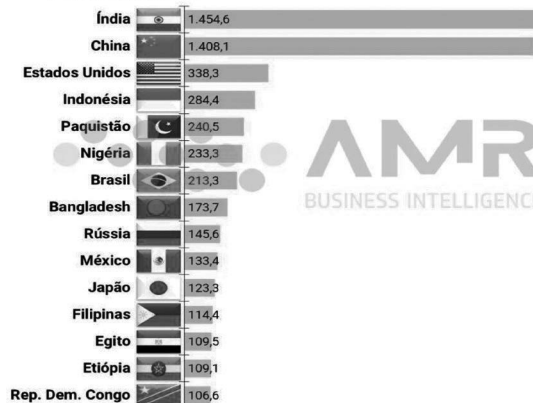
D

incremento da taxa de fecundidade.

Q.4**(Difor)**

Países Mais Populosos do Mundo, 2025

Milhões de Habitantes



AMR
BUSINESS INTELLIGENCE



Disponível em: https://pt.linkedin.com/posts/amr-business-intelligence_nosso-gr%C3%A1fico-de-hoje-mostramos-pa%C3%ADses-mais-activity-7298466451881918464-Tgwp

Acessado em: 20/04/2025

A tabela mostra dos países a

A

população relativa.

B

população absoluta.

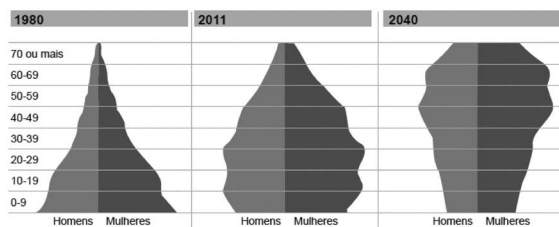
C

densidade demográfica.

D

dinâmica populacional.

q.5 (Enem - adaptado)



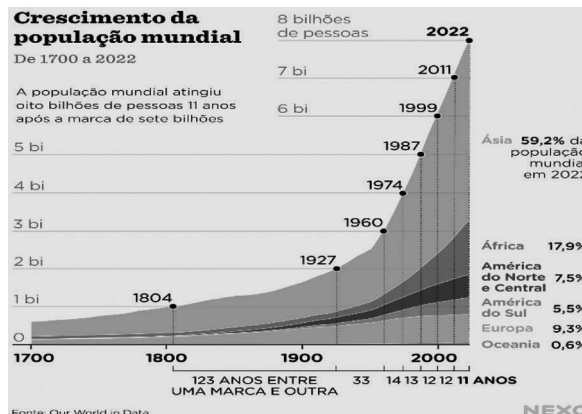
Fonte: IBGE

Disponível em: <http://revistapeopla.globo.com>. Acesso em: 30 jun. 2015.

A evolução da pirâmide etária apresentada indica a seguinte tendência:

- A Crescimento da faixa juvenil.
- B Aumento da expectativa de vida.
- C Elevação da taxa de fecundidade.
- D Predomínio da população masculina.

q.6 (Difor)
Observe o gráfico a seguir:



Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2022/11/14/populacao-mundial-chega-a-8-bilhoes-segundo-onu>

Acessado em: 20/04/2025

O gráfico evidencia que o maior crescimento populacional ocorreu no continente

- A americano.
- B europeu.
- C africano.
- D asiático.



UNIDADE 1 – População Mundial

HABILIDADES	OBJETOS DO CONHECIMENTO
<p>(EF08GE02) Relacionar fatos e situações representativas da história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial.</p> <p>(EF08GE19) Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas com informações geográficas acerca da África e América.</p>	<p>Diversidade da população mundial e local</p> <ul style="list-style-type: none"> · Tendências demográficas: natalidade, fecundidade, mortalidade infantil e envelhecimento global. · Participação da mulher no mercado de trabalho

RESUMO TEÓRICO

POPULAÇÃO MUNDIAL

A população mundial é de mais de 7,7 bilhões de pessoas

A população mundial atual é composta por 7,7 bilhões de pessoas e continua crescendo anualmente, porém a um ritmo lento, se comparado a períodos anteriores. A sua distribuição sobre a superfície terrestre não é feita de forma homogênea. O continente asiático é o mais populoso, com destaque para China e Índia, que, sozinhos, reúnem pouco mais de um terço da população mundial. A população brasileira é a segunda maior do continente americano e, seguindo a tendência global, tem experimentado desaceleração no seu crescimento.

Crescimento da população mundial

O crescimento populacional ou crescimento demográfico mundial é calculado a partir do saldo entre o total de pessoas nascidas vivas e o total de mortes em um determinado período de tempo (dentro de um ano, por exemplo).

A população mundial no ano de 2020 era de 7.794.799.000 de pessoas, de acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU). A marca dos 7 bilhões foi atingida no dia 31 de outubro de 2011, data determinada pelo Fundo de População das Nações Unidas.

Apesar de o número absoluto estar crescendo, a taxa em que esse crescimento se dá vem diminuindo com o passar dos anos. Isso significa que houve diminuição na velocidade com que a população mundial está crescendo.

O período pós-Segunda Guerra Mundial marcou um salto no crescimento da população mundial, principalmente a partir da década de 1950. A década de 1960 representou uma verdadeira explosão demográfica e foi a primeira vez em que a taxa de crescimento populacional atingiu e ultrapassou a marca de 2% anuais. Na época, a população mundial era de 3 bilhões de pessoas.

Desde o final dos anos 1960, a taxa de crescimento entrou em declínio, movimento que se acentuou a partir de 1990. Atualmente, a taxa de crescimento da população mundial é de 1,1% (ONU, 2020). A projeção da ONU é que o mundo atinja o valor de 8,5 bilhões de

habitantes em 2030 e 9,7 bilhões em 2050.

Ressalta-se, entretanto, que o crescimento não acontece de forma homogênea em todos os lugares. As maiores taxas de crescimento se encontram nos países da Ásia e da África. Em um cenário oposto, países da Europa apresentam a tendência de redução populacional para as próximas décadas.

Diversos são os fatores que podem levar ao crescimento da população, como melhorias no sistema de saúde que aumentam a expectativa de vida ao nascer, aumento da fertilidade, redução da mortalidade infantil, urbanização e desenvolvimento econômico – estes ligados aos salários e acesso a melhores condições de vida.

Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/a-populacao-mundial.htm>, Acessado em: 30 de Dez. 2025



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

(Difor)

População brasileira deve começar a diminuir em 2043, diz IBGE.

POPULAÇÃO TOTAL - 2000/2060

2010	195.497.797
2020	212.077.375
2030	223.126.917
2040	228.153.204
2050	226.347.688
2060	218.173.888

Fonte: IBGE

Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/08/29/populacao-brasileira-deve-comecar-a-diminuir-em-2043-diz-ibge.htm>

Acessado em: 10 de mar de 2015.

A relação entre texto e tabela sobre a dinâmica demográfica brasileira revela um(a)

A

diminuição da longevidade.

B

redução do número de idosos.

C

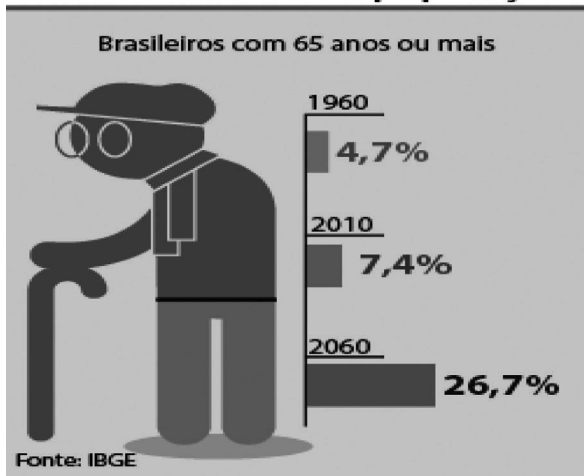
queda da taxa de fecundidade.

D

estagnação do número de jovens.

Q.2 (Difor)

Envelhecimento da população



Disponível em www2.camara.leg.br –
acessado em 17 de abril de 2014.

A partir da projeção do infográfico, o Estado brasileiro terá como desafio socioeconômico

- A** direcionar a população idosa para o mercado de trabalho formal.
- B** melhorar a educação básica para o atendimento da população idosa.
- C** viabilizar os investimentos tecnológicos para o lazer da terceira idade.
- D** aumentar os recursos financeiros para o sistema previdenciário nacional.

Q.3 (UFRGS-adaptada)

Leia o segmento a seguir.

Segundo o IBGE, a partir de 2039, haverá mais idosos que crianças no país, e, em 2060, um em cada quatro brasileiros terá mais de 65 anos.

Fonte: IBGE. Acesso em: 05 set. 2018.

A informação apresentada está relacionada à(ao)

- A** crescimento das taxas de fecundidade.
- B** ampliação das taxas de migrações.
- C** aumento da mortalidade infantil.
- D** elevação da expectativa de vida.

Q.4**(Difor)**

Observe a imagem a seguir:



Disponível em: <https://www.facebook.com/SenadoFederal/posts/desde-o-ano-passado-mais-de-150-mil-venezuelanos-entraram-em-roraima-fugindo-da-/2483215141694326/>

Acessado em: 21 de dez de 2025

Uma causa para o fato apresentado na imagem é a

- A** perseguição religiosa que acontece na maior parte do interior do país.
- B** sequência de desastres naturais que atingiram o litoral caribenho do país.
- C** instabilidade política que se reflete na piora das condições de vida da população.
- D** ascensão de grupos étnicos e políticos apoiados pelas forças militares estadunidenses.

Q.5**(UFPR-Adaptada)**

A seleção de futebol da França, campeã da Copa de 2018, possui mais da metade dos seus jogadores de origem africana e/ou árabe. Desde 1998, a seleção francesa é conhecida em seu país como equipe “black-blanc-beur” (negra, branca e árabe).

Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/selecoes/franca/noticia/20-anos-apos-geracao-black-blanc-beur-de-98-questao-racial-ainda-envolve-a-franca.ghml>

Acessado em: 15 abr. 2025

Uma razão histórica para o fato descrito no texto é a

- A** crescente entrada de imigrantes provenientes de países em conflito étnico na Ásia.
- B** elevada imigração de pessoas oriundas de países em guerra no Oriente Médio e da África.
- C** alta chegada de migrantes vindos de países em crise econômica na América do Norte e Central.
- D** escalada de pessoas oriundas de países em conflito civil pertencentes à antiga União Soviética.

q.6

(Difor)

Número de afegãos que se refugiaram no Brasil no primeiro semestre de 2023 é quase o dobro de 2022 inteiro



Fonte: Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)

Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/numero-de-afegaos-que-se-refugiaram-no-brasil-no-primeiro-semester-de-2023-e-quase-o-dobro-de-2022-inteiro/>

Acessado em: 29/04/2025

A partir da imagem, uma das causas para o fenômeno apresentado corresponde a

A

crise humanitária com a violação dos direitos humanos no país.

B

elevação das tensões raciais entre os principais grupos étnicos.

C

instabilidade política que se expande em função da guerra civil.

D

sequência de desastres naturais que atingiram esse território.



UNIDADE 1 – População Mundial

HABILIDADES	OBJETOS DO CONHECIMENTO
<p>(EF08GE01) Descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes.</p> <p>(EF08GE04) Compreender os fluxos de migração na América Latina (movimentos voluntários e forçados, assim como fatores e áreas de expulsão e atração) e as principais políticas migratórias da região.</p>	<p>Migrações internacionais</p> <ul style="list-style-type: none"> · A dispersão humana pelos continentes · Migrações até meados do século XX · Fluxos migratórios recentes · Refugiados

RESUMO TEÓRICO

Migração Internacional

Migrar corresponde à mobilidade espacial da população, ou seja, é o ato de trocar de país, estado, região, ou até mesmo de domicílio. A migração internacional consiste na mudança de moradia com destino a outro país. Tal ocorrência vem sendo promovida ao longo de muitos anos, a exemplo disso cita-se a migração forçada de africanos no intento de realizarem trabalhos escravos em outros continentes. A partir daí, esses fluxos migratórios internacionais têm se intensificado cada vez mais nas últimas décadas.

O processo de migração internacional pode ser desencadeado por diversos fatores: em consequência de desastres ambientais, guerras, perseguições políticas, étnicas ou culturais, causas relacionadas a estudos em busca de trabalho e melhores condições de vida, entre outros. O principal motivo para esses fluxos migratórios internacionais é o econômico, no qual as pessoas deixam seu país de origem visando à obtenção de

emprego e melhores perspectivas de vida em outras nações.

Conforme relatório de desenvolvimento humano de 2009, realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), aproximadamente 195 milhões de pessoas moram fora de seus países de origem, o equivalente a 3% da população mundial, sendo que cerca de 60% desses imigrantes residem em países ricos e industrializados. No entanto, em decorrência da estagnação econômica oriunda de alguns países desenvolvidos, estima-se que em 2010, 60% das migrações ocorram entre países em desenvolvimento.

Os principais destinos da migração internacional são os países industrializados, entre eles estão: Estados Unidos, Canadá, Japão, Austrália e as nações da União Europeia. Os Estados Unidos possuem o maior número de imigrantes internacionais – dos 195 milhões, 39 milhões residem naquele país.

A migração internacional promove uma série de problemas socioeconômicos. Em

TEXTO CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA ►

face das medidas tomadas pela maioria dos países desenvolvidos no intento de restringir a entrada de imigrantes, o tráfico destes tem se intensificado bastante. No entanto, esses mesmos países adotam ações seletivas, permitindo a entrada de profissionais qualificados e provocando a “fuga de cérebros” dos países em desenvolvimento, ou seja,

 pessoas com aptidões técnicas e dotadas de conhecimentos são bem-vindas.

 Outra consequência é o fortalecimento da discriminação atribuída aos imigrantes internacionais, processo denominado “xenofobia”.

Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/migracao-internacional.htm>. Acessado em: 30 de Dez. 2025



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

(CEFOR)
Texto I



Cidade de Gramado, no Rio Grande do Sul

Disponível em: <https://exame.com/casual/13-cidades-para-voce-se-sentir-na-europa-sem-sair-do-brasil/>

Acessado em: 21/04/2025

Texto II

A cidade de Gramado é um dos destinos mais famosos do inverno brasileiro. A região tem influência italiana e possui um dos principais roteiros gastronômicos e culturais da região Sul do país.

Disponível em: <https://exame.com/casual/13-cidades-para-voce-se-sentir-na-europa-sem-sair-do-brasil/>

Acessado em: 21/04/2025

As informações apresentadas são reflexos da

A

colonização portuguesa sobre o território brasileiro.

B

expansão comercial com os mercados asiáticos.

C

imigração europeia para o país pós colônia.

D

disseminação cultural africana no Brasil.

Q.2**(Difor)**

Observe o mapa a seguir:

CRISE MIGRATÓRIA

Conheça as principais rotas usadas pelos estrangeiros na Europa



Fonte: Graphic News

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/asmais/2015/08/1673912-com-a-chegada-de-mais-de-260-mil-imigrantes-europa-vive-crise-veja-as-consequencias-em-nove-paises.shtml>

Acessado em: 29 de dez de 2025

A interpretação do mapa evidencia que uma das principais rotas de imigração para a Europa é pelo Mar

A

Cáspio.

B

Báltico

C

Vermelho.

D

Mediterrâneo.

Q.3**(Cepros-Adaptada)**

“Líderes das Nações Unidas se preocupam há décadas com o ritmo de crescimento populacional. Há poucos anos, os principais cálculos projetavam a população global atingindo o pico de 9 bilhões até 2070 e recuando para 8,4 bilhões até 2100. Agora está em 7,2 bilhões. Recentemente, a ONU fez uma revisão com alta acentuada desses números: o crescimento da população projeta 9,6 bilhões até 2050, subindo para até 10,9 bilhões até 2100.”

Fonte: Revista Scientific American, Brasil.
Ano 13, janeiro de 2015, p. 82.

Conforme o texto, a expectativa é que a população mundial continue crescendo. De acordo com dados já divulgados, o aumento previsto pela ONU está projetado para a(o)

A

África.

B

norte da Ásia.

C

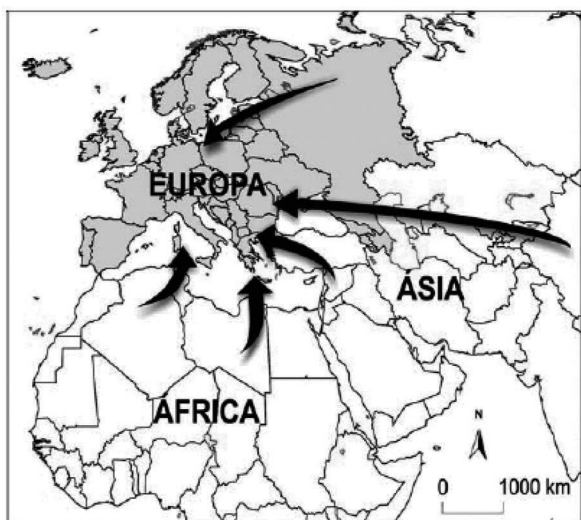
Oriente Médio.

D

América Central.

Q.4 (Difor)

Observe o mapa a seguir:



Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/imigracao-e-refugiados-na-europa/exercicios>

Acessado em: 27 de dez de 2025

Um dos principais fatores que têm levado milhões de pessoas a migrar para a região evidenciada no mapa corresponde a

- A** atração pela cultura e língua europeia.
- B** mudança climática do continente Europeu.
- C** busca por melhores oportunidades de emprego e condições de vida.
- D** vontade de experimentar o estilo de vida europeu no setor de entretenimento.

Q.5 (Difor)

Após anos de guerra, 6,8 milhões de refugiados ucranianos ainda vivem na incerteza

Ela chegou a Londres com apenas uma mala, cheia principalmente de roupas de criança, e sua filha pequena ao seu lado. Com sua casa destruída pela guerra, a mãe ucraniana Yana Felos se viu no Reino Unido em abril de 2022, sem amigos, sem família e sem comunidade.

“Eu apenas comecei uma nova vida do zero”, lembrou Felos, de 34 anos, que fugiu da invasão em grande escala da Rússia para morar com uma família anfitriã – estranhos na época – que se ofereceu para acolher refugiados ucranianos.

Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/apos-anos-de-guerra-68-milhoes-de-refugiados-ucranianos-ainda-vivem-na-incerteza/>

Acessado em 29 de dez de 2025

Considerando as diversas causas que determinam a natureza dos fluxos demográficos, o termo que melhor qualifica o tipo de migração retratado no texto é migração

- A** forçada.
- B** sazonal.
- C** pendular.
- D** espontânea.

Q.6

(Difor)

Deslocamento forçado no mundo
Até junho de 2025, mais de 117,3 milhões de pessoas em todo o mundo foram forçadas a se deslocar devido a perseguições, conflitos, violência, violações de direitos humanos e eventos que perturbaram seriamente a ordem pública.

Essa mudança reflete um aumento acentuado no retorno de refugiados e pessoas deslocadas internamente em algumas das maiores situações de deslocamento do mundo, incluindo Afeganistão, República Democrática do Congo, Sudão e Síria.

Disponível em: <https://www.acnur.org/br/dados-refugiados-no-brasil-e-no-mundo>

Acessado em: 28 de dez de 2025

Um dos principais desafios enfrentados pelos países que recebem um grande número de imigrantes e refugiados é a

- A escassez de alimentos devido ao aumento populacional.
- B dificuldade de integração cultural e a questão da xenofobia.
- C obrigação de oferecer cidadania imediata a todos os imigrantes.
- D necessidade de fornecer ensino superior gratuito para os imigrantes.

**UNIDADE 1 – População Mundial**

HABILIDADES	OBJETOS DO CONHECIMENTO
<p>(EF08GE04) Compreender os fluxos de migração na América Latina (movimentos voluntários e forçados, assim como fatores e áreas de expulsão e atração) e as principais políticas migratórias da região.</p> <p>(EF08GE19) Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas com informações geográficas acerca da África e América.</p>	<p>Migrações no território brasileiro</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aumento do processo de urbanização no mundo e no Brasil. • Industrialização brasileira: tardia

RESUMO TEÓRICO**Migrações Internas no Brasil**

As migrações internas no Brasil intensificaram-se no século XX e estão diretamente ligadas à dinâmica econômica do país.

As migrações internas – também chamadas de migrações inter-regionais – representam as dinâmicas dos fluxos migratórios existentes no interior de um dado território. No caso do Brasil, é possível identificar alguns vetores migratórios que se manifestam desde o período colonial, mas que se intensificaram a partir do início do século XX.

O que se pode notar é que esse processo esteve sempre ligado à dinâmica econômica do país, mas que a composição estrutural também exerceu uma importante influência. Inicialmente, os sistemas de transportes não eram muito avançados, assim como a estrutura das rodovias e ferrovias no país não possibilitava o deslocamento em massa de grande parte da população. Além disso, as baixas condições de vida em boa parte do território e a predominância do trabalho escravo em alguns períodos da história

do país também funcionaram como um dificultador para a ocorrência de grandes fluxos migratórios.

O principal vetor das migrações do Brasil nos últimos tempos foi do Nordeste do país e do Norte de Minas Gerais para as regiões Sudeste e Sul, notadamente as grandes metrópoles, como São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas. Esse fluxo iniciou-se no final do século XIX, mas se consolidou de forma mais acentuada ao longo do século XX, quando o Nordeste conheceu o seu declínio econômico e o Sudeste brasileiro industrializou-se a partir das infraestruturas herdadas da economia cafeeira da região.

Esse vetor migratório ainda existe, mas podemos dizer que ele começou a diminuir a partir da década de 1980. Em 2001, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o número de pessoas saindo do Nordeste rumo ao Sudeste foi, pela primeira vez, menor do que o do sentido contrário. Essa tendência repetiu-se anualmente até 2008.

Essa transformação explica-se pelo fato de o Nordeste vir apresentando novos índices de recuperação econômica e de industrialização. Além disso, a oferta de empregos no setor industrial do Sudeste vem diminuindo graças à migração de

indústrias para o interior do território brasileiro (desconcentração industrial) e pelo fato de o setor secundário oferecer menos empregos em razão do crescente processo de implementação de novas tecnologias no campo produtivo.

Uma dinâmica mais recente da demografia do Brasil vem destacando o papel crescente das regiões Norte e Centro-Oeste a partir da década de 1970. Essa nova composição é, em partes, resultado da política de Marcha para o Oeste iniciada na década de 1940 e dos atrativos de empregos oferecidos por essas regiões e suas metrópoles. Hoje em dia, o maior fluxo migratório no Brasil segue em direção à zona do Brasil Central e ao Amazonas.

Não pare agora... Tem mais depois da publicidade ;)

Contudo, é importante lembrar que as zonas menos habitadas do país não recebem novos migrantes com a mesma velocidade que o Sudeste recebeu outrora. Dados do IBGE confirmam que o número de migrações internas no Brasil caiu 37% nos últimos 15 anos. Isso significa que, à medida que a distribuição industrial e econômica do país acontece, maior a tendência de estabilidade no campo das migrações internas.

Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/migracoes-internas-no-brasil.htm>. Acessado em: 30 de Dez. 2025



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

Observe a imagem a seguir:



*Disponível em: <https://summitmobilidade.estadao.com.br/compartilhando-o-caminho/pendularidade-no-transporte-o-que-e-e-quais-sao-os-seus-efeitos/>
Acessado em: 27 de dez de 2025*

A imagem mostra um fluxo populacional diário denominado

A

nomadismo.

B

êxodo urbano.

C

migração pendular.

D

deslocamento forçado.

Q.2**(Difor)**

Leia o texto a seguir:

Andanças

Cristiane de Oliveira Moura

Sem ter mais como colher,
caçar, pescar e sobreviver.
Meu povo não vai mais poder,
neste local permanecer!

Nos resta agora aqui,
juntar o povo e partir.
Andar, andar, andar...
Saindo a procurar!

Novo local encontrar,
para novamente se ter:
como colher, caçar, plantar,
podendo, de novo...

Sobreviver!

O texto refere-se ao movimento migratório denominado:

A sedentarismo.**B** transumância.**C** êxodo rural.**D** nomadismo.**Q.3****(Difor)**

O sentimento de isolamento dos americanos (...) foi abalado após a década de 1870 por diversos acontecimentos (...). Os líderes políticos começaram a discutir a importância vital do comércio exterior para a continuidade do crescimento econômico. (...) A ideia de expansão imperialista pairava no ar e as grandes potências mediam sua grandeza pelas colônias que adquiriam.

MENDES, Souza R. A. América latina: interpretações da origem do imperialismo norte-americano. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reh/article/view/2316/1408>.

Acesso em: 22 maio 2022. (adaptado)

No período destacado no texto, a América Latina se tornou vital para a economia norte-americana por representar uma

A importante via de consumo de suas matérias-primas.**B** região fornecedora de produtos industrializados.**C** área de dependência econômico-financeira.**D** colônia importadora de produtos agrícolas.

Q.4

(Difor)

Observe a imagem a seguir:
Retratos do Brasil.



Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1518001616_829973.html
Acessado em 29 de dez de 2025

A imagem é reflexo da(o)

- A domínio da sociedade branca e negra no Brasil.
- B predomínio da população indígena e negra no país.
- C miscigenação dos grupos negros, índios e brancos.
- D relação dos dois grupos étnicos dominantes no país.

Q.5

(Difor)

Observe a imagem a seguir:



Disponível em: <https://git.mittoevents.com/git/exodo-rural-no-brasil.html>,
Acessado em: 29 Dez. 2025

A partir da imagem, um dos aspectos impulsionadores do êxodo rural é a

- A implementação de vias rurais.
- B delimitação de áreas indígenas.
- C criação de Unidades de conservação.
- D mecanização das atividades agrícolas.

Q.6

Foi lento o processo de transferência da população para as cidades, pois, durante séculos, o Brasil foi um país agrário. Foi necessário mais de um século para que a urbanização brasileira atingisse a maturidade; e mais um século para que assumisse as características atuais.

ENDLICH, A. M. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (Orgs.). Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e o rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006 (adaptado).

A dinâmica populacional descrita foi impulsionada pelo(a)

A

êxodo rural.

B

transumância.

C

migração pendular.

D

migração intrarregional.



UNIDADE 2 – UM MUNDO DE DIFERENÇAS

HABILIDADES	OBJETOS DO CONHECIMENTO
<p>(EF08GE06) Analisar a atuação das organizações mundiais nos processos de integração cultural e econômica nos contextos americano e africano, reconhecendo, em seus lugares de vivência, marcas desses processos.</p> <p>(EF08GE18) Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação de solos da África</p>	<p>Formas de regionalizar o mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> · Região e regionalização · Regionalização do espaço mundial · Divisão mundial em continentes.

RESUMO TEÓRICO

AS REGIONALIZAÇÕES MUNDIAIS

O conceito de região

Região é o nome dado a uma área que possua uma ou um conjunto de características comuns. Portanto, o conceito de região se refere à diferenciação de áreas.

Sendo assim, as regiões são estabelecidas através de critérios: sociais; econômicos; históricos, culturais; políticos; físicos ou naturais (relevo; clima; vegetação; hidrografia).

Regionalizar é dividir um determinado espaço observando nele suas características comuns, pois assim as diversas realidades são consideradas e por fim, regionalizadas. Desta forma, elaborar uma regionalização mundial significa realizar uma divisão do mundo em conjuntos de países, de acordo com as suas características.

Chamamos de região uma porção de território que apresenta características semelhantes, de acordo com determinados

critérios e classificações. Para estudar o mundo do ponto de vista físico, por exemplo, é feita uma regionalização, ou seja, uma divisão do território com base em elementos como solo, relevo, vegetação etc.

Já para estudar as sociedades e os povos, podemos classificá-los com base em países ou Estados, religiões, línguas, etnias, culturas, desenvolvimento, entre muitos outros aspectos.

A regionalização pode ser feita com base em critérios naturais (clima, hidrografia, vegetação); econômicos (produção industrial ou agrícola, renda *per capita*, uso de tecnologia); políticos (regimes de governo); sociais (taxas de mortalidade e de fecundidade, indicadores sociais, IDH); culturais (religiões, etnias); entre outros.

Por meio das regionalizações, podemos estudar um conjunto de países comparando diferenças e semelhanças e analisando aspectos gerais e particulares.

Entre as formas de regionalização, podemos citar:

1 – Divisão em continentes:

Utiliza como critério a distribuição

TEXTO CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA ►

geográfica dos países pelos continentes da Terra. Regionalizando o mundo desta forma, temos seis continentes: África, Ásia, Europa, América, Oceania e Antártica.

2 - Divisão histórico-geográfica

O critério usado nesta divisão é a história da expansão da colonização europeia em cada continente. De acordo com essa classificação, existem três regiões:

- **Velho Mundo** – formado pela Europa, Ásia e África (área de ocupação mais antiga).

- **Novo Mundo** – descoberto por Cristóvão Colombo em 1492 (formado pela América).

- **Novíssimo Mundo** – descoberto por James Cook em 1770 (formado pela Oceania).

3 - Divisão por sistema político-econômico

O período após a Segunda Guerra Mundial até 1989 ficou conhecido como Ordem Bipolar ou Mundo Bipolar, assim chamado porque o mundo estava dividido entre dois pólos políticos e econômicos opostos, comandados por duas superpotências mundiais: os Estados Unidos e a União Soviética. Os Estados Unidos lideraram os países que adotaram o sistema capitalista. A União Soviética liderava os países que adotaram o sistema socialista.

4 - Divisão por nível de desenvolvimento econômico

Atualmente, vivemos uma nova ordem mundial multipolar, porque há vários países ou conjuntos de países que têm influência nas principais ações mundiais. A União Europeia, os Estados Unidos e o Japão são os centros mundiais de poder político, econômico e tecnológico. Esses países têm-se destacado não mais pela produção de tecnologia bélica, mas pelo seu desenvolvimento científico e tecnológico, aliado à presença de grande capital. Ao mesmo tempo, muitos países continuam a apresentar baixo grau de desenvolvimento social, econômico e tecnológico.

Levando em consideração critérios econômicos e o grau de influência das nações no sistema econômico mundial, foi possível regionalizar o mundo em países desenvolvidos e países subdesenvolvidos.

Disponível em: <https://enem.proenem.com.br/geografia/regionalizacao-mundial-criterios-e-grupos-de-paises>

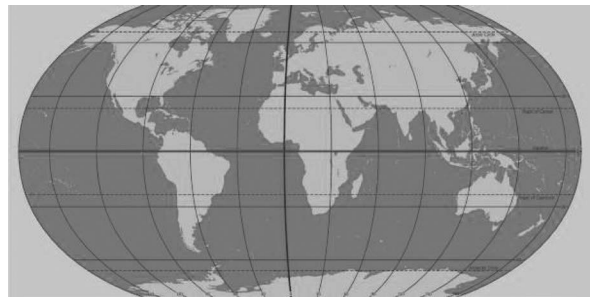


Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

(Difor)

Observe o mapa a seguir:



Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/linha-equador.htm>

Acessado em: 15 de dez de 2025

Dentre os continentes da Terra, aquele que se situa em todos os hemisférios (norte, sul, leste e oeste) do planeta é a

A

América.

B

Europa.

C

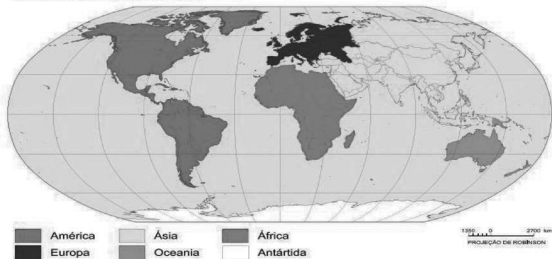
África.

D

Ásia.

Q.2 (Difor)

Divisão dos Continentes



Disponível em: <https://www.google.com/search?q=MAPA+mundial+em+continentes>

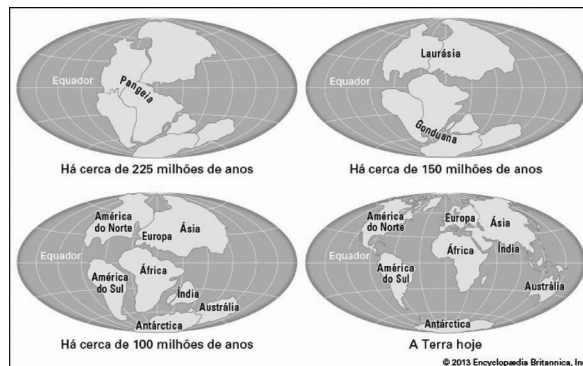
Acessado em: 15 de dez de 2025

O mapa evidencia a divisão mundial por meio do(a)

- A** recorte físico mundial dos continentes.
- B** regionalização planetária na nova ordem mundial.
- C** proposta de regionalização por meio das paisagens naturais.
- D** divisão política do espaço mundial no contexto da guerra fria.

Q.3 (Difor)

Considere a imagem a seguir:



Disponível em: https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental

Acessado em: 16 de dez de 2025

Trata-se de uma regionalização que tem como base na

- A** estrutura da guerra fria.
- B** dinâmica das paisagens naturais.
- C** configuração da nova ordem mundial.
- D** movimentação das placas tectônicas.

Q.4**(Difor)**

Considere a imagem a seguir:



Disponível em: <https://www.goconqr.com/mapamenta/8205823/velha-ordem-mundial>

Acessado em: 16 de dez de 2025

Trata-se de uma regionalização que tem como base a

- A** relação de poder da guerra fria.
- B** dinâmica das paisagens naturais.
- C** configuração da nova ordem mundial.
- D** movimentação das placas tectônicas.

Q.5**(Difor)**

Observe a imagem a seguir:



Disponível em <http://www.tecmundo.com.br/astronomia/15663-o-homem-foi-ou-nao-a-lua-htm>.

Acessado em 17/07/2014.

A imagem mostra a viagem do homem à Lua, em julho de 1969, que representou uma das conquistas científicas de maior repercussão do século XX.

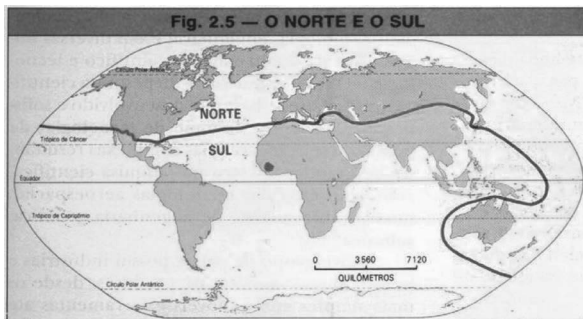
Esse acontecimento teve grande significado geopolítico em função da conjuntura da época, marcada pela

- A** aliança militar entre países não alinhados.
- B** disputa comercial na Nova Ordem mundial.
- C** bipolaridade entre os blocos capitalista e socialista.
- D** coexistência pacífica entre regiões descolonizadas.

q.6

(Difor)

Observe o mapa a seguir:



Fonte: Maria Elena Simielli, *Geografias*, São Paulo, Ática.

Disponível em: <https://imagohistoria.blogspot.com/2012/06/o-mundo-pos-guerra-fria.html>

Acessado em: 16 de dez de 2025

O mapa apresenta a divisão do mundo em dois principais conjuntos: Norte desenvolvido e Sul subdesenvolvido. Nos países do Norte desenvolvidos,

- A a produção industrial utiliza tecnologia atrasada.
- B o setor secundário da economia substitui o setor terciário.
- C a tecnologia é elevada e desenvolvida com mais intensidade.
- D o setor primário ocupa uma posição de destaque na economia.



UNIDADE 2 – UM MUNDO DE DIFERENÇAS

HABILIDADES	OBJETOS DO CONHECIMENTO
<p>(EF08GE08) Analisar a situação do Brasil e de outros países da América Latina e da África, assim como da potência estadunidense na ordem mundial do pós-guerra.</p> <p>(EF08GE18) Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação de solos da África e América.</p>	<p>A velha e nova ordem mundial</p> <ul style="list-style-type: none"> Os sistemas político-econômicos: capitalista e socialista Guerra Fria e a bipolaridade mundial A multipolaridade mundial e a nova ordem internacional

RESUMO TEÓRICO

A Velha Ordem Mundial

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, enquanto a Europa Ocidental ainda se recuperava de duas grandes guerras, o mundo observava o surgimento de duas grandes potências, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e os Estados Unidos da América (EUA). A bipolaridade deste momento e o enfrentamento ideológico com o objetivo de aumentar áreas de influência marcava a Ordem Mundial do período e eram a expressão clara da geopolítica da Guerra Fria.

Neste momento, podemos dividir o mundo em três grandes grupos segundo influência:

- O Bloco Capitalista: Liderados por EUA – Europa Ocidental, América do Norte, Coreia do Sul e Japão.

- O Bloco Socialista: Influenciados pela URSS – Leste Europeu e Balcãs, Cuba, Coreia do Norte e China.

- O Terceiro Mundo: O Grupo que pregava o não alinhamento, pois o terceiro mundo tinha questões mais urgentes para resolver.

Iniciado na conferência de Bandung e tendo como principais figuras Nasser, do Egito, e Tito, da Iugoslávia.

Embora o mundo convivesse sempre na iminência de um desastre nuclear, o equilíbrio pelo medo sempre se fez presente. Uma guerra “quente” entre as duas potências militares do período seria uma ameaça à própria existência do ser humano no planeta, já que os poderes de destruição possuíam uma escala planetária extremamente grande. As estratégias encontradas ficavam no campo da propaganda, no poder da exibição e no patrocínio de outros países para aliviar tensões militares, portanto, podemos destacar as principais estratégias como sendo:

A propaganda através de filmes, séries, quadrinhos e todo tipo de material cultural que possa reforçar o sentimento de “nós” e “eles”. No campo dos quadrinhos, podemos destacar o Capitão América e o Caveira Vermelha como claros exemplos desta estratégia.

A exibição de mísseis, poder tecnológico, bombas e paradas militares com o objetivo de mostrar a superioridade; a corrida armamentista é uma das principais

características do período e diversas armas em circulação hoje foram produzidas neste momento da história.

Nova Ordem Mundial

Logo após a derrubada do muro de Berlim e a posterior dissolução da URSS, o mundo deixou de existir sobre a égide geopolítica da bipolarização e os Estados Unidos se tornam a maior potência militar e econômica do mundo.

Esse momento é marcado também por fatores como: intensa globalização, pelo grande poder de influência estadunidense e, mais do que nunca, dos blocos econômicos e transações comerciais. Assim, podemos destacar que a nova ordem mundial possui as seguintes características:

Globalização

O mundo agora está interligado em diversas frentes, seja economicamente, culturalmente ou politicamente e surgem diversos espaços políticos de mediação e deliberação internacional.

A extrema dependência econômica relativiza o poder militar dos países, tornando a diplomacia a principal estratégia para resolução de conflitos.

Disponível em: descomplica.com.br/blog/quais-sao-as-principais-caracteristicas-da-velha-e-da-nova-ordem-mundial



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

(Difor)

Observe o mapa a seguir:



Disponível em: <https://blogdoenem.com.br/geografia-regionalizacao-mundial-espaco>

Acessado em: 20 de dez de 2025

O mapa anterior ressalta a regionalização do espaço mundial que

A

representa a divisão do mundo a partir da estrutura geológica em continentes.

B

corresponde a divisão mundial no contexto da Guerra Fria quando o mundo era capitalista ou socialista.

C

mostra a divisão natural da Terra em hemisférios Norte e Sul através da estrutura geológica do planeta.

D

ressalta o espaço mundial dividido a partir do nível de desenvolvimento econômico e social dos países.

Q.2**(Difor)**

Observe o mapa a seguir:

PRINCIPAIS BLOCOS ECONÔMICOS DO MUNDODisponível em: <https://aprovatotal.com.br/blocos-economicos/>

Acessado em> 29 de dez de 2025

A organização apresentada no mapa tem como principal finalidade

A

estabelecer acordos militares de proteção mútua contra ameaças externas.

B

promover a junção cultural reduzindo as diferenças regionais entre os países signatários.

C

facilitar a integração entre os governos para unificar os sistemas políticos e jurídicos dos mesmos.

D

reduzir barreiras comerciais e ampliar a circulação de mercadorias, serviços e capitais entre os países-membros.

Q.3**(Adaptada-Facisb)**

Leia o texto a seguir:

Entrou em vigor, no dia 30 de maio de 2019, uma zona de livre-comércio envolvendo praticamente todo o continente africano com o objetivo, entre outros, de diversificar as economias nacionais. “Estamos falando de uma zona de livre-comércio que irá realizar a redução de cerca de 90% das tarifas internas do continente. Isso irá possibilitar que interesses econômicos e empresas possam circular livremente, algo muito importante para o desenvolvimento africano”, avalia Muryatan Santana Barbosa, professor de relações internacionais da Universidade Federal do ABC.

(Tiago Angelo. “O que esperar do tratado de livre-comércio que reúne 52 dos 55 países da África?”. www.brasildefato.com.br, 17.06.2019. Adaptado.)

Caracteriza uma dificuldade para o cumprimento do acordo em vigor a

A

deficiente infraestrutura de transportes intracontinental.

B

dependência regional da exportação de bens industrializados.

C

pequena dimensão dos mercados consumidores no continente.

D

disparidade entre as balanças comerciais dos países-membros.

Q.4 (Adaptada-Enem)

Leia o texto a seguir:

México, Colômbia, Peru e Chile decidiram seguir um caminho mais curto para a integração regional. Os quatro países, em meados de 2012, criaram a Aliança do Pacífico e eliminaram, em 2013, as tarifas aduaneiras de 90% do total de produtos comercializados entre suas fronteiras.

OLIVEIRA, E. Aliança do Pacífico se fortalece e Mercosul fica à sua sombra. O Globo, 24 fev. 2013 (adaptado).

O acordo descrito no texto teve como objetivo econômico para os países-membros

- A promover a livre circulação de trabalhadores.
- B liberar os impostos para incentivar o consumo.
- C aumentar a competitividade no mercado externo.
- D dificultar os investimentos de empresas multinacionais.

Q.5 (Difor)

Os Brics são detentores de mais de 21% do PIB mundial, formando o grupo de países que mais crescem no planeta. Além disso, representam 42% da população mundial, 45% da força de trabalho e o maior poder de consumo do mundo. Destacam-se também pela abundância de suas riquezas nacionais e pelas condições favoráveis que atualmente apresentam para explorá-las.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Brics"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/bric.htm>. Acesso em 02 de março de 2021.

Na Nova Ordem Mundial esse grupo de países citado no texto tem como característica a

- A reunião de países com interesses políticos e econômicos mútuos.
- B adoção de políticas de união monetária entre os países do globo.
- C atuação comercial favorável às políticas econômicas protecionistas.
- D comparação de linhas de produção com baixo investimento tecnológico.

q.6

(Difor)

Observe a imagem a seguir:



Disponível em: <https://www.oas.org/pt/sobre/proposito.asp>

Acessado em 28 de dez de 2025

A imagem é o símbolo de um organismo regional formado por 35 países do continente que tem como objetivo a

- A cooperação tecnológica entre os países-membros.
- B integração no âmbito militar entre os Estados americanos.
- C regulamentação de uma zona de livre-comércio entre os países-membros.
- D cooperação nos âmbitos político, econômico e social entre os Estados americanos.

UNIDADE 2: UM MUNDO DE DIFERENÇAS

HABILIDADES	OBJETOS DO CONHECIMENTO
<p>(EF08GE06) Analisar a atuação das organizações mundiais nos processos de integração cultural e econômica nos contextos americano e africano, reconhecendo, em seus lugares de vivência, marcas desses processos.</p> <p>(EF08GE18) Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação de solos da África e América.</p>	<p>A divisão “Norte – Sul”</p> <ul style="list-style-type: none"> • O mundo desenvolvido e o mundo subdesenvolvido e suas diferenças econômicas e sociais. • Países emergentes

RESUMO TEÓRICO

Norte e Sul Global é uma regionalização do mundo a partir dos aspectos econômicos, de desenvolvimento humano e políticos dos países.

A terminologia foi empregada pela primeira vez no final da década de 1960 por Carl Oglesby, mas se tornou mais popular depois da publicação do Relatório Brandt em 1980. Essa regionalização não tem a ver com a localização dos países em hemisférios. A Austrália, por exemplo, pertence ao Norte Global.

A maior parte da Ásia, a América Central e do Sul e a África são regiões e continentes que estão situados no Sul Global.

O Norte Global reúne as maiores economias do mundo, além de países com baixa desigualdade socioeconômica e alto poder de influência política.

O Sul Global reúne países com baixo ou médio desenvolvimento e com elevada desigualdade socioeconômica, variando quanto à economia e influência política.

O que é o norte e sul global?

Norte e Sul global são **conceitos que estabelecem uma regionalização do mundo** a partir dos aspectos econômicos, do desenvolvimento humano e da influência

política dos países. Apesar do emprego de termos que nos remetem aos diferentes hemisférios delimitados pela Linha do Equador, não existe precisão geográfica quanto à localização dos países que são pertencentes a cada um desses grupos. Inclusive, é válido mencionar que, desde o seu surgimento, os conceitos de Norte e Sul global passaram pela reinterpretação de vários autores de diferentes áreas, sobretudo da Geografia, alterando, com isso, os critérios para a classificação.



Divisão do mundo pela Linha de Brandt, que separou os países desenvolvidos (acima da linha) dos países em desenvolvimento (abaixo da linha).

Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/regionalizacao-norte-sul.htm>

Acessado em: 22 de dez. de 2025



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

(Difor)

Observe a tabela a seguir:

BRASIL TERMINA 2023 COMO A 9ª MAIOR ECONOMIA DO MUNDO

ranking do PIB das maiores economias mundiais

	país	PIB 2023 (US\$ tri)	variação anual (%)	posição no ranking (ante 2022)
1º	EUA	26,9	2,5	↔ 0
2º	China	17,7	5,2	↔ 0
3º	Alemanha	4,4	-0,3	↕ +1
4º	Japão	4,2	1,9	↕ -1
5º	Índia	3,7	6,7	↔ 0
6º	Reino Unido	3,3	0,5	↔ 0
7º	França	3,0	0,8	↔ 0
8º	Itália	2,2	0,7	↕ +2
9º	Brasil	2,2	2,9	↕ +2
10º	Canadá	2,1	1,1	↕ -2

*dados consideram estimativas do FMI (Fundo Monetário Internacional)
fonte: Austin Rating



1º mar. 2024

Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2024/03/pib-paises-ranking-drive-1-mar-2024-01.png>

Acessado em: 29/04/2025

Segundo a da tabela, o país que apresenta o dobro do PIB brasileiro em 2023, e uma causa para isso, é a(o)

A

Índia – Maior nível de competitividade.

B

China – Grande potencial em inovação.

C

Alemanha – Alto investimento em pesquisas.

D

Japão – Elevado desenvolvimento tecnológico.

Q.2

(Difor)

Leia o texto a seguir:

Desafios econômicos e desemprego
O continente africano apresenta os maiores índices de extrema pobreza do mundo, com 23 dos 28 países mais pobres do planeta registrando taxas acima de 30%. Utilizando a linha de pobreza de US\$1,90 por dia, a taxa de extrema pobreza na África foi estimada recentemente em cerca de 35,5%. Essa taxa é 6,8 vezes maior que a média do resto do mundo.

Disponível em: <https://outreach-international.org/blog/poverty-in-africa/>

Acessado em: 29 de dez de 2025

Um reflexo da situação descrita no texto é a(o)

A

elevada taxa de esperança de vida ao nascer.

B

pequena ocorrência de mortalidade infantil.

C

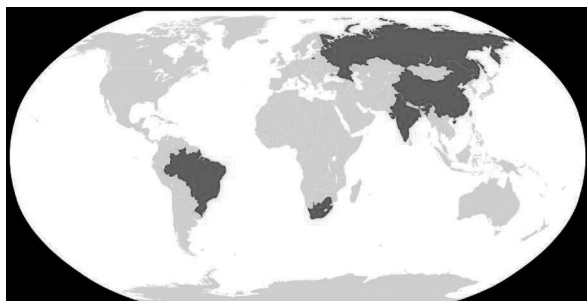
grande acesso aos serviços de saneamento.

D

baixo índice de desenvolvimento humano.

Q.3**(Difor)**

Observe o mapa a seguir:



Disponível em: https://www.google.com/search?sca_esv

Acessado em 28 de dez de 2025

Os países em destaque no mapa, juntos são membros da(o)

A

APEC

B

NAFTA

C

BRICS

D

Mercosul

Q.4**(Difor)**

Leia o texto a seguir:

Os mercados (países) emergentes também tendem a 'ultrapassar' a infraestrutura que atrasa os mercados desenvolvidos, adotando sistemas digitais, incluindo a liquidação com *stable coins*, mais rapidamente do que os mercados com infraestrutura legada consolidada.

Disponível em: <https://br.tradingview.com/news/cointelegraph:815aa5021bc81:0/>

Acessado em: 26 de dez de 2025

Uma característica desses países corresponde ao

A

acentuado crescimento econômico nos últimos tempos.

B

cenário de diminuição das exportações em nível local.

C

diminuto índice de desigualdade social da população.

D

pequeno produto interno bruto das suas economias.

q.5**(Difor)**

Leia o texto a seguir:

Relatório sobre o Estado das Cidades Mundiais 2008/09, divulgado ontem pela Organização das Nações Unidas (ONU), mostra que a desigualdade nas maiores cidades da América Latina está no mesmo nível de um conjunto de 26 cidades do continente africano. O início do capítulo "Harmonia Social", que traz a comparação, é ilustrado por uma foto que mostra um prédio com varandas e quadra de tênis separado de uma favela por um muro, em São Paulo.

Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/brasil-e-africa-no-mesmo-nivel-b8nawhtv0l5gsrcmxmgfxnhff2/>
Acessado em: 30 de dez de 2025

Um fenômeno comum entre as cidades citadas é o

- A** cenário de planejamento urbano das metrópoles.
- B** desenvolvimento de políticas públicas em moradia.
- C** processo de homogeneização das grandes cidades.
- D** crescimento desordenado dos seus centros urbanos.

q.6**(Difor)**

Observe a imagem a seguir:



Disponível em: <https://prof-getulio-nascimento.webnode.page/news/o-subdesenvolvimento>

Acessado em: 29 de dez de 2025

Uma causa e o continente onde a imagem é mais comum, corresponde a

- A** concentração da renda – Oceania.
- B** capital das grandes empresas – Europa.
- C** má distribuição de riqueza – América Latina.
- D** concentração do capital – América Anglo saxônica.



UNIDADE 2: UM MUNDO DE DIFERENÇAS

HABILIDADES	OBJETOS DO CONHECIMENTO
<p>(EF08GE06) Analisar a atuação das organizações mundiais nos processos de integração cultural e econômica nos contextos americano e africano, reconhecendo, em seus lugares de vivência, marcas desses processos.</p> <p>(EF08GE20) Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valorização na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.</p> <p>(EF08GE19) Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas com informações geográficas acerca da África e América.</p>	<p>Indicadores de desenvolvimento</p> <ul style="list-style-type: none"> Regionalização com base no nível de desenvolvimento Produto Interno Bruto (PIB) Indicadores sociais: IDH e IPM

RESUMO TEÓRICO

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é um indicador que mede o nível de desenvolvimento humano de um país. Para isso, utiliza três elementos: renda, saúde (expectativa de vida) e educação (escolaridade).

Criado pela ONU em 1990, o IDH permite comparar índices e países e, a partir disso, realizar escolhas governamentais conscientes para a vida das pessoas.

O IDH varia de 0 a 1, quanto mais próximo de 0, pior o IDH, e quanto mais próximo de 1, melhor o índice.

No cálculo do IDH, considera-se quanto tempo as pessoas vivem (expectativa de vida), a média de anos de estudo e a renda por pessoa (per capita). Isso permite uma visão mais geral da realidade de um país.

Para realizar o cálculo do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), três fatores são considerados: educação, saúde e economia.

Educação

Esse ponto é calculado através da combinação de duas medidas: média de anos de estudo e anos esperados de escolaridade.

Expectativa de vida

O cálculo para a Saúde leva em consideração a expectativa de vida ao nascer de uma população. Para este cálculo, a ONU utiliza o limite mínimo de 20 anos e o máximo de 85 anos como parâmetros globais.

Renda per capita

Para o cálculo da renda é utilizado quanto, em média, cada habitante de um país recebe ao longo de um ano. Para isso

TEXTO CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA ►

é levado em conta toda renda gerada pelos cidadãos e empresas nacionais dentro e fora do país.

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/indice-de-desenvolvimento-humano-idh/>
Acessado em 22 de dez. de 2025

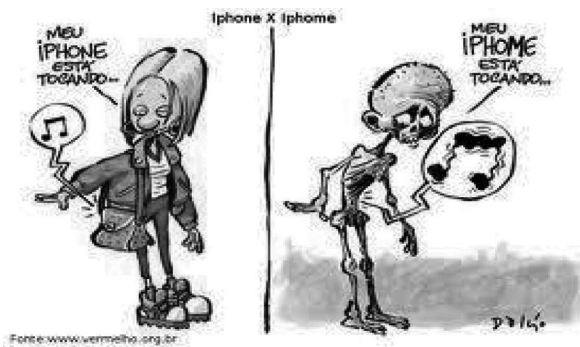


Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

(Difor)

Observe a imagem a seguir.



Fonte: www.vermelho.org.br

Disponível em: <https://www.google.com/search?q=charge+sobre+a+desigualdade+social&sc>

Acessado em: 09 de out de 2023

A situação descrita está relacionada

A

ao nível de desenvolvimento econômico e social dos países, onde na África o avanço tecnológico é maior do que na América Anglo saxônica.

B

as diferenças históricas, econômicas e sociais entre os países, onde a situação de desigualdade é maior nas nações subdesenvolvidas.

C

a má distribuição da riqueza no mundo, pois nos países desenvolvidos como na América Latina a renda é distribuída para atender a população.

D

aos fatores naturais, como o clima que dificulta um maior crescimento econômico dos países subdesenvolvidos aumentando a desigualdade social.

Q.2

(Difor)

Observe a foto a seguir:



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DGoFD5xJ4y0/>

Acessado em: 17 de dez de 2025

Assinale a alternativa que indica o continente mais comum de acontecer e a causa para a situação:

A

África – má distribuição de riqueza.

B

Oceania – concentração da renda.

C

Europa – capital das grandes empresas.

D

América Anglo saxônica – concentração da renda.

Q.3**(Difor)**

A baixa alfabetização afeta 758 milhões de adultos no mundo, dos quais 115 milhões têm entre 15 e 24 anos. Esse público não sabe ler nem escrever frases simples, o que afeta negativamente sua participação e desempenho em programas de educação para jovens e adultos (EJA). A conclusão é do 3º relatório global da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) sobre Aprendizagem e Educação de Adultos. Lançado na quarta-feira (15), na sede do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o documento recebeu contribuições de 139 países que se disponibilizaram a participar da pesquisa da agência da ONU.

Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/75776-unesco-758-milh%C3%B5es-de-adultos-n%C3%A3o-sabem-ler-nem-escrever-frases-simples>

Acessado em: 16 de dez de 2025

É mais provável que o texto anterior possa ser aplicado a milhões de pessoas que vivem na

A

África e América Anglo-Saxônica.

B

Ásia Meridional e América.

C

América Latina e Europa.

D

África e América Latina.

Q.4**(Difor)**










Observe o gráfico a seguir

O ranking dos países

OS 10 PRIMEIROS

	Suíça	0,967
	Noruega	0,966
	Islândia	0,959
	Hong Kong	0,956
	Dinamarca	0,952
	Suécia	0,952
	Alemanha	0,950
	Irlanda	0,950
	Cingapura	0,949
	Austrália	0,946

OS 10 ÚLTIMOS

	Serra Leoa	0,458
	Burkina Faso	0,438
	Iêmen	0,424
	Burundi	0,420
	Mali	0,410
	Chade	0,394
	Nigéria	0,394
	Rep. Centro-Africana	0,387
	Sudão do Sul	0,381
	Somália	0,380

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano 2023/2024

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2024/03/13/por-que-a-suica-tem-o-maior-idh-do-mundo.ghtml>

Acessado em: 18 de dez de 2025

Fazendo uma análise da distribuição espacial do IDH no mundo como mostra o gráfico, percebe-se que o continente que possui os menores valores de IDH no cenário mundial é a

A

Ásia.

B

África.

C

Oceania.

D

América Latina.










Q.5**(Difor)**

Observe o gráfico a seguir

O ranking dos países**OS 10 PRIMEIROS**

	Suíça	0,967
	Noruega	0,966
	Islândia	0,959
	Hong Kong	0,956
	Dinamarca	0,952
	Suécia	0,952
	Alemanha	0,950
	Irlanda	0,950
	Cingapura	0,949
	Austrália	0,946

OS 10 ÚLTIMOS

	Serra Leoa	0,458
	Burkina Faso	0,438
	Iêmen	0,424
	Burundi	0,420
	Mali	0,410
	Chade	0,394
	Nigéria	0,394
	Rep. Centro-Africana	0,387
	Sudão do Sul	0,381
	Somália	0,380

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano 2023/2024

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2024/03/13/por-que-a-suica-tem-o-maior-idh-do-mundo.ghtml>

Acessado em: 18 de dez de 2025

O ranking dos dez países mais bem colocados evidenciado no gráfico, mostra uma hegemonia dos países da

A América do Norte

B Oceania.

C Europa

D Ásia.

Q.6**(Difor)**

Observe a imagem a seguir:



Disponível em: <https://www.hiroshibogea.com.br/38001-2>

Acessado em: 29 de dez de 2025

Uma consequência para o tipo de moradia apresentada na imagem é a

A ampliação do número de idosos.

B elevada desigualdade social.

C grande longevidade local.

D alta expectativa de vida.

★ RECOMPOSIÇÃO DAS APRENDIZAGENS ★

CADERNO DO ESTUDANTE

HISTÓRIA

3^a SÉRIE
DO ENSINO MÉDIO

VOL. 1



SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO



GOVERNO DO
PARÁ

Organização

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

HELDER ZAHLUTH BARBALHO
GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ

HANA GHASSAN TUMA
VICE-GOVERNADORA DO ESTADO DO PARÁ

RICARDO NASSER SEFER
SECRETÁRIO DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SEDUC

JÚLIO CÉSAR MEIRELES DE FREITAS
SECRETÁRIO ADJUNTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA
SAEB

RAIMUNDO CORREA DE OLIVEIRA
DIRETOR DE FORMAÇÃO - DIFOR

DIONÍSIO JOSÉ DA COSTA SÁ
COORDENADOR DE FORMAÇÃO DOS
PROFISSIONAIS DO MAGISTÉRIO

LILIAN CELINA GUEDES DE ASCUI
COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO

ARTUR ALVES PINHEIRO
DESIGNER

EQUIPE DE ELABORAÇÃO

Júlio César Meireles de Freitas
Coordenador Geral

Raimundo Correa de Oliveira
Coordenador de Produção

Dionísio José da Costa Sá
Coordenador de Elaboração

Silvaney Fonseca Ferreira Seabra
Coordenadora de Revisão

Cláudia Regina Bezerra Ferreira
Coordenadora de Apoio Institucional

Elaboradores

Edilson Mateus Costa da Silva
Professor Formador da DIFOR

Liliane do Socorro Cavalcante Goudinho
Professor Formador da DER Belém 02

Rui Jorge Moraes Martins Júnior
Professor Formador da DRE Ananindeua 04

Sumário

Semana 1: Fontes Históricas	08
Resumo Teórico	08
Aprofundamento das aprendizagens	09
Semana 2: Crítica ao Eurocentrismo	13
Resumo Teórico	13
Questões/itens	14
Semana 3: A Modernidade como Projeto Histórico-Conceitual I	19
Resumo Teórico	19
Aprofundamento das aprendizagens	20
Semana 4: A Modernidade como Projeto Histórico-Conceitual II	24
Resumo Teórico	24
Aprofundamento das aprendizagens	25
Semana 5: Concepções históricas, culturais e políticas	30
Resumo Teórico	30
Aprofundamento das aprendizagens	31
Semana 6: Os impactos das Grandes Navegações	34
Resumo Teórico	34
Aprofundamento das aprendizagens	35
Semana 7: Imperialismo do século XIX	39
Resumo Teórico	39
Aprofundamento das aprendizagens	40
Semana 8: Amazônia: populações, mercadorias, capitais e deslocamentos	45
Resumo Teórico	45
Aprofundamento das aprendizagens	46
Referências	52



Apresentação

Seja bem-vindo ao **Caderno 1 de História**. Este material foi preparado com muito cuidado pela equipe de professores da Secretaria de Educação do Estado do Pará, reunida para acompanhar você nesta etapa decisiva do Ensino Médio.

Aqui, não vamos somente decorar datas ou nomes de heróis. O objetivo deste volume é convidar você a pensar como um historiador, questionando “verdades” erroneamente estabelecidas e compreendendo como o passado influencia o nosso presente.

O que você vai encontrar neste caderno?

Preparamos uma jornada de 8 semanas que vai do conceito de História até a nossa realidade amazônica: nas primeiras semanas, vamos entender como a História é construída. Você perceberá que nenhum documento é neutro, assim como a memória e as fontes orais são tão importantes quanto os papéis oficiais; vamos criticar a visão de que a Europa é o centro do mundo (eurocentrismo) e entender como vemos a “Pré-História” e os povos não europeus; estudaremos como o mundo moderno foi montado, discutindo conceitos de “civilização vs. barbárie”, o projeto de urbanização e as revoluções que prometeram (mas nem sempre entregaram) cidadania e direitos para todos; analisaremos a escravidão transatlântica e do imperialismo, entendendo como o capitalismo se alimentou da exploração humana e como o racismo foi usado como ferramenta de poder; por fim, na semana 8, traremos o foco para a nossa região. Vamos estudar a Amazônia não como um “vazio”, mas como um espaço de agência indígena, de disputas econômicas e de uma *Belle Époque* que precisa ser olhada para além da fachada de luxo.

Como usar este material?

Cada semana conta com um **Resumo Teórico**, que sintetiza os conceitos-chave, seguido de **Questões/Itens** no estilo do ENEM e vestibulares. Use os resumos para revisar a matéria e as questões para testar seu conhecimento e capacidade de interpretação.

Lembre-se: a História é uma construção contínua e, agora, você é parte ativa desse movimento.

Bons estudos!



RESUMO TEÓRICO

A História não é simplesmente o registro do passado; ela é uma construção intelectual que se transforma continuamente. O passado em si é imutável, os eventos ocorreram e não podem ser alterados, mas o conhecimento histórico sobre esses eventos está sempre em movimento. Cada geração de historiadores lança um novo olhar sobre o passado, formulando perguntas diferentes, utilizando métodos inovadores e descobrindo novas fontes. Marc Bloch, um dos grandes historiadores do século XX, ressalta que a História não é uma “ciência de museu”, cujo papel se limita a catalogar documentos e preservá-los. Pelo contrário, a História é dinâmica: sua função central é interpretar, reconstituir e compreender os acontecimentos em contextos específicos, reconhecendo que a leitura do passado depende do presente em que se encontra o historiador. Esse caráter dinâmico da História implica que nenhum documento histórico é definitivo por si só. O historiador não atua como uma máquina que apenas lê fatos imutáveis; ele deve analisar criticamente cada fonte, considerando o contexto social, político e cultural em que foi produzida, bem como os possíveis silenciamentos e interesses que moldaram seu conteúdo. Jacques Le Goff utiliza a expressão “documento-monumento” para ilustrar essa ideia: cada registro histórico, seja um texto, uma pintura, um mapa ou um registro oficial, é uma construção social e simbólica, resultado de escolhas conscientes ou inconscientes da sociedade que o produziu. Os documentos revelam tanto o que uma comunidade desejava registrar e transmitir quanto aquilo que deliberadamente silenciou ou omitiu. Por isso, compreender a História exige uma leitura crítica que vá além da superfície,

identificando o poder, as relações sociais e as representações de si mesmas que diferentes sociedades desejavam perpetuar.

O estudo das fontes históricas também avançou ao longo do tempo. Tradicionalmente, a historiografia valorizava sobretudo as fontes escritas, como registros oficiais, cartas, diários e jornais. No entanto, no século XX, correntes historiográficas como a Escola dos Annales e a chamada “Nova História” ampliaram significativamente esse conceito, incluindo fontes imateriais ou orais: memórias, relatos de vida, gestos, tradições e práticas culturais. Alessandro Portelli destaca que as fontes orais não são “encontradas” prontas; elas são criadas tanto pelo historiador, quanto pelo narrador. Esse processo permite acessar não somente o que as pessoas fizeram, mas também como interpretam suas ações, o que desejavam realizar e como lembram desses eventos, oferecendo uma perspectiva singular sobre o cotidiano, a mentalidade e a experiência de diferentes grupos sociais. Essa ampliação do conceito de fontes está diretamente ligada à compreensão da História como um saber situado, isto é, condicionado pelo contexto histórico, social e institucional em que é produzido.

O historiador não aborda um ponto neutro, capaz de observar o passado “de fora”; ele está inserido em seu próprio tempo, com suas questões, interesses e valores. Essa consciência leva à valorização da pluralidade de vozes e experiências, incluindo aquelas que foram historicamente silenciadas, como as de trabalhadores, mulheres, populações colonizadas e minorias culturais. Ao mesmo tempo, permite entender que a História não se limita a fatos e datas, mas também envolve interpretações, significados e subjetividades, refletindo a complexidade das sociedades humanas.

Em suma, a prática historiográfica contemporânea combina crítica das fontes, sensibilidade para as perspectivas múltiplas e atenção aos silenciamentos, reconhecendo que a compreensão do passado depende das perguntas feitas pelo presente. O conhecimento histórico é, portanto, uma construção contínua, marcada pela interação entre documentos, memórias e contextos, que exige do historiador rigor analítico, sensibilidade interpretativa e consciência das relações de poder presentes em cada narrativa histórica.



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

“O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa. Para quem duvidasse, bastaria lembrar o que, há pouco mais de um século, aconteceu sob nossos olhos. Imensos contingentes da humanidade saíram das brumas. O Egito e a Caldéia sacudiram suas mortalhas. As cidades da Ásia central revelaram suas línguas, que ninguém mais sabia falar, e suas religiões, há muito extintas”.

(BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício de historiador. Jorge Zahar, Editor Rio de Janeiro, 2002. p. 75).

Qual princípio fundamental da prática historiográfica é enfatizado no excerto acima?

A

A função da história de catalogar e preservar as peças documentais, sem se envolver com a reinterpretação dos eventos históricos ao longo do tempo.

B

O caráter estático e definitivo do conhecimento do passado, que se fixa no momento em que os documentos originais são descobertos e publicados.

C

A primazia das fontes escritas originais, consideradas a única base segura para a objetividade total do conhecimento histórico, independentemente do contexto.

D

A natureza dinâmica e reconstrutiva da História, na qual novas perguntas, fontes e métodos constantemente reconfiguram a compreensão do que já passou.

E

A impossibilidade de se alcançar qualquer conhecimento factual sobre eventos pretéritos devido à subjetividade inevitável do historiador e à ausência de fontes.

Q.2

“É certo que precisou haver um longo e complexo desenvolvimento historiográfico até que se chegasse ao momento em que, para além dos documentos e fontes concretizadas em papel ou qualquer outro material, fossem também admitidas as “fontes imateriais” como campos de evidências das quais poderia o historiador se valer. De todo modo, pode-se dizer que, na atualidade, não há praticamente limites para um historiador quanto às suas possibilidades de transformar qualquer coisa em fonte histórica. Um repertório de gestos, por exemplo, pode ser revelador de permanências do passado”.

(BARROS, J. D. Fontes históricas: uma introdução aos seus usos historiográficos. In: Encontro Regional de História ANPUH-RJ – História e Parcerias, 2019, Rio de Janeiro)

A superação das “fontes concretizadas em papel” e a valorização das “fontes imateriais” na historiografia contemporânea, conforme indicado no texto, estão diretamente associadas ao movimento de renovação metodológica que buscou:

- A** Retornar ao modelo positivista do século XIX, que defendia o documento escrito como a única prova irrefutável da existência do passado.
- B** Adotar uma perspectiva econômica e política restrita, desconsiderando as experiências subjetivas e as práticas culturais da vida cotidiana.
- C** Consolidar a História como uma ciência exata e inquestionável, eliminando a subjetividade do historiador na interpretação dos vestígios.

D

Engajar-se em uma abordagem cultural, interdisciplinar e social, que permite o estudo das classes subalternas e dos temas antes invisibilizados, como a mentalidade e as emoções.

E

Ignorar a História Oral, uma vez que a memória e os relatos pessoais são considerados subjetivos e não podem ser transformados em “evidências”.

Q.3

“O historiador não pode escamotear o lugar histórico e social de onde fala, e o lugar institucional onde o saber histórico se produz. Por isso, a História como metanarrativa, está em crise”.

(ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado, Bauru, SP: UduSC, 2007, p. 61).

Essa perspectiva está associada, no debate historiográfico contemporâneo, à

A

defesa da História como ciência exata, capaz de produzir verdades universais e atemporais.

B

valorização das metanarrativas como forma de garantir unidade e coerência à explicação histórica.

C

compreensão da História como um saber situado, condicionado por contextos e disputas sociais.

D

negação da possibilidade de produção de conhecimento histórico rigoroso e científico.

E

substituição da análise histórica pela memória individual como principal forma de interpretação do passado.

Q.4

A metanarrativa se faz a partir de um sujeito de discurso que, a pretexto de falar do lugar da ciência, sobrevoaria a História e poderia falar de fora dela, ter uma visão global, de conjunto e não comprometida com os embates do momento.”

(ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*, Bauru, SP: UduSC, 2007, p. 61).

Ao afirmar que a História como metanarrativa está em crise, o autor critica a ideia de um sujeito do discurso capaz de “sobrevoar” a História e falar de fora dela. Essa crítica está relacionada, no contexto das transformações do pensamento histórico, à

A

consolidação do positivismo histórico, que busca leis gerais para explicar o passado.

B

ampliação das abordagens pluralistas, que reconhecem múltiplas interpretações do processo histórico.

C

retomada da história factual, centrada nos grandes acontecimentos e personagens.

D

defesa de uma narrativa única como forma de evitar o relativismo histórico.

E

rejeição completa da noção de ciência aplicada ao estudo da História.

Q.5

“Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontradas, mas cocriadas pelo historiador. Elas não estão lá, esperando no arquivo ou na gaveta; é preciso que o pesquisador vá até elas, e que o narrador concorde em falar”.

(PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte de escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 10 e 21.)

A esse respeito, assinale a alternativa correta sobre a especificidade das fontes orais:

A

As fontes orais são caracterizadas pela sua “cocriação”, resultando da interação entre o pesquisador e o entrevistado, o que permite acessar a subjetividade, os desejos e as interpretações dos habitantes sobre as mudanças em seus bairros ou comunidades.

B

A principal função da fonte oral é confirmar a veracidade dos documentos escritos, servindo como uma prova judiciária para corrigir erros de datas e nomes nos registros oficiais de urbanização.

C

Por dependerem da memória, as fontes orais são consideradas cientificamente inválidas para o estudo de fluxos populacionais, devendo ser utilizadas apenas como ilustração literária em trabalhos acadêmicos.

D

As fontes orais, diferentemente das escritas, são imunes às influências do presente, pois a memória do entrevistado preserva o passado intacto, sem alterações decorrentes do momento da entrevista.

TEXTO CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA ►

E

A “cocriação” mencionada pelo autor refere-se ao fato de o historiador inventar as falas do entrevistado para preencher lacunas na documentação escrita sobre a industrialização das cidades.

Q.6

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. [...] O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias.

(LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 538).

O historiador deve considerar a advertência de Jacques Le Goff sobre a natureza “monumental” do documento. Devemos, portanto, considerar que

A

Os documentos escritos oficiais são fontes objetivas e neutras, pois registram os fatos exatamente como ocorreram, permitindo uma reconstrução fiel e imparcial do passado urbano.

B

A análise histórica deve tratar o documento escrito apenas como um repositório de dados estatísticos, ignorando as intenções políticas de quem o produziu, pois estas não afetam a veracidade das informações.

C

O documento escrito deve ser compreendido como um produto das relações de poder de sua época, revelando não apenas fatos, mas também a autoimagem que as elites ou grupos dominantes desejavam perpetuar sobre a organização da cidade.

D

As fontes escritas são inferiores às fontes orais no estudo da urbanização, pois apenas a memória oral é capaz de revelar a verdade histórica sem manipulações ou esquecimentos.

E

O conceito de “documento-monumento” sugere que os historiadores devem descartar documentos que apresentam viés ideológico, utilizando apenas aqueles comprovadamente isentos de intencionalidade política.



RESUMO TEÓRICO

A historiografia tradicional utilizou, por muito tempo, a escrita como critério central para definir o que é História, criando uma divisão entre “História” e “Pré-História”. Segundo Robert J. Braidwood, a pré-história refere-se ao período anterior ao desenvolvimento da escrita, que surgiu há cerca de cinco mil anos, provavelmente no Crescente Fértil. No entanto, essa visão apresenta problemas significativos: a escrita não surgiu simultaneamente em todas as regiões do mundo, e considerar apenas sociedades letradas como históricas reproduz um etnocentrismo europeu. O termo “Pré-História” foi formulado no século XIX, época marcada pelo Positivismo e pelo pensamento evolucionista europeu, que entendia a História como um progresso linear centrado na experiência europeia. A crítica contemporânea a esse conceito busca desconstruir a matriz eurocêntrica que hierarquiza culturas e valoriza apenas sociedades com escrita. Ao ampliar o conceito de fonte histórica, incluindo vestígios arqueológicos, tradições orais, paisagens transformadas e objetos materiais, é possível analisar as complexas relações de produção, poder e reprodução da vida em sociedades ágrafas, como as populações indígenas brasileiras antes de 1500. Essas sociedades construíram estradas, desenvolveram a agricultura, domesticaram plantas e transformaram profundamente o espaço geográfico, evidenciando que História não se faz apenas com documentos escritos, mas com todos os vestígios que registram a ação humana no tempo.

A periodização clássica da História, dividida em Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, também é alvo de críticas eurocêntricas. Ao tomar eventos europeus, como a Revolução Industrial ou as Revoluções Burguesas, como marcos universais, esta periodização desconsidera trajetórias autônomas de outros continentes e legítima

uma visão de mundo que vê o Ocidente como motor do progresso. A perspectiva decolonial propõe desnaturalizar conceitos como “atraso” ou “subdesenvolvimento”, analisando os processos de urbanização, industrialização e transformação espacial nas regiões periféricas como resultados específicos das relações de poder e das dinâmicas locais, e não como cópias incompletas do modelo europeu. O conceito de raça, como analisado por Aníbal Quijano, ilustra como o eurocentrismo estruturou a sociedade colonial. Na América Latina, a construção de identidades como “índio”, “negro” e “mestiço” esteve vinculada à organização do trabalho e à hierarquização social. O trabalho forçado ou servil foi direcionado prioritariamente às populações racializadas como não brancas, enquanto populações brancas ocupavam funções assalariadas ou de controle. Essa divisão racial moldou o espaço rural e urbano, criando desigualdades estruturais que persistem até hoje.

Edward Said, em sua obra *Orientalismo*, destaca que o eurocentrismo também opera no campo do imaginário cultural. A divisão entre Ocidente e Oriente não é apenas geográfica, mas discursiva: o Oriente é construído como exótico, atrasado e passivo, enquanto o Ocidente se apresenta como racional e desenvolvido. Essa visão legitima a intervenção e o controle europeu sobre outras regiões, mostrando que a produção do espaço e da História está ligada a relações de poder e dominação. Autores como Lucien Febvre e Pedro Paulo Funari reforçam que a História deve ser entendida como a ciência dos homens no tempo, não restrita à escrita. O estudo da cultura material, das tradições orais, das transformações do espaço e das práticas sociais permite compreender sociedades ágrafas em sua complexidade, reconhecendo suas formas de produção, organização social e relações de poder. Valorizar apenas a escrita como critério histórico serviu aos interesses coloniais,

legitimando a expropriação de territórios e a imposição de modelos europeus de civilização.

Em resumo, a crítica ao eurocentrismo e à periodização tradicional amplia a compreensão da História e das transformações sociais e espaciais. Permite estudar os processos de produção, poder e reprodução da vida de sociedades com ou sem escrita, reconhecendo trajetórias diversas e questionando narrativas que naturalizam a superioridade do Ocidente. Essa abordagem fortalece uma perspectiva decolonial, mais inclusiva, plural e capaz de analisar as relações históricas de forma crítica e contextualizada.



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

“Segundo Robert J. Braidwood (1974), a pré-história significa o tempo antes de a História começar a ser escrita. Ou seja, mais de 99% da trajetória humana se encontra na pré-história. Certamente, o homem enquanto ser pensante, caminha pela terra há pelo menos dois milhões de anos, porém só veio a desenvolver a escrita há cerca de cinco mil anos, provavelmente no crescente fértil. Entretanto, essa ideia é bastante criticada por ter dois grandes problemas; a saber, a escrita não surgiu em todos os lugares ao mesmo tempo e, em seguida o etnocentrismo resultante do ato de considerar apenas a escrita como fator cultural determinante para decidir, de forma arbitrária, quem se situa na história ou quem está à margem dela”.

(OLIVEIRA, Matusalém Alves; SALES, Matheus Gleydson do Nascimento (orgs.). *Diálogos sobre pré-história: mente, cultura e sociedade*. Campina Grande: Editora Antropus, 2022, p.27)

A principal implicação dessa desconstrução para o estudo das transformações sociais e espaciais reside na

A

Priorização exclusiva das fontes materiais (arqueológicas) sobre as fontes orais, garantindo maior objetividade aos estudos pré-escrita.

B

Necessidade de adotar a periodização definida pelas mitologias de cada sociedade, abandonando o estudo dos vestígios materiais.

C

Desvalorização do conhecimento produzido por culturas que não alcançaram a escrita, mantendo o foco analítico nas grandes civilizações.

D Ampliação do conceito de fonte histórica para além do registro escrito, permitindo a análise das complexas relações de produção, poder e reprodução da vida de sociedades ágrafas.

E Restrição do campo da História ao estudo do Estado-Nação moderno, delegando a análise das sociedades antigas exclusivamente à Antropologia.

Q.2 Ao tomar eventos europeus (como as Revoluções Burguesas ou a Revolução Industrial) como marcos universais, essa periodização não só silencia as trajetórias autônomas de outros continentes (África, Ásia e Américas), mas também legitima uma visão de mundo que percebe o Ocidente como o motor e a vanguarda do “progresso”. O principal desafio analítico imposto pela crítica ao eurocentrismo na periodização clássica da História, no contexto das Ciências Humanas, é a necessidade de:

A Adotar modelos temporais circulares ou míticos para todas as sociedades, invalidando as estruturas de causalidade e mudança social de longa duração.

B Ignorar os processos de industrialização e urbanização ocorridos na Europa, concentrando a análise exclusivamente nas civilizações pré-coloniais africanas e americanas.

C Construir uma abordagem decolonial capaz de desnaturalizar os conceitos de “atraso” ou “subdesenvolvimento”, reconhecendo que as transformações espaciais e produtivas das regiões periféricas não são meras cópias falhas do modelo ocidental.

D Retornar ao determinismo geográfico para explicar as diferenças de desenvolvimento entre os continentes, eliminando a influência das relações de poder e do Capitalismo.

E Limitar a análise dos fluxos populacionais apenas às migrações intra-europeias, pois apenas essas são enquadráveis nos marcos temporais da Idade Moderna e Contemporânea.

Q.3 “A ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados. [...] A formação de relações sociais fundadas nessa ideia produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. [...] A raça e a divisão do trabalho ficaram estruturalmente associadas e reforçaram-se mutuamente. [...] Desse modo, impôs-se uma classificação social básica e universal da população do planeta.”

(QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-118).

O conceito de raça influenciou a organização do trabalho e do espaço na América Latina porque:

TEXTO CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA ►

A

A ideia de raça foi utilizada apenas no período inicial da colonização como uma distinção biológica temporária, desaparecendo completamente com a implantação das leis trabalhistas industriais no século XX.

B

O conceito de raça serviu apenas para classificar a população culturalmente, sem ter qualquer impacto real sobre a economia, a distribuição de terras ou a hierarquia das profissões nas cidades e no campo.

C

A classificação racial funcionou como um critério fundamental para a distribuição do trabalho, destinando formas de exploração não assalariadas (como escravidão e servidão) prioritariamente às populações “não brancas” (índios e negros), o que estruturou desigualdades espaciais que persistem até hoje.

D

O eurocentrismo promoveu a igualdade racial ao introduzir o capitalismo na América, pois o sistema de mercado valoriza a competência individual acima da cor da pele ou da origem étnica dos trabalhadores.

E

As identidades de “índio” e “negro” já existiam na Europa antes de 1492 e foram apenas transpostas para a América para facilitar a organização burocrática das novas cidades, sem relação com relações de poder ou dominação.

Q.4

“O Oriente não é apenas adjacente à Europa; é também o lugar das maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e recorrentes do Outro. [...] O Orientalismo não é uma fantasia europeia ociosa a respeito do Oriente, mas um corpo criado de teoria e prática em que, por muitas gerações, houve um investimento considerável. [...] O Orientalismo é um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente.”

(SAID, Edward W. Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 27-29.)

Com base nas colocações acima sobre a noção de Orientalismo, podemos afirmar que:

A

A divisão entre Oriente e Ocidente baseia-se exclusivamente em critérios geográficos e cartográficos neutros, estabelecidos pelos gregos antigos, sem relação com os processos de colonização moderna ou fluxos de dominação.

B

O eurocentrismo, segundo o texto, opera através da criação de uma “geografia imaginária” que hierarquiza o espaço: o Ocidente é representado como racional e desenvolvido, legitimando sua intervenção e controle sobre um Oriente visto como exótico, atrasado e passivo.

C

O autor defende que o Oriente sempre dominou o Ocidente culturalmente, o que justifica a necessidade histórica das potências europeias de se protegerem através de barreiras militares e ideológicas.

D

A crítica ao eurocentrismo de Said sugere que não existem diferenças culturais reais entre os povos, sendo todas as fronteiras nacionais e identidades apenas ficções literárias sem impacto na economia ou na política.

E

O texto afirma que o Orientalismo foi um movimento artístico do século XIX que valorizava a cultura árabe de forma igualitária, promovendo um intercâmbio tecnológico justo entre as metrópoles europeias e suas colônias.

Q.5

“A história não é apenas a ciência do passado, é a ciência dos homens no tempo. [...] Durante muito tempo, acreditou-se que a história só se fazia com documentos escritos. Era a história positivista, a história-batalha, a história dos grandes homens. [...] Mas a história se faz com tudo. Com palavras, com sinais, com paisagens e com telhas. Com as formas do campo e as ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos bois. Com o exame das pedras pelos geólogos e a análise dos metais pelos químicos.”

(FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. 3. ed. Lisboa: Presença, 1989, p. 29. Adaptado).

Considerando a crítica de Lucien Febvre, assinale a alternativa que aponta corretamente as implicações de se considerar a escrita como definidora da História:

A

A definição da História baseada exclusivamente na escrita é inclusiva e democrática, pois, permite que qualquer sociedade seja estudada com o mesmo rigor científico das nações europeias.

B

Ao limitar a História aos documentos escritos, a historiografia tradicional legitimou uma relação de poder eurocêntrica, classificando povos indígenas e africanos de tradição oral como “pré-históricos” ou “atrasados”, desconsiderando suas complexas relações sociais e formas de ocupação do espaço.

C

A escrita é a única forma segura de registro do passado, portanto, o texto de Lucien Febvre está incorreto ao sugerir que paisagens ou objetos (cultura material) possam servir para analisar as transformações dos espaços urbanos e rurais.

D

A ausência de escrita em uma sociedade impede a formação de relações de poder, de produção ou de hierarquias sociais, o que justifica o termo “Pré-História” para designar um período de total igualdade e simplicidade.

E

A crítica de Febvre sugere que os historiadores devem abandonar os arquivos escritos e focar exclusivamente na arqueologia, pois os documentos oficiais são sempre falsificações criadas pelo Estado.

Q.6

“A distinção entre história e pré-história baseia-se no surgimento da escrita. [...] Essa visão tradicional acaba por desprezar a complexidade das sociedades ágrafas, como as populações indígenas brasileiras antes de 1500. Elas não deixaram documentos escritos, mas transformaram profundamente a natureza, domesticaram plantas, construíram estradas e geriram o espaço. Chamar esse período de ‘Pré-História’ do Brasil é uma forma de dizer que a verdadeira história – e, portanto, o direito à posse legítima do território – só começou com a chegada do colonizador europeu e sua escrita burocrática.”

(FUNARI, Pedro Paulo. Brasil: pré-história e história. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021, p. 12-14. Adaptado).

Assinale a alternativa que explica como a valorização excessiva da escrita serviu aos interesses coloniais:

A

A ausência de escrita impediu que os indígenas desenvolvessem qualquer noção de território ou propriedade, o que tornou a ocupação portuguesa um processo pacífico e sem conflitos fundiários.

B

A definição de História baseada na escrita funcionou como uma ferramenta ideológica de poder, deslegitimando a ocupação espacial milenar dos indígenas e justificando a tomada de suas terras como se fossem espaços “vazios” de civilização.

C

O texto defende que a escrita é a única forma capaz de comprovar a existência de estradas e agricultura, portanto, as transformações espaciais feitas pelos indígenas não podem ser consideradas históricas.

D

A crítica de Funari visa demonstrar que as sociedades ágrafas eram superiores às letradas, pois viviam em total harmonia com a natureza sem realizar nenhuma transformação na paisagem ou no espaço geográfico.

E

O conceito de Pré-História foi criado pelos próprios indígenas para diferenciar o tempo mítico de seus ancestrais do tempo histórico introduzido pelos europeus com as capitanias hereditárias.



RESUMO TEÓRICO

A distinção entre “civilizado” e “bárbaro” é histórica e política, não natural. Desde a Antiguidade, os romanos utilizavam o termo bárbaro para designar povos que viviam fora do Império, não falavam latim ou grego e não compartilhavam suas leis, costumes e organização política. Essa categorização funcionava como instrumento de poder, justificando a conquista, a expansão territorial e a exploração econômica. Ao rotular os povos externos como inferiores, Roma legitimava a imposição de sua ordem e de sua cultura sobre outros territórios. Na Idade Moderna, o conceito de civilização migrou do âmbito religioso para o científico e racional, com o Iluminismo. A civilização passou a ser associada ao progresso técnico, ao domínio da ciência, à formação do Estado-Nação e a valores morais específicos, enquanto os povos não europeus eram considerados primitivos ou “bárbaros”. Essa distinção serviu como justificativa ideológica para a colonização e a escravidão, sustentando a ideia de superioridade moral e técnica do Ocidente. Segundo Wolff, a barbárie se define como a negação da humanidade de outra cultura; ou seja, bárbaro não é apenas quem possui costumes diferentes, mas quem não reconhece ou admite outras formas de existência humana.

A modernidade introduziu novas matrizes de pensamento hegemônico, como o Iluminismo e o racionalismo científico, que impuseram uma relação linear e progressiva com o tempo e consideraram o conhecimento como universal e racional, subordinando tradições locais, saberes orais e práticas culturais diferentes ao paradigma científico. A natureza e os espaços geográficos passaram a ser tratados como recursos exploráveis, justificando o desenvolvimento industrial e a acumulação de capital. Adorno e Horkheimer criticam o Iluminismo ao mostrar que a razão instrumental desencantou o mundo: o conhecimento científico passou a ser

usado não para compreender a natureza ou melhorar a vida humana de forma equitativa, mas para dominar a natureza e explorar o trabalho humano.

No século XIX, a urbanização acelerada e o crescimento industrial exigiram novas formas de organização do espaço. Inspiradas pelo racionalismo iluminista e pelo saber médico-higienista, as reformas urbanas buscavam combater doenças por meio de saneamento, ventilação e ampliação de ruas, controlar fluxos populacionais, garantindo a saúde dos trabalhadores, e vigiar e disciplinar a população, especialmente nas áreas mais pobres, tornando o espaço transparente e legível para o poder, como descrito por Foucault. A cidade moderna passou a ser planejada de forma funcional, priorizando circulação, higiene e visibilidade, refletindo a lógica da modernidade: o espaço urbano como instrumento de controle e produtividade.

O projeto moderno de civilização foi essencialmente eurocêntrico. A Europa definiu seus próprios valores e experiências históricas como modelo universal, classificando outras sociedades segundo esses parâmetros. Isso resultou em hierarquização cultural, justificativa ideológica da colonização, exploração econômica e dominação política, e na difusão de uma matriz conceitual de progresso linear, em que civilização equivalia a tecnologia, ciência e organização política ocidental. Assim, a modernidade não apenas reorganizou o espaço e a economia, mas também controlou simbolicamente o significado de civilização, impondo valores e critérios europeus como universais.

Em resumo, as categorias de civilizado e bárbaro foram construídas historicamente como instrumentos de poder, enquanto a modernidade, com seu racionalismo científico e eurocentrismo, reorganizou o tempo, o conhecimento e o espaço, legitimando a exploração econômica, social e cultural de povos e territórios considerados “inferiores” segundo os padrões europeus.



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

“A ‘civilização’ não é uma cultura específica, é a forma que permite a existência das culturas humanas em sua diversidade e, por conseguinte, em sua coexistência. Para dizê-lo negativamente: a barbárie não é uma prática humana, um costume humano, e tampouco uma cultura humana específica, é uma prática, um costume, uma cultura que se define pelo fato de negar tal ou tal forma específica de humanidade.

(WOLFF, F. *Quem é bárbaro?* In: NOVAES, A. (org.). *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 40-41).

A principal função dessa distinção era:

A

Promover a integração cultural e a cidadania plena de todos os povos que viviam nas fronteiras do Império, reforçando a igualdade jurídica.

B

Limitar a expansão territorial do Império, reconhecendo o direito à soberania e aos costumes de todos os povos vizinhos.

C

Criar uma identidade cultural coesa entre os povos dominados, incentivando-os a adotar a língua e a religião romanas de forma espontânea.

D

Justificar a transformação do espaço por meio da conquista e da guerra, estabelecendo a superioridade romana como argumento para a exploração econômica e o controle militar dos povos externos.

E

Classificar os povos de acordo com seu desenvolvimento tecnológico na agricultura, facilitando o intercâmbio comercial e a livre circulação de mercadorias.

Q.2

Na Idade Moderna, o conceito de “civilização” migrou das categorias religiosas para ser firmemente ancorado na razão científica e no progresso técnico definidos pelo Iluminismo. A matriz conceitual hegemônica do Ocidente passou a postular que a civilização era o ápice da organização social, caracterizada pelo domínio da técnica, pela formação do Estado-Nação e pela adesão a valores morais e jurídicos específicos. Essa visão de mundo, essencialmente eurocêntrica, criou um paradigma binário: a civilização (*versus* a barbárie, o primitivismo ou o selvagem). A matriz conceitual de “civilização” desenvolvida e consolidada durante a Idade Moderna funcionou como um instrumento ideológico ao:

A

Exigir que todas as nações adotassem o regime absolutista, garantindo a paz e a estabilidade nas relações de produção globais.

B

Classificar os povos segundo o grau de desenvolvimento industrial e científico, fornecendo o argumento de superioridade moral necessário para legitimar as relações de poder e a expropriação colonial de terras e recursos.

C

Desvincular o conceito de progresso da exploração econômica, incentivando o desenvolvimento autônomo e igualitário das colônias sob a égide do livre-comércio.

D

Priorizar o conhecimento oral e os saberes tradicionais das sociedades ágrafas, confrontando o Racionalismo iluminista e sua visão de mundo linear.

E

Promover a uniformidade religiosa entre os continentes, extinguindo as antigas divisões medievais em nome da união política dos impérios.

Q.3

“Os historiadores tendem a concordar que, a partir de meados do século, o ritmo da história social se modifica. O termo em si é impreciso - ‘meados do século’ -, mas quando olhamos sobre as diversas histórias específicas (econômica, demográfica, urbana, técnica) parece haver uma convergência no sentido de se localizar, dentro dos limites dessa duração, senão uma ruptura, pelo menos uma aceleração. Por exemplo, é entre 1853 e 1870 que a cidade de Paris transforma-se radicalmente, época em que se realizam as grandes reformas urbanísticas do barão Haussmann.”

(ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade: a França no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1998, p. 21.)

A respeito do texto, qual as modificações na concepção de tempo e ritmo social que se configuram a partir do século XIX:

A

Uma desaceleração do crescimento econômico e populacional.

B

A intensificação da urbanização e do desenvolvimento industrial.

C

O retorno a padrões sociais e econômicos do Antigo Regime.

D

A diminuição da importância das ferrovias e outras infraestruturas.

E

A estagnação das inovações tecnológicas e culturais.

Q.4

“A medicina dos espaços urbanos [...] não é mais aquela que analisa os doentes, mas a que analisa os lugares de acúmulo e empilhamento, os lugares de onde nascem e se espalham as doenças. [...] Trata-se de organizar a cidade para evitar o contágio. A cidade deve ser percorrida por fluxos de ar e água, deve ser ventilada, lavada. O urbanismo do século XIX, herdeiro das Luzes, sonha com uma cidade transparente, legível, onde o olhar do poder possa penetrar em cada beco escuro para eliminar a sujeira e, com ela, a desordem social.”

(FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 165. Adaptado).

Com base no texto de Michel Foucault assinale a alternativa que explica como a “ciência” foi utilizada para reorganizar o espaço urbano:

A

A reorganização das cidades baseou-se exclusivamente em princípios estéticos do Renascimento, buscando embelezar as praças com estátuas, sem preocupação real com a saúde pública ou o controle da população.

B

O racionalismo científico foi aplicado ao urbanismo como uma ferramenta de biopolítica, onde a reordenação do espaço (alargamento de ruas, saneamento) visava não apenas combater doenças, mas também controlar os fluxos populacionais, vigiar os bairros pobres e garantir a eficiência da força de trabalho.

C

As reformas urbanas inspiradas no Iluminismo priorizaram a manutenção dos traçados medievais tortuosos, pois acreditava-se que a “desordem” arquitetônica estimulava a liberdade de pensamento e a criatividade dos cidadãos.

D

O texto indica que a medicina e o urbanismo atuaram de forma independente, sendo que os médicos cuidavam apenas dos hospitais, enquanto o Estado cuidava da construção de estradas rurais, sem intervir no espaço interno das cidades.

E

A “cidade transparente” mencionada por Foucault refere-se à construção de edifícios de vidro no século XIX, que tinham como único objetivo permitir a entrada de luz solar para economizar energia elétrica nas fábricas.

Q.5

“O programa do Esclarecimento [Iluminismo] era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. [...] Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. [...] O que os homens querem aprender da natureza é como utilizá-la para dominar a ela e aos outros homens. Nada mais importa”.

(ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 17-18).

Considerando o impacto desse pensamento na produção do espaço, assinale a alternativa que descreve corretamente a consequência desse modelo de racionalidade:

A

O Iluminismo promoveu uma relação harmoniosa e sustentável com o espaço rural, recuperando mitos antigos de preservação ambiental para impedir o avanço da industrialização sobre as florestas.

B

A razão instrumental, ao “desencantar o mundo”, transformou a natureza e o espaço geográfico em meros recursos exploráveis, legitimando uma lógica de produção industrial que visa o domínio técnico, a maximização do lucro e a subordinação do trabalho humano.

C

Segundo Adorno e Horkheimer, a ciência moderna libertou o homem de todas as formas de dominação, criando uma sociedade onde a tecnologia serve exclusivamente para reduzir a jornada de trabalho e aumentar o tempo livre dos operários.

D

O texto defende que o saber técnico e científico é neutro e desvinculado de interesses econômicos, não tendo qualquer relação com a acumulação de capital ou com a transformação dos espaços de produção.

E

O “desencantamento do mundo” refere-se ao declínio da literatura de fantasia no século XVIII, sem gerar impactos reais na organização das fábricas ou na exploração dos recursos naturais.

Q.6

O projeto moderno é o de uma história que se fragmentou e se descentralizou e que busca se reunificar e se reuniversalizar. É a representação ocidental da “civilização” como busca da liberdade, isto é, da coincidência absoluta da subjetividade consigo mesma.

(Fonte: REIS, José Carlos. História & Teoria. Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 35).

A partir de uma leitura crítica do conceito moderno de civilização, elaborado no contexto europeu, analise as alternativas e assinale aquela que melhor expressa o papel da Europa na definição e no controle desse conceito ao longo da modernidade.

A

A Europa construiu a ideia de civilização como um modelo universal de desenvolvimento histórico, utilizando seus próprios valores como parâmetro para julgar outras sociedades.

B

O pensamento moderno europeu recusou a noção de progresso linear, defendendo a equivalência histórica entre todas as culturas.

C

A concepção europeia de civilização rompeu com qualquer tentativa de centralização da história, impedindo hierarquizações culturais.

D

O projeto moderno de civilização foi elaborado de forma neutra, sem relações com processos de dominação política ou cultural.

E

A modernidade europeia compreendeu a civilização como um fenômeno exclusivamente plural, sem pretensões universalistas.



RESUMO TEÓRICO

A compreensão da Modernidade e da Revolução Francesa exige analisar as transformações políticas, sociais e culturais ocorridas entre os séculos XVIII e XIX. A Revolução Francesa marcou a passagem de uma sociedade baseada na monarquia absoluta e nos privilégios de nascimento para um modelo em que os direitos individuais e coletivos passaram a ser reivindicados como universais. No entanto, essa universalidade era limitada. Apesar de proclamarem a liberdade, a igualdade e a fraternidade, os revolucionários da época restringiam a cidadania plena à população masculina proprietária, excluindo mulheres, escravizados e setores marginalizados da sociedade. Nesse contexto, surgiram vozes críticas, como a de Olympe de Gouges, que elaborou a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã em 1791. Gouges denunciava a contradição do projeto revolucionário: enquanto os homens se apropriavam da universalidade dos direitos, as mulheres eram privadas de participação política e reconhecimento legal. Sua proposta era ampliar os princípios de liberdade, igualdade e resistência à opressão, incluindo a mulher como sujeito ativo da história e cidadã de pleno direito. Essa exclusão feminina também se observa na filosofia iluminista, mesmo quando os pensadores defendiam a razão e os direitos naturais como universais. Filósofos como Jean-Jacques Rousseau delinearão uma educação feminina voltada para a esfera doméstica, subordinada à satisfação e ao cuidado do homem, limitando a atuação das mulheres à reprodução da vida e à manutenção da moral privada. Assim, o Iluminismo apresenta uma contradição central: ao mesmo tempo em que critica o Antigo Regime e propõe novos fundamentos racionais para a sociedade, reforça hierarquias de gênero, restringindo a cidadania e o acesso à esfera pública às mulheres.

Outro aspecto central da Modernidade é a construção do Estado-Nação, entendido não como uma realidade pré-existente, mas como um projeto político que busca homogeneizar culturas, línguas e identidades regionais. Instituições como a escola, o exército e os símbolos nacionais desempenham papel decisivo na formação do cidadão, transformando populações diversas em cidadãos de uma mesma nação e impondo uma unidade territorial, cultural e política. Esse processo de nacionalização, embora fortalecendo a coesão do Estado, muitas vezes suprime diferenças locais, dialetos e tradições, gerando tensões e exclusões no espaço social e geográfico. A história moderna também precisa ser interpretada criticamente em relação ao conceito de progresso. Para a matriz hegemônica da modernidade, o progresso era linear, inevitável e positivo, associado à ciência, à razão e à técnica. No entanto, pensadores como Walter Benjamin alertam para as consequências destrutivas desse processo: a modernização frequentemente gera ruínas sociais, culturais e espaciais, destruindo modos de vida anteriores em nome de um futuro idealizado. Assim, o progresso moderno não pode ser visto apenas como melhoria; ele envolve transformações violentas e perdas que moldam desigualdades e exclusões.

Por fim, as interpretações recentes do Iluminismo ampliam a visão tradicional, antes centrada na França e nos homens de letras de Paris. A partir da década de 1970, a historiografia passou a reconhecer que o Iluminismo é plural e contextual, com manifestações diversas na Escócia, Alemanha, Península Ibérica, nas colônias americanas e em outros territórios. Essa perspectiva permite compreender que as ideias de razão, liberdade e cidadania foram reinterpretadas e aplicadas de maneira diferenciada, dependendo do contexto social, político e cultural em que se desenvolveram, e que as tensões

internas ao movimento são fundamentais para entender sua complexidade histórica. A Revolução Francesa, por sua vez, deve ser compreendida como um processo histórico amplo e gradual. A chamada “revolução aristocrática”, iniciada com a reunião dos Notáveis em 1787, evidencia que a crise da monarquia absoluta não se restringiu apenas ao rei ou à nobreza, mas envolveu diferentes grupos sociais. A representação ampliada do Terceiro Estado e a necessidade de dividir funções entre intendentos e assembleias eleitas indicam que a transformação política ocorreu de forma progressiva, alterando profundamente as estruturas tradicionais de poder.

Portanto, o estudo da Modernidade, da Revolução Francesa e do Iluminismo deve considerar não apenas as ideias proclamadas, mas também suas limitações, contradições e as práticas de exclusão que marcaram esses processos. A cidadania, os direitos universais, a construção do Estado-Nação e o progresso histórico são produtos de disputas políticas e sociais, conquistas parciais e contínuas, que exigem reflexão crítica sobre quem foi incluído, quem foi excluído e de que forma essas decisões moldaram o mundo contemporâneo.



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

Art. I - A mulher nasce livre e tem os mesmos direitos do homem. As distinções sociais só podem ser baseadas no interesse comum.

Art. II - O objeto de toda associação política é a conservação dos direitos imprescritíveis da mulher e do homem: Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e, sobretudo, a resistência à opressão.

Art. III - O princípio de toda soberania reside essencialmente na nação, que é a união da mulher e do homem: nenhum organismo, nenhum indivíduo, pode exercer autoridade que não provenha expressamente deles.

(GOUGES, Olympe de. Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. Portal UFMS. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/414/2018/10/DeclaraDirMulherCidada1791RecDidaPESSOALJNETO.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2025).

Essa crítica fundamental do documento de 1791, que levou à sua rejeição pelas autoridades revolucionárias, evidenciava a:

A

Prevalência imediata da pauta abolicionista, exigindo o fim da escravidão nas colônias francesas como condição para a igualdade de gênero.

B

Necessidade de manutenção da estrutura monárquica, pois esta garantiria a hierarquia social e a proteção dos direitos femininos.

C

Contradição do projeto revolucionário, que afirmava a universalidade dos direitos humanos, mas excluía as mulheres da cidadania plena.

TEXTO CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA ►

D

Priorização da Revolução Francesa em questões de natureza exclusivamente econômica, desvinculadas de qualquer debate político-social.

E

Submissão da burguesia revolucionária aos interesses do clero e da nobreza, impedindo a discussão sobre qualquer forma de democracia.

Q.2

Pela própria lei da natureza, as mulheres, tanto por elas como por seus filhos, estão à mercê do julgamento do homem: não basta que sejam bem-comportadas, é preciso que sejam reconhecidas como tal; sua honra não está apenas na sua conduta, está na sua reputação, e não é possível que a que consente em passar por infame seja um dia honesta. O homem, agindo bem, não depende senão de si e pode desafiar o juízo público; mas a mulher, agindo bem, só cumpre metade de sua tarefa, e o que pensam dela lhe importa tanto quanto o que é efetivamente (ROUSSEAU, 1995, p. 432).

A análise da questão feminina no Iluminismo revela a contradição inerente à matriz conceitual do movimento, pois, ao mesmo tempo em que criticava as estruturas de poder do Antigo Regime, a maioria de seus teóricos:

A

Defendia o retorno aos modelos de organização social da Antiguidade Clássica, onde as mulheres exerciam o poder político nas cidades-Estado.

B

Consagrou a Razão como fundamento da cidadania, mas, por meio de uma relação de poder baseada no gênero, restringiu a esfera de atuação feminina ao papel social e biológico da reprodução da vida na domesticidade”.

C

Promoveu a plena igualdade de direitos políticos para todas as classes sociais, dependendo apenas da comprovação de letramento e racionalidade.

D

Aboliu a propriedade privada, permitindo que as mulheres assumissem o controle total da economia familiar e da produção rural.

E

Rejeitou o conceito de Direitos Naturais, substituindo-o pelo princípio da Vontade Geral, que ignorava as distinções de gênero e classe.

Q.3

“A essência da nação moderna é que todos os seus cidadãos tenham muito em comum e, de preferência, uma só língua, uma só cultura e uma só memória histórica. [...] O Estado nacional, matriz política da modernidade, não nasce de uma identidade pré-existente, mas a constrói ativamente”.

(HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 105-108. Adaptado.)

Com base na análise de Eric Hobsbawm, assinale a alternativa que explica a relação entre a formação dos Estados Nacionais e as relações de poder no espaço:

A

As nações modernas surgiram espontaneamente porque todas as pessoas de um território já falavam a mesma língua e tinham os mesmos costumes desde a Idade Média.

B

O Estado-Nação atua como uma força homogeneizadora, utilizando instituições (como a escola) para impor uma cultura oficial e centralizada, muitas vezes suprimindo dialetos locais e culturas minoritárias para garantir a unidade do território e do mercado.

C

A matriz política da modernidade valoriza a fragmentação, incentivando que cada cidade tenha suas próprias leis, moedas e exércitos, enfraquecendo o poder central em favor das autonomias locais.

D

O texto argumenta que a escola pública foi criada com o único objetivo de ensinar matemática e ciências, sem qualquer intenção de formar uma identidade patriótica ou disciplinar a população.

E

A formação dos Estados Nacionais na Europa e na América não alterou as fronteiras ou os fluxos populacionais, mantendo intacta a organização espacial do período feudal.

Q.4

“Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a seus pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso [...] Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.”

(BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 226).

Assinale a alternativa que interpreta corretamente a visão do autor sobre a modernização:

A

Para Benjamin, o progresso é um processo positivo e linear de melhoria contínua das cidades e da vida humana, onde as “ruínas” representam apenas os edifícios velhos que devem ser demolidos para dar lugar a construções modernas e higiênicas.

TEXTO CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA ►

B A visão hegemônica de modernidade entende a história como uma evolução constante, mas Benjamin denuncia que esse “progresso” é, na verdade, uma tempestade destrutiva que produz vítimas e escombros (sociais e espaciais), silenciando as tradições e os vencidos em nome de um futuro idealizado.

C O “Angelus Novus” simboliza a proteção divina sobre as fábricas e as cidades industriais, indicando que a industrialização foi um processo guiado pela providência religiosa para salvar a humanidade da barbárie.

D O texto defende que a única forma de alcançar o futuro é ignorar completamente o passado, pois a memória histórica atrapalha o desenvolvimento tecnológico e a reorganização racional dos espaços urbanos.

E A tempestade mencionada no texto refere-se exclusivamente às catástrofes naturais (como furacões e enchentes) que atingiram a Europa no século XX, sem relação com as escolhas políticas ou econômicas da modernidade.

Q.5

A partir da década de 1970, pesquisadores começaram a dar maior atenção às diferenças e às tensões existentes no âmbito do pensamento do século XVIII. Desde então, tem sido publicado vários estudos sobre as especificidades do movimento iluminista em diversos contextos culturais. É significativo o relativo abandono de um tipo de interpretação que privilegia o contexto francês. O historiador norteamericano questiona a associação do Iluminismo aos homens de letras de Paris.

(KIRSCHNER, T. C. Itinerários de um ilustrado luso-brasileiro. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2009, p. 292).

Assinale a alternativa que melhor expressa essa renovação interpretativa sobre o movimento iluminista:

A O Iluminismo deve ser compreendido como um fenômeno múltiplo, marcado por diferentes expressões conforme os contextos históricos, culturais e políticos em que se desenvolveu.

B O pensamento iluminista foi um movimento homogêneo, cujas ideias centrais se originaram exclusivamente nos círculos intelectuais parisienses.

C As tensões internas do Iluminismo são irrelevantes para sua compreensão histórica, pois seus princípios foram universalmente aceitos.

D A historiografia recente reforça a centralidade da França como único espaço legítimo de produção do pensamento iluminista.

E As experiências iluministas fora da França representam desvios menores e pouco significativos em relação ao modelo original francês.

Q.6

Deslocar o começo da Revolução Francesa para o início de 1787 e a reunião dos Notáveis: esse deslocamento cronológico apresenta a dupla vantagem de datar mais exatamente a crise dos poderes tradicionais, e de integrar o que se costuma chamar “revolução aristocrática” à Revolução propriamente dita. Na teoria e na prática a monarquia absoluta morre nesse ano, quando os intendentess têm que dividir suas atribuições com assembléias eleitas, no interior das quais o Terceiro Estado tem uma representação dupla; não é somente a “aristocracia”, ou os parlamentares, que se precipita no vazio criado pelo desmoronamento rápido de sua autoridade, mas toda a sociedade política.

(Fonte: FURET, François. Pensando a revolução francesa. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 59).

A partir dessa perspectiva, assinale a alternativa que melhor expressa o significado desse deslocamento cronológico.

A

A crise política de 1787 restringe-se aos conflitos entre a nobreza e o rei, sem impactos sobre a estrutura da sociedade política.

B

O deslocamento cronológico reforça a ideia de que a Revolução foi um movimento exclusivamente popular, liderado pelo Terceiro Estado desde seu início.

C

A reunião dos Notáveis representa um momento de fortalecimento da monarquia absoluta, que recupera sua autoridade política.

D

A chamada “revolução aristocrática” deve ser entendida como um fenômeno isolado e sem relação com a Revolução Francesa propriamente dita.

E

A Revolução Francesa passa a ser compreendida como um processo mais amplo e gradual, no qual a crise da monarquia absoluta envolve diferentes grupos sociais antes de 1789.



RESUMO TEÓRICO

As questões a seguir se referem a ideia de que a cidadania é um conceito que se constrói historicamente e envolve a garantia de direitos que permitem ao indivíduo participar plenamente da vida em sociedade. Esses direitos podem ser entendidos em três dimensões complementares: civis, políticos e sociais. Os direitos civis asseguram a liberdade individual, a propriedade, a igualdade perante a lei e o direito à vida, garantindo que cada pessoa possa existir de forma autônoma e protegida dentro da comunidade. Já os direitos políticos permitem que os cidadãos influenciem as decisões coletivas, votando, sendo eleitos ou participando de mecanismos de deliberação, garantindo que a sociedade não seja apenas governada por imposição, mas que haja espaço para expressão e participação. Contudo, a existência isolada desses direitos não é suficiente para assegurar uma democracia real e efetiva. Para que a cidadania seja plena, é imprescindível a presença dos direitos sociais, que incluem acesso à educação, saúde, trabalho digno e salário justo, aposentadoria e outros mecanismos que possibilitem a participação de todos na riqueza produzida coletivamente. Sem esses direitos, a liberdade e a igualdade formal perdem significado prático, pois apenas quem dispõe de recursos e oportunidades consegue exercer plenamente seus direitos políticos e civis.

O exercício da cidadania implica também uma mudança profunda na concepção de humanidade e no papel do indivíduo dentro da sociedade. Historicamente, a transição de súditos passivos, submetidos a poderes absolutos ou regimes de servidão, para sujeitos ativos, capazes de reivindicar direitos e influenciar coletivamente o rumo da comunidade, representa um avanço significativo. Esse processo transforma a percepção de si mesmo, deslocando o indivíduo de uma condição de submissão e

dependência para a posição de protagonista da história, responsável por suas escolhas e pela construção do bem comum. A cidadania não surge como um presente natural ou uma concessão oferecida pelos governantes, mas como resultado de conquistas históricas, fruto de lutas sociais, debates e pressões por igualdade e justiça.

O surgimento da cidadania moderna se dá em oposição a estruturas hierárquicas e de submissão, como o feudalismo e o Antigo Regime, nas quais os direitos eram restritos a grupos específicos e a maior parte da população não tinha autonomia nem acesso a mecanismos de participação política. Tornar-se cidadão significa, portanto, assumir um papel ativo na sociedade, reivindicar direitos e responsabilidades, e participar da vida coletiva de maneira plena. A cidadania é, assim, uma conquista contínua, que depende do equilíbrio e da integração entre direitos civis, políticos e sociais. Para que seja efetiva, ela exige atenção constante à justiça social, à igualdade de oportunidades e à inclusão de todos os indivíduos, garantindo que cada pessoa tenha condições reais de exercer sua liberdade, influenciar decisões e contribuir para a riqueza e o desenvolvimento da sociedade.

Além disso, a cidadania envolve também uma dimensão ética e cultural: ser cidadão é reconhecer a dignidade de todos os membros da sociedade, respeitar diferenças, colaborar para o bem comum e entender que os direitos de cada indivíduo estão interligados aos direitos de todos. Esse processo de construção da cidadania não é linear nem automático; ele depende de ações coletivas, participação social, educação política e engajamento constante, lembrando que a liberdade e a igualdade não são conquistas definitivas, mas responsabilidades a serem continuamente exercidas e ampliadas.



Aprofundamento das Aprendizagens

Questões (1 a 6)

“Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram, entretanto, a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, à aposentadoria. A cidadania não é um presente dos deuses ou dos governantes; é uma conquista constante. A cidadania instaura-se a partir da ruptura com a servidão, transformando a concepção de humanidade: deixamos de ser súditos passivos para nos tornarmos sujeitos ativos da história, rompendo com a ideia de concessão vinda de cima para baixo.”

(PINSKY, Jaime. *Introdução*. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *História da Cidadania*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 9).

Q.1

O texto estabelece uma categorização dos direitos que compõem a cidadania plena. Segundo o autor, a simples existência de direitos civis (liberdade, propriedade) e políticos (voto) não é suficiente para assegurar a democracia porque:

A

Eles excluem os estrangeiros residentes no país da participação econômica.

B

A democracia depende exclusivamente da vontade divina ou da benevolência dos governantes.

C

Falta a garantia dos direitos sociais, que permitem a participação na riqueza coletiva.

D

Os direitos políticos atrapalham o funcionamento do livre mercado e da propriedade.

E

A liberdade individual é incompatível com a organização de um sistema de saúde pública.

Q.2

A concepção de humanidade apresentada no texto sofre uma alteração fundamental com o advento da cidadania. Essa mudança é descrita como a transição de:

A

Escravos de guerra para servos da gleba protegidos pelo senhor feudal.
B) Súditos passivos para sujeitos ativos e protagonistas da história.

B

Súditos passivos para sujeitos ativos e protagonistas da história.

C

Cidadãos globais para indivíduos apátridas sem vínculo territorial.

D

Trabalhadores rurais para operários urbanos alienados.

E

Fiéis religiosos para ateus materialistas focados no consumo.

Q.3

Considerando o contexto político abordado no texto, a origem da cidadania é definida como:

A

Uma concessão outorgada pacificamente pelas elites políticas (“de cima para baixo”).

B

Um presente natural, inerente ao ser humano desde o seu nascimento biológico (“presente dos deuses”).

TEXTO CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA ►

C Um acordo diplomático entre nações para evitar guerras de fronteira.

D Uma conquista constante resultante de um processo de luta histórica.

E Um status jurídico temporário que pode ser revogado se o indivíduo não pagar impostos.

Q.4 O autor associa os “direitos sociais” a uma função específica dentro da estrutura da sociedade. Identifique a alternativa que corresponde a essa função conforme o texto:

A Garantir a participação do indivíduo na riqueza produzida coletivamente (ex: educação e saúde).

B Assegurar a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa contra a censura.

C Permitir a escolha de representantes através do voto direto e secreto.

D Proteger a propriedade privada contra a intervenção do Estado.

E Estabelecer a igualdade jurídica, onde todos são inocentes até prova em contrário.

Q.5 Ao afirmar que a cidadania rompe com a “ruptura com a servidão”, o texto situa o nascimento desse conceito de humanidade moderna em oposição a qual estrutura política e social anterior?

A Às democracias diretas da Grécia Antiga, onde todos já eram considerados iguais.

B Ao comunismo primitivo, onde não havia Estado nem propriedade.

C À estrutura do Antigo Regime e do feudalismo, baseada na submissão e estamentos.

D Ao Estado de Bem-Estar Social do século XX, que garantia proteção excessiva.

E Às ditaduras militares latino-americanas do século XX.

Q.6

Assinale a alternativa que interpreta corretamente a natureza da cidadania:

A

A cidadania é uma concessão benevolente do Estado, que decide, de cima para baixo, quais direitos devem ser outorgados à população para manter a ordem, dispensando a necessidade de mobilização popular.

B

O texto defende que a cidadania plena é atingida apenas com a garantia dos direitos civis (liberdade e propriedade), sendo os direitos sociais (saúde e educação) secundários e não essenciais para a manutenção da democracia.

C

A condição de cidadão é um processo histórico e de luta contínua ("conquista constante"), que marca a transição do indivíduo de uma posição de submissão passiva (súdito) para a de agente participativo (sujeito ativo) capaz de reivindicar direitos civis, políticos e sociais.

D

Ser cidadão resume-se ao exercício dos direitos políticos, especificamente o ato de votar e ser votado, uma vez que a participação na riqueza coletiva é uma questão econômica privada e não um direito de cidadania.

E

A cidadania é um conceito estático e imutável, cujos princípios foram definidos na Antiguidade Clássica e permanecem inalterados até hoje, não estando sujeitos a novas reivindicações ou ampliações.



RESUMO TEÓRICO

As questões apresentadas permitem compreender o tráfico transatlântico de africanos escravizados e a colonização como elementos centrais da formação do mundo moderno e do capitalismo global. Longe de se tratar de migrações comuns ou de intercâmbios equilibrados entre continentes, esses processos foram marcados pela violência extrema, pela desumanização sistemática e pela transformação de pessoas em mercadorias. O tráfico negreiro distinguiu-se de qualquer outra forma de mobilidade populacional da Época Moderna pelo seu caráter compulsório e mercantil. Africanos, inclusive mulheres e crianças, eram capturados, acorrentados e transportados em condições degradantes, como descreve David Eltis. O objetivo não era preservar vidas, mas maximizar lucros, tratando seres humanos como “carga”. Essa lógica revela o processo de coisificação, no qual o indivíduo perde sua condição humana e passa a ser visto apenas como valor econômico.

Esse sistema violento foi fundamental para aquilo que Karl Marx denominou “acumulação primitiva de capital”. A riqueza que financiou o desenvolvimento do capitalismo europeu não surgiu de relações comerciais justas ou do progresso técnico isolado, mas da pilhagem colonial, do extermínio de povos indígenas, da exploração de metais preciosos e do trabalho escravizado nas plantations americanas. A ironia de Marx ao falar em “processos idílicos” denuncia justamente o caráter brutal e desigual dessas bases econômicas. A partir da perspectiva decolonial, autores como Aníbal Quijano e Achille Mbembe ajudam a compreender que a expansão marítima europeia inaugurou um padrão mundial de poder que articulou economia, dominação e raça. A classificação racial não foi apenas uma ideia cultural, mas um instrumento econômico: ao associar povos africanos e indígenas a uma suposta inferioridade natural, tornou-se possível

impor a eles formas de trabalho coercitivas, não remuneradas ou extremamente violentas. Assim, o fluxo de riquezas para a Europa dependia diretamente da racialização da mão de obra na periferia do sistema. Nesse contexto, o Atlântico tornou-se o eixo central do capitalismo comercial. O tráfico negreiro integrou África, Europa e Américas em redes complexas de comércio triangular e bilateral, envolvendo elites africanas, traficantes europeus e colonos americanos. Ainda que houvesse participação de grupos locais africanos, essa dinâmica esteve inserida em um sistema global desigual, que desestruturou sociedades africanas, incentivou guerras, ampliou a dependência econômica e beneficiou sobretudo as potências coloniais.

A escravidão não terminava com a travessia do Atlântico. Nos mercados de escravos, como o do Valongo, no Rio de Janeiro, a lógica da mercadoria se aprofundava. Homens, mulheres e crianças eram examinados como animais, famílias eram separadas e laços afetivos destruídos deliberadamente. Essa prática visava não apenas facilitar a venda, mas também enfraquecer identidades, memórias e resistências, tornando os escravizados mais vulneráveis à exploração cotidiana. Refletir sobre essas questões permite ao estudante compreender que a escravidão e o tráfico negreiro não foram fenômenos marginais ou secundários, mas estruturantes da economia mundial moderna e das desigualdades que persistem até hoje. O racismo, a violência colonial e a exploração do trabalho não são heranças acidentais, mas partes constitutivas da formação do capitalismo e das relações entre centro e periferia no sistema global. Esse entendimento é fundamental para uma leitura crítica da história e para o reconhecimento das marcas profundas deixadas pela escravidão nas sociedades contemporâneas.



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

“Fosse qual fosse o caminho percorrido, as condições a bordo refletiam o status de excluída que marcava as pessoas aprisionadas no porão. Nenhum europeu — fosse condenado, servo temporário ou imigrante livre miserável — jamais foi submetido ao ambiente que recebia o escravo africano típico no momento de embarque. Eram separados por sexo, mantidos nus, amontoados, sendo os homens acorrentados por longos períodos. Nada menos do que 26 por cento das pessoas a bordo eram classificadas como crianças, um índice do qual nenhuma outra migração anterior ao século XX sequer se aproxima”. (ELTIS, 2007)

A principal característica que distinguia o tráfico negreiro de outras formas de migração na Época Moderna era:

A

A prioridade no transporte de mão de obra masculina e adulta para atender às demandas produtivas das colônias de exploração.

B

A semelhança entre a condição jurídica dos servos temporários europeus e a dos africanos, ambos submetidos ao regime de escravidão.

C

A institucionalização de um sistema de transporte que visava a desumanização do indivíduo e a comercialização de grupos vulneráveis.

D

A implementação de medidas de higiene e separação por sexo para garantir a preservação do capital investido pelos traficantes.

E

O caráter voluntário da migração de crianças africanas, motivada pelas crises demográficas no continente de origem.

Q.2

“A descoberta de ouro e prata na América, o extermínio, a escravização das populações indígenas, forçadas a trabalhar no interior das minas, o início da conquista e pilhagem das índias Orientais e a transformação da África num campo de caçada lucrativa são os acontecimentos que marcam os albores da era da produção capitalista. Esses processos idílicos são os fatores fundamentais da acumulação capitalista.”

(MARX, Karl. *O Capital*. Livro 1, vol. II).

Segundo a perspectiva marxista apresentada, a transição para o modo de produção capitalista foi garantida por meio do(a):

A

Estabelecimento de relações comerciais equitativas entre as metrópoles e as colônias, visando o progresso mútuo das nações.

B

Desenvolvimento técnico e tecnológico das manufaturas europeias, que tornou desnecessário o uso de mão de obra compulsória.

C

Uso da violência e da exploração colonial como mecanismos motores para a concentração de riquezas nas mãos da burguesia europeia.

D

Expansão da fé cristã, que civilizou os povos nativos e integrou as economias periféricas ao mercado global de forma pacífica.

TEXTO CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA ►

E

Consolidação do livre-cambismo internacional, que eliminou as barreiras alfandegárias entre as metrópoles e suas periferias.

Q.3

“A América constituiu-se como o primeiro espaço/tempo de um novo padrão de poder de vocação mundial e, desse modo, como a primeira identidade da modernidade. Dois processos históricos convergiram e se associaram: a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de ‘raça’, uma suposta estrutura biológica diferente que situava os uns em situação natural de inferioridade em relação aos outros; e a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial.”

(QUIJANO, Aníbal. In: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117. Adaptado).

Assinale a alternativa que explica corretamente a relação entre a “ideia de raça” e a “circulação de riquezas” nesse período:

A

A ideia de raça serviu para impedir a circulação de mercadorias, uma vez que os europeus se recusavam a consumir produtos cultivados por populações indígenas ou africanas, travando o desenvolvimento do capitalismo comercial.

B

A Expansão Marítima promoveu uma distribuição equitativa do capital, pois a mão de obra assalariada foi implantada simultaneamente na Europa e na América, gerando um mercado consumidor homogêneo em ambos os continentes.

C

A dinâmica do capital na modernidade dependeu da classificação racial para baratear a mão de obra: formas de trabalho não remuneradas ou coercitivas (escravidão, servidão) foram impostas às populações “não brancas” (mercadoria-trabalho) para maximizar a acumulação de riquezas que fluíam para o centro europeu.

D

O texto defende que a religião, e não a economia, foi o único motor da mobilidade populacional, sendo a extração de ouro e prata um aspecto secundário e sem impacto na formação do mercado mundial.

E

A fixação dos povos europeus na América ocorreu sem conflitos econômicos, pois os indígenas cederam suas terras voluntariamente em troca da tecnologia e dos produtos manufaturados trazidos pelo livre mercado atlântico.

Q.4

"A troca de mercadorias e de escravos constituiu a parte mais dinâmica da economia-mundo europeia. O Atlântico tornou-se o centro do capitalismo comercial. [...] O escravo é aquele que foi arrancado de sua terra, de sua língua, de seus deuses. É aquele que foi transformado em peça, em coisa, em moeda. A mobilidade forçada de milhões de africanos através do Atlântico não foi uma migração, foi um deslocamento de 'capital vivo' para mover a máquina de produção das *plantations*."

(MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014, p. 28-30. Adaptado).

A dinâmica populacional do tráfico transatlântico de escravizados deve ser entendido como:

A

O tráfico deve ser analisado como um fluxo migratório espontâneo, motivado pelo desejo dos africanos de buscar melhores condições de vida nas colônias agrícolas da América.

B

Trata-se de uma dinâmica de mobilidade onde o ser humano é desumanizado e convertido em mercadoria (bem de capital), sendo deslocado forçosamente para atender à demanda de produção de *commodities* agrícolas no Novo Mundo.

C

A mobilidade africana para a América foi um evento cultural e religioso, visando a expansão do islamismo e de cultos tradicionais para novos territórios, sem relação direta com a economia de *plantation*.

D

O texto sugere que a escravidão foi um fenômeno marginal na economia-mundo, pois a maior parte da riqueza europeia advinha do comércio interno entre os reinos do próprio continente, sem depender da mão de obra fixada nas colônias.

E

A fixação dos africanos na América ocorreu em zonas urbanas industriais, onde eles atuavam como parceiros comerciais livres, integrando-se rapidamente à classe média colonial.

Q.5

As quatro principais rotas dos navios negreiros que ligaram o continente africano ao Brasil foram as da Guiné, Mina, Angola e Moçambique. Elas concentravam o comércio de seres humanos que, na maioria dos casos, eram aprisionados em guerras feitas por chefes tribais, reis ou sobas africanos para esse fim. Os traficantes, principalmente portugueses, mas também de outras nações europeias e posteriormente brasileiros, obtinham os prisioneiros em troca de armas de fogo, tecidos, espelhos, utensílios de vidro, de ferro, tabaco e aguardente, entre outros.

(Rotas da escravidão. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/rotas-da-escravidao/>).

Considerando o texto e o contexto histórico do tráfico transatlântico de escravizados entre os séculos XVI e XIX, a dinâmica comercial estabelecida entre a África e o Brasil caracterizava-se por:

A

Uma relação de equilíbrio comercial baseada no escambo de produtos manufaturados por matérias-primas agrícolas.

TEXTO CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA ►

B

Um sistema de “comércio triangular” e “bilateral” que integrava diversas regiões do Atlântico em uma rede de dependência mútua e exploração.

C

Uma ocupação militar efetiva do interior do continente africano pelas metrópoles europeias para a captura direta de mão de obra.

D

Um isolamento das elites africanas, que se recusavam a participar do comércio de seres humanos devido a questões religiosas.

E

Uma hegemonia exclusiva de traficantes ingleses, que detinham o monopólio das rotas de Angola e Moçambique até a abolição definitiva.

Q.6

É importante registrar que o negro era tratado como mercadoria, não havendo preocupação alguma em se respeitar sua natureza humana. No mercado do Vallongo, no Rio de Janeiro, gravuras e descrições mostram negros à venda sendo examinados com animais: pais e filhos eram separados sem o menor problemas por compradores que não tinham, eventualmente, interesse na família inteira (...). E ter sido tratado como mercadoria foi uma das maiores violências perpetradas contra o povo negro.

(PINSKY, Jaime. A escravidão no Brasil. 21ª ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022, p. 44-45).

A descrição do Mercado do Valongo no Rio de Janeiro do século XIX revela uma faceta fundamental do sistema escravista brasileiro. A estratégia de dominação descrita no texto visava, primordialmente:

A

Fomentar a miscigenação étnica para integrar os cativos à cultura luso-brasileira.

B

Implementar uma gestão técnica da mão de obra baseada na preservação dos laços afetivos.

C

Consolidar o processo de desumanização (coisificação) do indivíduo para viabilizar sua exploração econômica.

D

Estimular a produtividade agrícola por meio de incentivos psicológicos e familiares aos escravizados.

E

Organizar o mercado de trabalho urbano conforme as leis de proteção ao trabalhador, vigentes na Metrópole.



RESUMO TEÓRICO

O conjunto de questões apresentadas permite compreender o Imperialismo e a colonização dos séculos XIX e início do XX como processos históricos complexos, marcados pela articulação entre interesses econômicos, projetos políticos e discursos ideológicos que buscavam legitimar a dominação europeia sobre vastas regiões da África e da Ásia. Longe de serem apenas empreendimentos militares, esses processos envolveram a reorganização do espaço, da economia, das culturas e das relações sociais nos territórios colonizados. No auge do Imperialismo, as potências europeias buscavam novos mercados consumidores, fontes de matérias-primas e áreas para investimento de capitais excedentes, especialmente diante do avanço do protecionismo adotado por países industrializados concorrentes, como Alemanha e Estados Unidos. Ao mesmo tempo, essa expansão era justificada por ideologias como a “missão civilizadora”, o “fardo do homem branco” e o darwinismo social, que afirmavam a suposta superioridade cultural, racial e moral da Europa. Esses discursos transformavam a dominação econômica e política em uma obrigação moral, naturalizando a violência colonial.

A organização do espaço colonial refletia diretamente essa lógica. Ferrovias, portos, telégrafos e estradas não tinham como objetivo integrar os territórios colonizados ou promover o desenvolvimento interno, mas sim facilitar o escoamento de matérias-primas para as metrópoles e o controle administrativo e militar das colônias. Dessa forma, consolidou-se uma Divisão Internacional do Trabalho profundamente desigual, na qual as colônias foram especializadas na produção primária e mantidas em condição de dependência econômica.

A Conferência de Berlim (1884–1885) exemplifica o caráter arbitrário e violento do neocolonialismo. Ao estabelecer regras

para a partilha da África sem qualquer consulta às populações locais, as potências europeias impuseram fronteiras artificiais que desconsideraram etnias, línguas e organizações políticas preexistentes. Essa reorganização forçada do espaço africano gerou tensões e conflitos que, em muitos casos, persistem até os dias atuais, demonstrando como as decisões imperialistas tiveram impactos duradouros. As fontes visuais do período, como caricaturas e charges, também revelam aspectos centrais do imperialismo. Projetos como o “Cabo ao Cairo”, simbolizado na figura de Cecil Rhodes, expressam a fusão entre capital privado, Estado e infraestrutura, evidenciando que a tecnologia era utilizada como instrumento de dominação e exploração. Da mesma forma, a publicidade de produtos europeus, como o sabão, incorporava ideias racistas e civilizatórias, associando o consumo de mercadorias industriais à noção de progresso, limpeza e superioridade cultural, fenômeno conhecido como “racismo de mercadoria”.

Por fim, os efeitos da colonização sobre as sociedades colonizadas foram profundamente destrutivos. A imposição de economias voltadas para o exterior, a dissolução de estruturas tradicionais de produção e propriedade, o trabalho forçado e a cobrança de impostos desestruturaram modos de vida ancestrais, provocando empobrecimento, fome e exclusão social. Como mostram os exemplos da Índia, do Congo e da Argélia, a colonização não substituiu essas estruturas por sistemas capazes de garantir melhores condições de vida, mas aprofundou desigualdades e dependências. Refletir sobre essas questões permite ao aluno compreender que o Imperialismo não foi um processo neutro ou benéfico, mas um fenômeno histórico marcado por exploração, violência e construção de estigmas culturais que ainda influenciam as relações internacionais e as desigualdades globais contemporâneas. Esse

TEXTO CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA ►

olhar crítico é fundamental para questionar narrativas eurocêntricas e reconhecer as múltiplas experiências e resistências dos povos colonizados.



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

TEXTO I “De fato, o principal arquiteto francês do colonialismo e do expansionismo imperial, o socialista Jules Ferry, justificava economicamente a expansão do seu país pela necessidade de mercados, já que Alemanha e Estados Unidos se fechavam no protecionismo. Politicamente, ele a legitimava pela missão civilizadora [...]. Havia também, para os grandes países europeus, o prestígio político e o orgulho patriótico vinculados ao fato de possuir possessões ultramarinas.”

(ALMEIDA, P. R. *Os imperialismos europeus e o impacto econômico das guerras globais do século XX. Rev. Bra. Est. Def., 2015*).

TEXTO II “No terreno das ideias, a certeza da missão civilizadora imperial era aceita por todos os líderes políticos dos países avançados, comprometidos em levar as concepções europeias aos lugares mais distantes da África e da Ásia, assumindo assim o ‘fardo do Homem Branco’, tal como expresso numa fórmula conhecida do famoso poeta inglês Rudyard Kipling.”

(ALMEIDA, P. R. *Os imperialismos europeus e o impacto econômico das guerras globais do século XX. Rev. Bra. Est. Def., 2015*).

No final do século XIX, a “disputa pela África” e a expansão na Ásia marcaram o auge do Imperialismo. A leitura dos textos revela que a projeção de poder das nações europeias nesse período não se baseou apenas na força militar, mas articulou interesses econômicos e discursos ideológicos. Essa articulação é caracterizada pela:

A

Promoção do livre-comércio irrestrito entre todas as nações, abandonando as barreiras alfandegárias para permitir o desenvolvimento autônomo das colônias africanas.

B

Concentração dos esforços coloniais na América Latina, visto que a África e a Ásia já possuíam Estados nacionais consolidados e economias industrializadas que repeliram a invasão europeia.

C

Combinação entre a busca por mercados consumidores protegidos — em resposta ao protecionismo de rivais industriais — e a legitimação da dominação através da crença na superioridade cultural e civilizatória europeia.

D

Desmilitarização das potências europeias, que preferiram resolver a partilha dos territórios ultramarinos exclusivamente através de acordos diplomáticos pacíficos, sem o uso de “diplomacia das canhoneiras”.

E

Rejeição do conceito de “prestígio nacional”, uma vez que as colônias eram vistas pelos governos europeus apenas como fardos financeiros desnecessários, sem valor simbólico para o orgulho patriótico.

Q.2

“Esse foi o momento em que o mundo se tornou uma unidade única. [...] Mas era fundamentalmente um mundo dividido. A economia mundial do século XIX consistia em duas partes: uma parte ‘desenvolvida’, industrializada e dominante, e uma parte ‘subdesenvolvida’, agrícola e dependente. A função das colônias era complementar a economia das metrópoles: fornecer matérias-primas baratas e consumir produtos industrializados. [...] As ferrovias e os portos construídos na periferia não serviam para integrar o país, mas para drenar suas riquezas para fora.”

(HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011, p. 56-59. Adaptado).

Eric Hobsbawm descreve a configuração espacial e econômica do mundo imperialista. Assinale a alternativa que caracteriza corretamente a organização do espaço colonial no século XIX.

A

A infraestrutura construída pelos europeus nas colônias (ferrovias e telégrafos) tinha como objetivo principal integrar as diversas tribos e regiões locais, promovendo a unidade nacional e o desenvolvimento interno autônomo dos povos colonizados.

B

A Divisão Internacional do Trabalho estabelecida pelo imperialismo permitiu que as colônias se industrializassem rapidamente, competindo de igual para igual com as metrópoles na produção de bens de alta tecnologia.

C

A dinâmica das mercadorias baseava-se em um fluxo desigual: as colônias eram especializadas na extração de produtos primários (borracha, minérios, algodão) que eram transportados por ferrovias voltadas para os portos exportadores, consolidando uma economia de dependência externa.

D

O texto afirma que a divisão entre “desenvolvidos” e “subdesenvolvidos” foi superada no final do século XIX, quando as potências europeias transferiram gratuitamente suas fábricas para a Ásia e a África.

E

Amobilidade de pessoas e mercadorias no período imperialista foi restrita ao continente europeu, pois o comércio ultramarino era considerado perigoso e pouco lucrativo pelas elites burguesas.

Q.3

“A Conferência de Berlim (1884-1885) não partilhou a África; ela apenas estabeleceu as regras para essa partilha. [...] O mapa da África foi desenhado nos gabinetes europeus, com régua e compasso, ignorando completamente a geografia humana e política do continente. Etnias foram divididas, nações rivais foram forçadas a viver juntas. Essas fronteiras artificiais, traçadas para atender à lógica de equilíbrio de poder entre as potências europeias, tornaram-se ‘camisas de força’ que aprisionaram os povos africanos e geraram conflitos que perduram até hoje.”

(KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra*. 3. ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1999, p. 32-35. Adaptado).

A Conferência de Berlim é o evento político central do neocolonialismo na África. Assinale a alternativa que descreve corretamente as consequências espaciais e demográficas desse evento.

A

A demarcação de fronteiras na África respeitou rigorosamente as divisões linguísticas e culturais pré-existentes, garantindo que cada grupo étnico tivesse seu próprio Estado-Nação soberano.

B As fronteiras artificiais criadas pelo imperialismo reorganizaram o espaço africano de acordo com os interesses geopolíticos europeus, desestruturando sociedades locais ao separar grupos pertencentes à mesma etnia ou unir grupos historicamente rivais sob uma mesma administração colonial.

C A Conferência de Berlim determinou que a ocupação do território africano só poderia ocorrer mediante referendos populares, nos quais as populações locais votavam se aceitavam ou não a presença europeia.

D A fixação de fronteiras rígidas na África facilitou a livre circulação de pessoas e mercadorias entre as colônias, criando uma zona de livre comércio continental semelhante à União Europeia atual.

E O texto defende que a “régua e o compasso” foram usados apenas para planejar ferrovias, sem interferir na organização política ou nos limites territoriais dos reinos africanos.

Q.4



A caricatura acima, publicada na revista britânica *Punch* em 1892, retrata o magnata e político Cecil Rhodes como um gigante sobre o continente africano, segurando uma linha de telégrafo que conecta a Cidade do Cabo (África do Sul) ao Cairo (Egito). Considerando a imagem, assinale a alternativa que interpreta corretamente o projeto imperialista britânico representado:

A A imagem critica a megalomania de Cecil Rhodes, sugerindo que seu projeto de conectar a África visava apenas a promoção do turismo de aventura, sem qualquer intenção de exploração econômica ou domínio territorial.

B A representação do “Colosso” simboliza o projeto geopolítico britânico de criar um corredor contínuo de dominação norte-sul na África (“do Cabo ao Cairo”), onde a construção de ferrovias e telégrafos serviria para agilizar o fluxo de mercadorias, tropas e capital, consolidando a hegemonia inglesa no continente.

C

O fio de telégrafo nas mãos de Rhodes indica que o Imperialismo do século XIX foi marcado pela transferência gratuita de tecnologia de comunicação para os povos africanos, com o objetivo de promover a integração democrática entre as diversas etnias do continente.

D

A postura de Rhodes demonstra o respeito europeu pelas fronteiras naturais e políticas dos reinos africanos, uma vez que seus pés evitam pisar nas áreas produtivas, indicando uma política de não-intervenção nos assuntos locais.

E

Plantação de gêneros trazidos pelos europeus”.

Q.5



A charge faz apologia ao poema de Kipling mostrando um britânico carregando seu fardo. Nos personagens, está escrito: Zulu, China, Egito e Índia. As pedras no caminho do britânico trazem escrito: brutalidade, escravidão, ignorância, canibalismo, crueldade. Charge, Estados Unidos, 1899.

Relacionando a fonte visual com as dinâmicas culturais e de mercadorias, assinale a alternativa que explica como o consumo de produtos europeus era justificado ideologicamente:

A

A propaganda demonstra que o comércio imperialista era baseado na troca justa de saberes, onde os europeus aprendiam técnicas de higiene com os povos nativos e, em troca, ofereciam produtos manufaturados.

B

A imagem reflete o “Darwinismo Social”, sugerindo que a “civilização” era um estágio biológico superior que poderia ser alcançado através do consumo de mercadorias europeias. O ato de limpar/lavar simboliza, metaforicamente, a “purificação” da cultura nativa considerada “suja” ou “bárbara” pelo colonizador.

C O anúncio comprova que as empresas europeias do século XIX não tinham preconceitos raciais, pois utilizavam imagens de diversos povos em suas propagandas apenas para celebrar a diversidade cultural do Império Britânico.

D A referência ao “Fardo do Homem Branco” na publicidade é uma crítica irônica da empresa de sabão ao colonialismo, denunciando o trabalho exaustivo e injusto que os militares brancos eram obrigados a realizar nas colônias.

E A circulação de sabão nas colônias tinha como único objetivo combater epidemias locais, sem qualquer relação com a imposição de valores culturais ocidentais ou com a ideia de superioridade racial.

Q.6

A colonização, na medida em que representou a ocidentalização do mundo, destruiu estruturas tradicionais, que muitas vezes não se recompuseram, e nada construiu em seu lugar. Na Índia, o artesanato desapareceu. No Congo, os belgas obrigaram as populações nativas a executar trabalhos forçados e a pagar impostos. Na Argélia, a fim de liberar mão-de-obra, os franceses destruíram a propriedade coletiva do solo e o trabalho comunitário, o que levou muitas pessoas à fome e à indigência.

(ARRUDA, José J. de; PILETTI, Nelson. Toda a história. São Paulo: Ática, 1996, p. 240).

O texto descreve alguns efeitos da colonização europeia em diferentes regiões da África e da Ásia. A partir dele, é correto afirmar que a colonização:

A promoveu o desenvolvimento econômico equilibrado das sociedades colonizadas, respeitando suas tradições culturais.

B substituiu as estruturas tradicionais por sistemas modernos que garantiram melhores condições de vida às populações locais.

C causou a destruição de formas tradicionais de organização social e econômica, sem oferecer alternativas capazes de atender às necessidades das populações colonizadas.

D contribuiu para a integração harmoniosa entre colonizadores e colonizados, gerando prosperidade coletiva

E teve impactos limitados às elites locais, não afetando diretamente a vida da maioria da população nativa.



RESUMO TEÓRICO

As questões a seguir abordam diferentes interpretações históricas sobre a Amazônia e sua inserção em processos mais amplos da história mundial, como a colonização europeia, a formação de sociedades coloniais, a construção de imaginários sobre a região e a difusão de valores culturais ligados à modernidade burguesa. Em conjunto, elas permitem compreender a Amazônia não como um espaço isolado ou vazio, mas como uma região profundamente conectada às dinâmicas econômicas, sociais e culturais globais desde o início da colonização. A partir do século XVII, a Amazônia foi integrada à economia-mundo por meio da exploração das chamadas “drogas do sertão”, do cultivo de gêneros agrícolas e da implantação do sistema de sesmarias e engenhos. Esse processo não ocorreu em um território desabitado, mas em áreas ocupadas por inúmeros povos indígenas, que foram violentamente incorporados à ordem colonial, sobretudo por meio do aprisionamento ilegal e do trabalho compulsório. A economia amazônica colonial, portanto, combinou extrativismo e agricultura, sustentada fundamentalmente pela exploração da mão de obra indígena, revelando o caráter predatório e desigual da colonização portuguesa.

Ao mesmo tempo, a pressão colonial provocou intensos deslocamentos populacionais e rearranjos territoriais. Povos indígenas, remanescentes de antigas migrações, e africanos escravizados fugitivos formaram quilombos e novas comunidades, dando origem a uma Amazônia marcada pela diversidade étnica e linguística. Longe de uma organização homogênea ou centralizada, essas populações construíram modos de vida baseados na sobrevivência, na adaptação ao ambiente e na autonomia relativa de aldeias e comunidades, configurando um verdadeiro mosaico social e cultural. Outro aspecto fundamental para a compreensão da história

amazônica é o papel do imaginário europeu. Os cronistas e viajantes do século XVI e posteriores interpretaram a região a partir de seus próprios referenciais culturais, religiosos e simbólicos. Ao projetarem mitos, imagens bíblicas e concepções europeias sobre o território, contribuíram para a construção de representações fantasiosas e estereotipadas da Amazônia, frequentemente associadas ao exotismo, ao desconhecido e ao “selvagem”. Essas narrativas tiveram grande impacto na forma como a região passou a ser vista e tratada ao longo do tempo.

Paradoxalmente, apesar da violência da conquista, o conhecimento indígena foi essencial para o sucesso da colonização. Técnicas de agricultura, pesca, caça, uso e conservação de alimentos, além da fabricação de utensílios e meios de transporte, foram fundamentais para a sobrevivência de colonos e missionários em um ambiente desconhecido para os europeus. Esse protagonismo indígena, muitas vezes silenciado pela historiografia tradicional, evidencia que a colonização não foi apenas um processo de imposição, mas também de apropriação de saberes locais. Por fim, ao relacionar essas discussões com o contexto da Belle Époque, percebe-se como visões eurocêntricas de progresso, civilização e modernidade influenciaram a interpretação da Amazônia, reforçando a ideia de atraso, vazio demográfico e ausência de cultura. Essas representações desconsideraram a complexidade histórica, social e cultural da região, legitimando práticas de exploração e marginalização. Refletir criticamente sobre essas narrativas permite questionar estigmas persistentes e reconhecer a Amazônia como um espaço historicamente construído, diverso e dinâmico, cuja trajetória é inseparável das populações que a habitam e das relações globais que a atravessam.



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

A partir de 1616, entraram, nas rotas do Império Português, as “drogas” do Maranhão: o açúcar produzido nos engenhos dos rios Moju, Acará e Itapicuru; o cacau bravo colhido nos sertões em expedições que traziam, além dos gêneros, indígenas aprisionados ilegalmente e que se tornariam a mão de obra essencial; o cacau manso plantado nas fazendas; o café; o arroz nativo e depois o carolino; os couros dos bois; as madeiras e óleos essenciais da floresta. A Amazônia adentrou na economia-mundo. Essas terras já eram habitadas por indígenas que foram englobados pela nova realidade; passando à colonial e híbrida. Viveram entre o pão e a farinha, entre as sesmarias e as rotas transatlânticas, entre o vinho e a aguardente, entre o extrativismo das drogas e o cultivo das terras, entre o engenho e as câmaras, entre a cidade e as fazendas, entre o sertão e o litoral.

(LIMA, João Antônio Fonseca Lacerda;
SANTOS, Marília Cunha Imbiriba dos.
*Sesmarias e sesmeiros: a distribuição e o
beneficiamento de terras na Amazônia
colonial. Fronteiras: Revista de História,
Dourados, v. 24, n. 44, 2022, p. 106).*

Segundo o fragmento, como se caracterizava a base da produção econômica na região Amazônica no período da colonização e qual foi a principal consequência para as populações indígenas?

A

A economia era sustentada exclusivamente pelo plantio de café e arroz carolino, o que permitiu uma convivência pacífica e voluntária dos indígenas nas fazendas coloniais.

B

A base econômica consistia no extrativismo das “drogas do sertão” e no cultivo de gêneros como açúcar e cacau, dependendo essencialmente da mão de obra indígena ilegalmente aprisionada em expedições aos sertões.

C

A produção nos engenhos dos rios Moju e Acará utilizava exclusivamente mão de obra assalariada vinda de Portugal, o que evitou o deslocamento e o englobamento dos indígenas pela realidade colonial.

D

O comércio amazônico limitava-se à exportação de couros de bois e óleos essenciais, atividades realizadas de forma autônoma pelos indígenas sem interferência das rotas do Império Português.

E

A Amazônia permaneceu isolada da economia transatlântica até o século XIX, mantendo as terras habitadas por indígenas totalmente preservadas do sistema de sesmarias e engenhos.

Q.2

Ao longo dos rios e em torno de suas cabeceiras, populações que ali nasceram, juntamente com os remanescentes das migrações para o interior tinham composto outras nações, agora baseadas em novos territórios. Escravos africanos fugidos dos empreendimentos coloniais haviam também formado seus quilombos nas cachoeiras, acrescentando novas cores ao mosaico de povos da floresta que, por pressão do colonizador, tiveram eles mesmos que colonizar novas terras, expulsando, incorporando ou sendo incorporados pelos antigos moradores. Uma Amazônia de populações multiétnicas e multilinguísticas, vivendo em aldeias semi-autônomas um modo de vida predominantemente de sobrevivência se descortinou aos olhares curiosos dos primeiros viajantes e etnógrafos.

(SCHAAN, Denise Pahl. A Amazônia em 1491. Especiaria. Cadernos de Ciências Humanas, vols. 11/12, 2008- 2009, p. 56).

No trecho acima, a arqueóloga Denise Pahl Schaan, ao analisar a formação da população na Amazônia, a define como “multiétnica e multilinguística”, o que pode ser caracterizado como:

A

Um processo de isolamento geográfico absoluto, onde as populações indígenas e quilombolas evitavam qualquer tipo de contato, preservando suas línguas e costumes originais sem alterações ao longo dos séculos.

B

O resultado de uma dinâmica histórica complexa, marcada por deslocamentos forçados, fugas e rearranjos territoriais, onde grupos indígenas remanescentes e africanos escravizados criaram novas formas de organização social e ocupação da floresta.

C

Uma organização política centralizada e governada por um único império indígena que dominava toda a bacia amazônica, facilitando a comunicação entre as diferentes etnias através de uma língua oficial imposta pelo colonizador.

D

O desaparecimento total das identidades culturais originárias após o primeiro contato com os europeus, resultando em uma população homogênea que adotou integralmente o modo de vida e a língua portuguesa para garantir a sobrevivência.

E

Uma formação populacional composta exclusivamente por viajantes e etnógrafos europeus, que foram os únicos responsáveis por nomear e organizar as aldeias de sobrevivência encontradas nas cabeceiras dos rios.

Q.3

“A partir de conceitos, juízos, símbolos, mitos e valores de sua civilização, os conquistadores, através de suas narrativas – escritas e orais –, transmitiram aos leitores e ouvintes determinadas imagens mentais, que tornavam menos estranhas as novidades do território desbravado. Muitas vezes, essas imagens mentais eram transformadas em imagens formais, isto é, em gravuras, feitas por especialistas que ilustravam folhetins, livros e mapas [...] A região amazônica foi tocada pela primeira vez por europeus em fevereiro de 1500. Comandava a expedição o espanhol Vicente Yáñez Pinzón, cujas caravelas singraram vinte léguas do futuro rio Amazonas. Tal qual um Adão geógrafo, Pinzón – eivado de religiosidade cristã e admiração ante o fenômeno observado – estabeleceu uma curiosa analogia entre a ‘doçura’ da Virgem Maria e o volume das águas doces que avançava no mar, batizando o rio com o nome de *Santa Maria de la Mar Dulce*”.

(UGARTE, Auxiliomar. *Margens míticas: A Amazônia no Imaginário Europeu do século XVI*. In: GOMES, Flávio dos Santos; DEL PRIORE, Mary. *Os senhores dos rios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p. 4-5.)

No trecho acima, o historiador amazonense Auxiliomar Ugarte explica o conjunto de narrativas dos cronistas europeus sobre a Amazônia ao longo do séc. XVI. Para esse autor, é correto afirmar que:

A

Os cronistas em suas narrativas faziam uso de uma notável alteridade, se esforçando em entender a dinâmica do que narravam sem nenhum preconceito.

B

Os cronistas projetavam para o território amazônico realidades que já conheciam, permeando suas narrativas de imagens bíblicas e fantásticas.

C

Os cronistas utilizavam como base para suas narrativas apenas aquilo que ouviam das populações locais.

D

Os primeiros europeus a chegarem no território amazônico foram os portugueses.

E

Nenhuma das alternativas acima.

Q.4

“As formas de abastecimento, montadas pelos missionários na colônia do Norte, foram elaboradas a partir do conhecimento que os indígenas possuíam em relação aos espaços onde se encontravam os gêneros e sua forma de extração. Foram também os indígenas, os responsáveis pela transmissão das práticas de agricultura, pesca, caça, de conhecimentos sobre utilização e conservação de gêneros e ainda da fabricação de cestos, cordas, redes e canoas aos colonos e religiosos do Norte”.

(RAVENA, Nirvia; MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. *A teia de relações entre índios e missionários a complementaridade vital entre o abastecimento e o extrativismo na dinâmica econômica da Amazônia Colonial*. *Varia Historia*, vol. 29, nº 50, 2013, p. 395.)

Segundo as autoras, o conhecimento indígena é fundamental para o êxito da conquista europeia na Amazônia, notadamente na transmissão de saberes relacionados a:

- A Técnicas de navegação de longo curso.
- B Meios de subsistência na região.
- C Construção de cidades nas margens dos rios.
- D Uso de vestimentas locais.
- E teve impactos limitados às elites locais, não afetando diretamente a vida da maioria da população nativa.

Q.5

A *Belle Époque* implica reconhecer linguagens, gostos, atitudes, estéticas, sociabilidades que, construídos em escalas diferenciadas nos espaços hegemônicos da cultura burguesa, reproduziram-se, em escala planetária, também na condição das formas de ser e de agir em tempos que abrigavam o proclamado triunfo do Progresso e da sua homologia, a Civilização.

(COELHO, Geraldo Mártires. “Na Belém da Belle Époque da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares”. In: *Escritos - Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa*, ano 5, número 5, 2011, p. 141.)

A partir dessa análise, é correto afirmar que a *Belle Époque*:

- A representou um período de igualdade social, no qual os benefícios do progresso alcançaram todas as camadas da população.
- B expressou a valorização do progresso e da civilização, difundindo padrões culturais europeus que influenciaram diferentes sociedades ao redor do mundo.
- C rejeitou as ideias de modernidade e progresso, priorizando tradições populares e rurais.
- D limitou-se exclusivamente aos países europeus, sem impacto cultural em outras regiões do planeta
- E foi caracterizada pela crítica intensa à cultura burguesa e à noção de civilização.

Q.6

Sabe-se que em comum essas visões sobre a Amazônia ratificaram a ideia de uma natureza que se sobrepõe à atividade humana, ou seja, a ideia de grande vazio demográfico, região sem cultura, sem civilização. Quando muito, algumas expressões culturais e fenômenos socioeconômicos regionais foram apreciados para se enfatizar o estigma de selvagem, bárbaro, atrasado, associado ao lugar.

(LIMA, Carla Oliveira de. Historiografia social da Amazônia e história ambiental: um breve balanço. Revista do LHIESTE-Laboratório de Ensino de História e Educação, v. 4, n. 6, 2017, p. 91).

O texto apresenta uma visão recorrente sobre a Amazônia construída ao longo do tempo. A partir dessa perspectiva, é correto afirmar que essas interpretações:

- A reconheceram a Amazônia como uma região densamente povoada, marcada por grande diversidade cultural e histórica.
- B valorizaram as sociedades amazônicas como modelos avançados de civilização e desenvolvimento social.
- C reforçaram estereótipos ao apresentar a Amazônia como um espaço vazio, dominado pela natureza e desprovido de cultura e ação humana significativa.
- D destacaram a integração equilibrada entre natureza e sociedade, enfatizando o protagonismo das populações locais
- E romperam com visões preconceituosas, promovendo uma análise crítica e científica da realidade amazônica.

Referências

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: UduSC, 2007.
- ALMEIDA, P. R. Os imperialismos europeus e o impacto econômico das guerras globais do século XX. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, [S.l.], 2015.
- ARRUDA, José J. de; PILETTI, Nelson. *Toda a história*. São Paulo: Ática, 1996.
- BARROS, J. D. Fontes históricas: uma introdução aos seus usos historiográficos. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-RJ – HISTÓRIA E PARCERIAS, 2019, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2019.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da belle époque da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares. *Escritos - Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa*, ano 5, n. 5, p. 141, 2011.
- FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. 3. ed. Lisboa: Presença, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Brasil: pré-história e história*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- FURET, François. *Pensando a revolução francesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- GOGUES, Olympede. Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. Portal UFMS. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/414/2018/10/DeclaraDirMulherCidada1791RecDidaPESSOALJNETO.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2025.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra*. 3. ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1999.
- KIRSCHNER, T. C. *Itinerários de um ilustrado luso-brasileiro*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2009.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LIMA, Carla Oliveira de. *Historiografia social da Amazônia e história ambiental: um breve balanço*. *Revista do LHIESTE-Laboratório de Ensino de História e Educação*, v. 4, n. 6, p. 91, 2017.
- LIMA, João Antônio Fonseca Lacerda; SANTOS, Marília Cunha Imbiriba dos. *Sesmarias e sesmeiros: a distribuição e o beneficiamento de terras na Amazônia colonial*. *Fronteiras: Revista de História*, Dourados, v. 24, n. 44, p. 106, 2022.
- MARX, Karl. *O Capital*, Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2024.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Tradução de Sebastião Nascimento. Lisboa: Antígona, 2014.
- OLIVEIRA, Matusalém Alves; SALES, Matheus Gleydson do Nascimento (Org.). *Diálogos sobre pré-história [recurso eletrônico]: mente, cultura e sociedade*. 1. ed. Campina Grande: Editora Antropus, 2022.

ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade: a França no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PINSKY, Jaime. *A escravidão no Brasil*. 21. ed. 6. reimpr. São Paulo: Contexto, 2022.

PINSKY, Jaime. Introdução. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *História da Cidadania*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte de escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RAVENA, Nirvia; MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. *A teia de relações entre índios e missionários a complementaridade vital entre o abastecimento e o extrativismo na dinâmica econômica da Amazônia Colonial*. *Varia Historia*, v. 29, n. 50, p. 395, 2013.

REIS, José Carlos. *História & Teoria. Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ROTAS da escravidão. Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/rotas-da-escravidao/>. Acesso em: 07 abr. 2024.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHAAN, Denise Pahl. *A Amazônia em 1491. Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas*, v. 11/12, p. 56, 2008-2009.

UGARTE, Auxiliomar. *Margens míticas: A Amazônia no Imaginário Europeu do século XVI*. In: GOMES, Flávio dos Santos; DEL PRIORE, Mary. *Os senhores dos rios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

WOLFF, F. *Quem é bárbaro?* In: NOVAES, A. (org.). *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

★ RECOMPOSIÇÃO DAS APRENDIZAGENS ★

CADERNO DO ESTUDANTE

HISTÓRIA

8º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL

VOL. 1



SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO



Organização

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

HELDER ZAHLUTH BARBALHO
GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ

HANA GHASSAN TUMA
VICE-GOVERNADORA DO ESTADO DO PARÁ

RICARDO NASSER SEFER
SECRETÁRIO DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SEDUC

JÚLIO CÉSAR MEIRELES DE FREITAS
SECRETÁRIO ADJUNTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA
SAEB

RAIMUNDO CORREA DE OLIVEIRA
DIRETOR DE FORMAÇÃO - DIFOR

DIONÍSIO JOSÉ DA COSTA SÁ
COORDENADOR DE FORMAÇÃO DOS
PROFISSIONAIS DO MAGISTÉRIO

LILIAN CELINA GUEDES DE ASCUI
COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO

ARTUR ALVES PINHEIRO
DESIGNER

EQUIPE DE ELABORAÇÃO

Júlio César Meireles de Freitas
Coordenador Geral

Raimundo Correa de Oliveira
Coordenador de Produção

Dionísio José da Costa Sá
Coordenador de Elaboração

Silvaney Fonseca Ferreira Seabra
Coordenadora de Revisão

Cláudia Regina Bezerra Ferreira
Coordenadora de Apoio Institucional

Elaboradores

Diego Pereira Santos
Professor Formador da DRE Belém 05

Roberta Saueria Martins
Professor Formador da DRE Benevides

William Fonseca Freire
Professor Formador da DRE Belém 10

Sumário

Apresentação	7
Semana 1: Revoluções Inglesas	8
Organização Curricular	8
História em Foco	8
Questões/itens	9
Semana 2: Movimentos Iluministas	13
Organização Curricular	13
História em Foco	13
Questões/itens	14
Semana 3: Revolução Industrial e seus impactos	18
Organização Curricular	18
História em Foco	18
Questões/itens	19
Semana 4: Revolução Francesa	24
Organização Curricular	24
História em Foco	24
Questões/itens	25
Semana 5: Independência dos Estados Unidos da América	28
Organização Curricular	28
História em Foco	28
Questões/itens	29
Semanas 6: Revolução Haitiana: significados e desdobramentos	33
Organização Curricular	33
História em Foco	33
Questões/itens	34
Semana 7: Independências na América Espanhola	38
Organização Curricular	38
História em Foco	38

Questões/itens	39
Semana 8: Redefinições conceituais no mundo contemporâneo	43
Organização Curricular	43
História em Foco	43
Questões/itens	44
Referências	48

Apresentação

Olá, estudante! Tudo bem?

Seja muito bem-vindo(a) ao seu caderno de História! Este material foi feito especialmente para acompanhar você nesta jornada pelo 8º ano.

Você já parou para pensar que o mundo onde vivemos hoje (com internet, leis, indústrias e democracias) não surgiu do nada? Ele é o resultado de muitas lutas, ideias e revoluções. Neste caderno, vamos viajar no tempo para entender como surgiram conceitos como liberdade e direitos, e como pessoas comuns mudaram o rumo da história. Aqui vamos encontrar resumos teóricos das temáticas abordadas com textos simples e direto para você compreender objetos do conhecimento histórico importantes para sua formação como Iluminismo, Revolução Industrial e as independências do nosso continente americano. Além disso, também temos desafios práticos, com 6 itens no estilo das provas SAEB e do ENEM, assim, você já começa a se preparar para os grandes exames de um jeito leve e descontraído. As atividades também vão te ajudar a melhorar sua leitura e interpretação de textos, assim como seu raciocínio lógico, por isso, vamos integrar conhecimentos de outros componentes como Língua Portuguesa e Matemática. Afinal, tudo está conectado!

Portanto, estudar História não é apenas memorizar datas. É entender que você também faz parte da história e que o mundo continua mudando. Este caderno é uma ferramenta para desenvolver seu pensamento crítico e entender melhor a sociedade ao seu redor.

Sinta-se à vontade para rabiscar, anotar suas dúvidas e conversar com seu professor ou professora sobre o que descobrir aqui.

Bons estudos e aproveite a caminhada!



Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
<ul style="list-style-type: none"> O mundo contemporâneo: o Antigo Regime em crise 	As revoluções inglesas e os princípios do liberalismo	(EF08HI02) Identificar as particularidades político-sociais da Inglaterra do século XVII e analisar os desdobramentos posteriores à Revolução Gloriosa.



HISTÓRIA EM FOCO

Revoluções Inglesas: cidadanias em movimento

Existe uma expressão popular na Inglaterra que diz: o rei reina, mas não governa. Isso diz muito sobre o sistema político vigente nesse país europeu, denominado de monarquia parlamentarista, onde pela tradição a figura representativa do rei é mantida através de uma dinastia, mas o governo é exercido por um(a) primeiro-ministro (a) escolhidos pelos representantes do povo que juntos formam o parlamento, estes por sua vez são eleitos pelo voto popular. Porém, nem sempre foi assim, se recuarmos no tempo e parássemos no século XVII, não era este o cenário político. Por outro lado, existia monarquia e parlamento, estas instituições se formaram no período medieval e foram mantidas no contexto das transformações da primeira modernidade (contexto histórico estudado no sétimo ano, inclusive o sistema político, chamado de absolutismo construído neste contexto, tinha características específicas na sociedade inglesa).

Alguns historiadores afirmam que o poder real não era tão centralizado quanto em outros países, com o parlamento exercendo maior controle. Assim, quando a dinastia

Stuart elevou impostos sem consultá-lo, surgiram tensões que culminaram na Guerra Civil (1642–1649), conflito que dividiu a população entre partidários do rei e do parlamento. Ressalta-se que esse processo não teve apenas um viés político-institucional, envolvendo também questões religiosas e a ocupação e apropriação de terras públicas. A imposição de uma religião oficial pelo rei e a perseguição a outras denominações, como os puritanos, formado por protestantes com forte presença entre a gentry e a burguesia (proprietários de terras e comerciantes marítimos enriquecidos), bem como de outros grupos religiosos com maior aceitação entre setores populares radicais, como niveladores, escavadores e quakers, reforçaram a oposição ao poder real. Cada grupo possuía ideais distintos: os niveladores defendiam igualdade perante a lei, sufrágio masculino quase universal, liberdade religiosa e o fim da monarquia e da Câmara dos Lordes; os escavadores, de caráter mais agrário, propunham a abolição da propriedade privada e a ocupação de terras comuns para cultivo, entendendo a terra como um “tesouro comum”. Esses grupos tiveram papel relevante nos momentos mais radicais da revolução, expressando posições divergentes das elites agrárias e burguesas. A guerra civil terminou com a vitória do parlamento, levando Oliver Cromwell, líder do exército, ao poder e à

instauração de uma ditadura republicana. O desfecho foi marcante: o rei Carlos I foi julgado e decapitado por traição.



Estudantes e a Declaração de Direitos Fonte: Gerado por DALL-E (2025).

Após a morte de Cromwell e uma tentativa falha de volta dos reis Stuart (que tentaram ser absolutistas novamente), o Parlamento tomou uma atitude definitiva e pacífica. Em 1688, eles convidaram o príncipe Guilherme de Orange para assumir o trono, mas com uma condição: ele não governaria sozinho. Como não houve derramamento de sangue (o antigo rei fugiu), esse evento ficou conhecido como Revolução Gloriosa. Para o respaldo legal das mudanças provocadas pelo processo revolucionário, foi assinado um documento denominado Bill of Rights (Declaração de Direitos) em 1689, inovador para época, representou em linhas gerais: controle do poder do rei, liberdade religiosa, fim do absolutismo na Inglaterra, fortalecimento político da burguesia, defesa da propriedade privada.



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.1

Descritor de LP: D12 - Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc. (5º ano EF)

O Parlamento muito cedo diminuiu o poder dos monarcas. Diferentemente da França e da Espanha, antigas províncias romanas onde a continuidade do direito romano fez prevalecer, mesmo durante a Idade Média, a ideia de um príncipe comandando a sociedade com plenos poderes, a Inglaterra, província menos romanizada, sofrera influências muito maiores do direito feudal, no qual o poder era compartilhado pelos grandes senhores, sendo o príncipe incluído entre eles. Assim, o Absolutismo não prosperou na Inglaterra moderna. (SILVA; SILVA, 2010, p. 12)

Com base no texto-base, a organização política inglesa na Idade Moderna pode ser explicada pela relação entre:

A

estrutura feudal que repartia o poder e a conseqüente limitação da autoridade real inglesa.

B

tradição jurídica romanizada e o fortalecimento do príncipe como figura central na sociedade inglesa.

C

continuidade administrativa medieval e a ampliação dos poderes monárquicos no período moderno.

D

herança política centralizadora e a submissão dos grandes senhores ao governo real inglês.

Q.2

Descritor de LP: D4 – Inferir uma informação implícita em um texto. (3º ano / 5º ano EF)

Em qualquer lugar da Inglaterra onde se produz lã, os nobres, os ricos e até os abades disputam os campos de modo feroz (...). Eles retiram vastas extensões de terra da agricultura e as transformam em pastagens; abatem as casas, as aldeias, deixando o templo... para os carneiros. (...); enquanto cultivadores honestos são expulsos de suas casas, uns pela fraude, outros pela violência, (...). Os infelizes (...) não tardam em ser atirados na prisão como vagabundos (MORUS, s/d, p.44-46).

Com base no texto, as transformações ocorridas no campo inglês estão associadas à(ao)

A

reconhecimento de práticas que se estruturam na apropriação de terras e na expulsão de pequenos produtores das áreas agrícolas.

B

identificação das mudanças que se organizam na ampliação de oportunidades econômicas para as comunidades camponesas.

C

observação dos processos que se apoiam na preservação das aldeias e na valorização das atividades tradicionais.

D

percepção das condições que se constroem na proteção jurídica dos trabalhadores e no fortalecimento de seu direito à terra.

Q.3

Descritor de LP: D7/6º EF -Identificar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e argumentos em textos.

TEXTO 01**Pensamentos de Winstanley**

E essa terra, que na criação foi feita como um celeiro para todos, é comprada, vendida e conservada nas mãos de uns poucos, o que constitui enorme desonra para o Grande Criador, como se este fizesse distinção entre as pessoas, deleitando-se com a prosperidade de alguns e regozijando-se com a miséria mais dura e as dificuldades de outros. Mas, no princípio não era assim.. Foi pela espada que vossos ancestrais introduziram, na criação, o poder de cercar a terra e de fazê-la sua propriedade. (...).

(HILL, Christopher. *O Mundo de Ponta-Cabeça*. São Paulo, Companhia das letras, 1987, pp.117).

TEXTO 02

(...) Com o tempo estas comunidades têm assegurado o sentimento de pertença a um lugar e ao grupo, bem como a posse coletiva da terra é uma consequência do desenvolvimento da coletividade, e os subsídios adquiridos representam para os quilombolas a garantia secular da existência do grupo, fortalecendo as bases das atividades econômicas e sociais e políticas.

(MALCHER, Maria Albenize F. *Territorialidade modo de vida e os processos de construção do território quilombola no estado do Pará*. Revista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará | Campus Belém | Ano XI | Nº 21 | Belém/PA | Junho/2021, p.15).

Os textos referenciam contextos históricos diferentes, contudo demonstram temática semelhante ao abordarem sobre a (o)

A

defesa de empreendimentos privados rurais.

B influência cristã no processo de ocupação territorial.

C produção agrícola familiar em comunidades tradicionais.

D uso comum de terras por agrupamentos humanos.

Q.4 Descritor de LP: D1 -1º EF -Localizar informação explícita.

Desta forma o pensamento apocalíptico adquiriu um caráter político quando os elementos proféticos começaram a ser lidos como parte da história humana, e mais especificamente como parte da história política. Segundo essa concepção: Deus estabeleceu um pacto [covenant] com os homens, que algum dia seria realizado, e o momento da realização podia adquirir um significado nos eventos da história secular, assim história e escatologia ficaram intimamente relacionadas.

(AMADEO, Javier. O surgimento da consciência cívica na Inglaterra revolucionária do século XVII in: Revista: Anacronismo e Irrupción: Justicia en la Teoría Política Clásica y Moderna, vol. 1, nº 1, 2012, p.133).

Glossário

Apocalíptico- referente a apocalipse ('revelação', 'profecia').

Escatologia - doutrina que trata do destino final do homem e do mundo; pode apresentar-se em discurso profético ou em contexto apocalíptico.

Sobre as bases ideológicas da Revolução Inglesa, o texto sugere que a religião e a política estavam:

A separadas, com a política focando em questões econômicas e a religião em crenças pessoais.

B em conflito, pois as crenças religiosas impediam qualquer tipo de organização política estável.

C associadas, com os eventos históricos sendo vistos como a realização de um acordo divino.

D conectadas, para justificar o poder absoluto dos reis e submissão do parlamento inglês.

Q.5

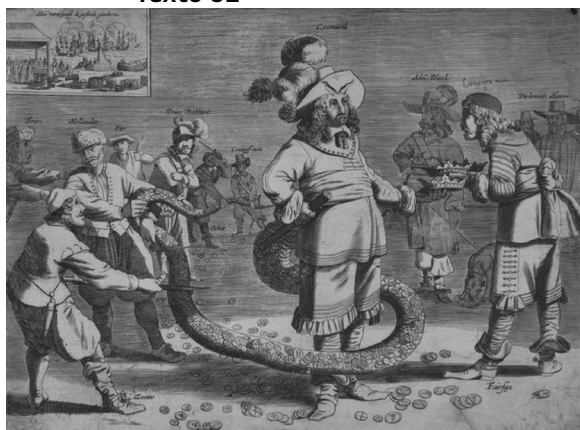
Descritor de LP: D5 -1º EF-Analisar os efeitos de sentido de recursos multissemióticos em textos que circulam em diferentes suportes.

Texto 01



Oliver Cromwell as Christ, c1650s

Texto 02



caricatura holandesa de 1658, intitulada O Horrível Homem-Rabo.

As imagens foram produzidas no contexto da guerra civil na Inglaterra, ambas destacam o poder de Oliver Cromwell, porém apresentam sentidos diferentes respectivamente de:

A

informação-depreciação.

B

enaltecimento-imparcialidade.

C

exaltação-crítica

D

juízo-objetividade.

Q.6

Descritor de LP: D3-3º EF -Inferir o sentido de palavras ou expressões em textos.

Que é ilegal a faculdade que se atribui à autoridade real para suspender as leis e seus cumprimentos. Que é ilegal toda a cobrança de impostos para a Coroa, sem o concurso do parlamento, sob o pretexto de prerrogativa, ou em época e modos diferentes dos designados por ele próprio. Que é indispensável convocar o Parlamento para satisfazer os agravos, assim como para corrigir, afirmar e conservar as leis.

(trecho do Bill of rights. Declaração de direitos, 1689).

Neste contexto histórico, o sentido de ilegal e indispensável está relacionado respectivamente com:

A

manutenção de religião oficial e proibição de outros cultos.

B

controle do parlamento inglês e soberania popular ampla.

C

liberdade religiosa e deposição da monarquia.

D

poderes plenos ao monarca e controle desse poder pelo parlamento.



Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
O mundo contemporâneo: o Antigo Regime em crise	A questão do iluminismo e da ilustração	(EF08HI01) Identificar os principais aspectos conceituais do iluminismo e do liberalismo e discutir a relação entre eles e a organização do mundo contemporâneo.

**HISTÓRIA EM FOCO****Iluminismo: ideias, tensões e múltiplas experiências históricas**

WRIGHT OF DERBY, Joseph. *Experiência com um Pássaro na Bomba de Ar. 1768*. 1 óleo sobre tela, 183 cm x 244 cm. The National Gallery, Londres.

O Iluminismo é frequentemente apresentado como um movimento intelectual que valorizava a razão, criticava o absolutismo e defendia direitos naturais, mas uma análise mais cuidadosa revela que não se tratou de um conjunto homogêneo de ideias, e sim de um campo plural, marcado por divergências e diferentes apropriações históricas. Entre seus princípios mais recorrentes destaca-se a noção de que o poder político deve se basear na vontade coletiva, expressa na crítica às monarquias absolutas e à legitimação do poder pela tradição ou herança dinástica. Havia ainda

a defesa do consentimento dos governados, vinculada ao pensamento contratualista, segundo o qual os governos existem para garantir direitos fundamentais e podem ser modificados ou abolidos quando deixam de cumprir essa função.

Outro eixo central do Iluminismo diz respeito à organização do poder no Estado. A defesa da separação dos poderes, formulada por Montesquieu, expressa a preocupação com o despotismo e a concentração de autoridade, propondo a divisão entre Executivo, Legislativo e Judiciário como forma de equilíbrio institucional e limitação de abusos. Essa concepção difere da soberania popular defendida por autores como Rousseau, evidenciando a diversidade interna do pensamento iluminista.

Do ponto de vista historiográfico, os estudos sobre o Iluminismo passaram, a partir da década de 1970, por importantes revisões. Abandonou-se gradualmente a interpretação que tomava a experiência francesa como modelo universal, ampliando o olhar para outras realidades europeias e não europeias. Essa mudança permitiu reconhecer que o Iluminismo assumiu feições distintas conforme os contextos culturais, sociais e religiosos em que se desenvolveu. Nesse sentido, o Iluminismo português é um exemplo significativo. Diferentemente de outras experiências, ele não se caracterizou por uma postura anti religiosa radical. Ao contrário, buscou conciliar o uso da

TEXTO CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA ►

razão filosófica com os fundamentos da tradição cristã, reconhecendo os limites do racionalismo e a importância da Revelação no campo moral e jurídico. Essa especificidade reforça a ideia de que o Iluminismo não pode ser compreendido como um bloco único, mas como um conjunto diverso de projetos intelectuais.



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.7

Descritor de Língua Portuguesa: D4 – Inferir uma informação implícita em um texto. (3º ano / 5º ano EF)

Consideramos estas verdades autoevidentes: que todos os homens são criados iguais, dotados pelo seu Criador de certos Direitos inalienáveis, que entre estes estão a Vida, a Liberdade e a busca da Felicidade. – Que para assegurar esses direitos, Governos são instituídos entre os Homens, derivando seus justos poderes do consentimento dos governadores. – Que, sempre que qualquer Forma de Governo se torne destrutiva desses fins, é Direito do Povo alterá-la ou aboli-la, e instituir novo Governo, assentando sua fundação nesses princípios e organizando os seus poderes da forma que lhe pareça mais conveniente para a realização da sua Segurança e Felicidade. (HUNT, 2009, p. 219-220).

A partir do texto-base, é possível relacionar seus argumentos com ideias iluministas por meio de:

- A identificar princípios que se constroem na preservação de tradições monárquicas e hierarquias sociais.
- B observar justificativas que se sustentam na autoridade religiosa como centro exclusivo do poder político.
- C reconhecer fundamentos que se articulam na defesa da legitimidade política baseada na vontade coletiva.
- D perceber orientações que se organizam no fortalecimento de regimes absolutistas do século XVIII.

Q.8

Descritor de Língua Portuguesa: D4*
3º EF - Inferir informações implícitas em textos.

Tudo estaria perdido se o mesmo homem, ou o mesmo corpo dos principais, ou dos nobres, ou do povo exercesse os três poderes.

(MONTESQUIEU. *Do espírito das leis*. Tradução de Thiago Vargas e Ciro Lourenço. São Paulo: Editora Unesp, 2023, p. 264).

Na concepção do filósofo iluminista, o exercício do poder no Estado deve ser:

A

teocrático de inspiração divina.

B

centralizado na figura do rei.

C

separado para equilíbrio de forças.

D

democrático com soberania popular.

Q.9

Descritor de Língua Portuguesa: D7 - Identificar teses/opiniões/ posicionamentos explícitos e argumentos em textos (6º EF)

*Rousseau voltou a carga, mais instrumentado e mais abalizado, em uma segunda obra, de título famoso: *Discurso sobre a Origem da Desigualdade entre os Homens*. E, afinal, pergunta ele, como é esse negócio de 'ricos' e 'pobres, 'como é que é?' Esta desigualdade, para Rousseau, não é 'natural', não decorre da Natureza - pois naquela época se falava assim do próprio homem.*

(Luis Salinas Fortes, *O Iluminismo e os reis filósofos*, 1981, p.67). (Adaptado)

Para o filósofo Jean-Jacques Rousseau, a desigualdade social era fruto da:

A

imposição da propriedade privada.

B

ação divina como forma de castigo.

C

elevação moral da nobreza.

D

determinação biológica dos indivíduos.

q.10

Descritor de LP: D4 – Inferir uma informação implícita em um texto. (3º ano / 5º ano EF)

A partir da década de 1970, pesquisadores começaram a dar maior atenção às diferenças e às tensões existentes no âmbito do pensamento do século XVIII. Desde então, tem sido publicado vários estudos sobre as especificidades do movimento iluminista em diversos contextos culturais. É significativo o relativo abandono de um tipo de interpretação que privilegia o contexto francês. (KIRSCHNER, 2009, p. 292)

Com base no texto-base, as mudanças nos estudos sobre o Iluminismo podem ser entendidas a partir da forma de:

A reconhecer abordagens que se estruturam na defesa da homogeneidade das experiências iluministas entre diferentes regiões.

B identificar interpretações que se organizam na manutenção do modelo francês como referência exclusiva para explicar o movimento.

C observar perspectivas que se apoiam na ampliação do papel do racionalismo como eixo único da historiografia iluminista.

D perceber leituras que se constroem na valorização das especificidades culturais e no afastamento do modelo explicativo centrado na França.

q.11

Descritor de LP: D6 – Identificar o tema de um texto (5º ano EF)

Sabemos agora que o Iluminismo tanto pode significar a doutrina dos que acreditam na “iluminação interior” ou mística, a qual para outros constituía uma espécie de manifestação “irracionalista”, quanto, justo o oposto, Iluminismo é sinônimo de “filosofia das luzes”, isto é, da chamada “iluminação racional”. (FALCON, 2009, p.17).

O texto apresenta duas leituras possíveis para o Iluminismo. Essas leituras podem ser interpretadas como:

A concepções que se estruturam em modos divergentes de explicar a origem do conhecimento humano.

B abordagens que se organizam em tradições distintas de compreensão da experiência religiosa.

C perspectivas que se baseiam em formas variadas de legitimar práticas políticas da época moderna.

D interpretações que se apoiam em mecanismos diferentes de sustentação da ordem social europeia.

q.12

Descritor de LP: D4 – Inferir uma informação implícita em um texto. (3º ano / 5º ano EF)

O iluminismo português não adquiriu uma feição antireligiosa e Portugal permaneceu fiel à defesa da fé e da Revelação. Embora os estatutos da universidade tenham retirado o ensino da filosofia moral da Faculdade de Teologia, isto não traduziu uma ruptura com a tradição de São Tomás de Aquino. Tratava-se apenas de reconhecer a validade de cada plano naquilo que lhe era próprio. Tanto no que se refere ao direito natural, quanto à ética, reconheciam-se os limites do racionalismo. Ambos necessitavam do apoio, ou do complemento, da Revelação para suprir a aceitação da falha da razão humana. (KIRSCHNER, 2009, p. 198-200. Adaptado)

Com base no texto-base, as particularidades do Iluminismo português podem ser compreendidas por meio da (do):

A

identificação de concepções que se articulam na conciliação entre razão filosófica e fundamentos vinculados à tradição religiosa.

B

veiculação de interpretações que se constroem na rejeição integral dos referenciais teológicos na formação intelectual portuguesa.

C

observação de posições que se sustentam na adoção irrestrita do racionalismo como princípio ordenador da vida social.

D

compreensão de perspectivas que se organizam na substituição definitiva de valores morais herdados do pensamento clássico.

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
O mundo contemporâneo: o Antigo Regime em crise	Revolução Industrial e seus impactos na produção e circulação de povos, produtos e culturas.	(EF08HI03) Analisar os impactos da Revolução Industrial na produção e circulação de povos, produtos e culturas.

 HISTÓRIA EM FOCO

Revolução Industrial: trabalho, espaços e mobilizações

“O mundo que hoje conhecemos é filho da Revolução Industrial”. Essa frase, escrita pelo historiador Luís Moraes, nos ajuda a compreender que as profundas transformações ocorridas nos modos de produção também alteraram, de forma decisiva, os modos de vida das pessoas - impactos que ainda hoje fazem parte do nosso cotidiano. Iniciado no final do século XVIII, esse processo histórico provocou mudanças duradouras na forma como o trabalho passou a ser organizado, na circulação das mercadorias e no uso das tecnologias nos mais diversos setores da sociedade, dos meios de transporte às atuais inteligências artificiais.



DORÉ, Gustave. Orange Court, Drury Lane. In: JERROLD, B. London: a pilgrimage, 1872. Xilogravura colorizada digitalmente. representação da precariedade das moradias dos operários ingleses.

A Revolução Industrial teve início na Inglaterra, onde existiam condições favoráveis às mudanças na produção, como o uso da máquina a vapor, a concentração das indústrias nas cidades e o deslocamento de populações do campo para os centros urbanos, impulsionado pelos cercamentos de terras e pela concentração de capital nas mãos da burguesia, grupo social formado por empresários, industriais e comerciantes detentores dos meios de produção. Nesse contexto, formou-se o proletariado, classe de trabalhadores que dependia da venda de sua força de trabalho, e esse processo, embora iniciado na Inglaterra, tornou-se uma característica das sociedades industriais em diversas partes do mundo. Os impactos sobre os trabalhadores foram profundos, com jornadas longas e exaustivas, ambientes precários, exploração de mulheres e crianças, controle rígido do tempo e do ritmo de trabalho, o que levou esses operários a se mobilizarem por melhores condições de vida por meio de diferentes formas de resistência, como motins, paralisações, quebra de máquinas e denúncias em jornais.

A industrialização provocou profundas transformações nos espaços e em suas dinâmicas, especialmente com a construção de ferrovias, que ampliaram a circulação de pessoas e mercadorias, integraram regiões e fortaleceram áreas urbanas. No Brasil, no final do século XIX, esses projetos estavam ligados à integração territorial e ao crescimento econômico, como no caso da ferrovia Belém–Bragança, na Amazônia, associada ao transporte de produtos, à ocupação de novas áreas e às ideias de

progresso e civilização. Ao mesmo tempo, a industrialização gerou impactos ambientais, evidentes nas cidades europeias, como a poluição do rio Tâmesa em Londres, enquanto, na atualidade, problemas de poluição dos rios também são observados na Amazônia, associados a atividades econômicas e sociais que degradam a natureza. Refletir sobre os impactos provocados pela Revolução Industrial é também uma oportunidade de compreender melhor alguns problemas sociais que ainda fazem parte da nossa realidade.



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.13

Descritor de LP: D7 - Identificar teses\opiniões\posicionamentos explícitos e argumentos em textos (6º EF)

Observe atentamente o trecho da matéria a seguir:

“Adolescentes abandonaram escola para jornadas exaustivas em fábricas de calçados”



Entre os 107 menores encontrados em situação de trabalho infantil em Nova Serrana e Perdigão, 23% não estudam mais. Casos incluíram jornadas de mais de 10 horas e funções insalubres como operação de prensas pneumáticas.

Fonte: G1. Operação resgata criança e adolescentes de trabalho infantil em fábrica de calçados em Nova Serrana e Perdigão. 1 out. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2025/10/01/trabalho-infantil-em-mg-adolescentes-abandonaram-escola-para-jornadas-exaustivas-em-fabricas-de-calcados.ghtml>. Acesso em: 3 dez. 2025.

Historicamente, podemos relacionar esse fenômeno ao processo de

A

Utilização do trabalho infantil presente em fábricas brasileiras a partir do século XXI, com condições satisfórias de trabalho.

B

Expansão do capitalismo industrial que intensificou o uso e a exploração da mão de obra, inclusive de crianças, nas fábricas.

TEXTO CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA ►

C Diminuição das desigualdades sociais promovidas pelas transformações políticas decorrentes da Revolução Industrial, desde o século XVIII.

D Escolarização de crianças e jovens destinado à formação de mão de obra qualificada para o mundo do trabalho.

Q.14 Descritor de LP acionado: D4 3º EF Inferir informações implícitas em textos

Leia o trecho da música para responder o que se pede

Capitão de Indústria

Eu às vezes fico a pensar
Em outra vida ou lugar
Estou cansado demais
Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
É quando eu me encontro perdido nas
coisas que eu criei
E eu não sei
[...]

*Composição: Marcos Valle / Paulo Sergio
Kostenbader Valle/1972*

As reflexões apresentadas na música podem ser associadas a quais processos da Revolução Industrial?

A Autonomia individual alcançada a partir das diferentes etapas do processo produtivo, que asseguraram o direito ao lazer.

B Impactos ambientais ocasionados pelo descarte inadequado de resíduos nos ambientes residenciais, industriais e rurais.

C Transformação social no mundo do trabalho que promoveu a modernização e seguridade social ao trabalhador assalariado.

D Disciplina, controle e reorganização do tempo e das rotinas de trabalho, profundamente alterados pelo avanço da industrialização.

Q.15

Descritor de LP acionado: D14 - Distinguir fatos de opiniões em textos (4º EF)

Observe atentamente o recorte de jornal abaixo, publicado em 1896 por um periódico paraense

BELGICA :

Uma grande greve ameaça a industria de tecidos na Belgica; é devida ás exigencias dos patrões, que querem que os operarios tecelões trabalhem com dous teares ao mesmo tempo, em vez de um só tear, como até aqui. Allegam os operarios que esse trabalho está acima das suas forças. Os patrões observam que, sem esta modificação, a industria não os recompensa satisfactoriamente.

Fonte: Folha do Norte (PA) Ano 1896\ Edição 00162 10 de junho. <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=101575&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=635>. Acesso em 4 de dez. 2025.

Considerando os papéis desses sujeitos e seus interesses no contexto apresentado, é possível compreender que o (os):

A

Operários belgas da construção civil descumpriam normas trabalhistas e justificavam suas ações como forma de contribuir para o bem coletivo, em oposição aos interesses da burguesia.

B

Trabalhadores da indústria têxtil e seus empregadores compartilhavam alguns interesses, o que teria facilitado acordos favoráveis aos operários, especialmente na Bélgica, onde a legislação trabalhista era mais flexível

C

Capitalistas do setor têxtil belga defendiam a substituição da mão de obra proletária por máquinas de tear automatizadas, já empregadas em outros países.

D

Patronato belga buscava maior produtividade e lucro por meio da intensificação da exploração da classe operária, que reagiu a essa situação por meio da mobilização grevista.

Q.16

Descritor de LP acionado: D3 - Inferir o sentido de palavras ou expressões em textos. (3ºEF)

Cinquenta léguas em quatro horas. Nada pode dar a ideia da fulminante velocidade com que se desenrola, como num conto de fadas, este surpreendente panorama. Não corremos, mas voamos por cima dos campos, dos rochedos, dos pântanos, através de pontes suspensas, de aquedutos cuja espantosa ousadia e solidez lembram a cada instante, as construções etruscas e romanas.

(Planamos sobre os abismos. MICHELET, Jules. O Povo. São Paulo: Martins Fontes, 1988).

A impressão do relato está associada com qual inovação tecnológica da Revolução Industrial?

A

construção de infraestrutura ferroviária.

B

indústria têxtil com energia a vapor.

C

atividade siderúrgica através do aço.

D

expansão da navegação a vapor.

Q.17

Descritor de LP acionado: D4 - Inferir informações implícitas em textos (3º EF)

Leia o texto

Carta sobre a ferrovia de Belém a Bragança dirigida ao Exmo. presidente da província do Pará, Dr. Justino Ferreiro Carneiro por José A. dos Reis.

Exmo Senhor

"[...]A ferrovia de Belém a Bragança terá importância extraordinária constituindo-se a artéria principal por onde se há de fazer o movimento comercial diário entre a Capital e Vigia, Bragança, etc, transportando-se para Belém, por esta nova estrada todos os produtos que são capazes os terrenos da região equatorial n'uma extensão de cerca de 200 km. [...] Excelentíssimo Senhor Sabe Vossa Excelência que a via de comunicação é sempre a primeira coisa a fazer-se, quando se projeta levar o progresso e a civilização a qualquer ponto [...]"

(DIÁRIO DE BELÉM. Folha Política, Noticiosa e Commercial (PA), Belém, ed. 190, 1882. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=222402&id=42260056309158&pagfis=7477>. Acesso em: 07 dez. 2025)

A partir da leitura do trecho da carta, a ferrovia que conectaria Belém a Bragança pode ser compreendida enquanto

A

Uma iniciativa destinada a ampliar o comércio entre Belém e Bragança, articulada às disputas e debates políticos entre liberais e conservadores que marcaram a atuação administrativa da província do Pará.

B

Estratégia de fortalecimento da influência política local, que buscava maior visibilidade entre os moradores da região bragantina, reconhecida como principal polo de abastecimento da capital.

C

Parte de um movimento de inserção da região em novos padrões de circulação de mercadorias, organização do trabalho e uso de tecnologias em expansão, associados às ideias de "progresso" e "civilização".

D

Resultado das reivindicações dos moradores que pediam melhorias de mobilidade nas cidades da rota entre Belém e Bragança, apresentando essas demandas como expressões de um avanço civilizacional.

Q.18

Descritor de LP acionado: D76ºEF
Identificar teses/opiniões/
posicionamentos explícitos e
argumentos em textos.

Analise os textos a seguir

Texto 1

A poluição causada pela mineração é uma das maiores ameaças aos rios da Amazônia, especialmente no estado do Pará. Toneladas de rejeitos industriais produzidos por grandes mineradoras são frequentemente descartadas em barragens ou áreas próximas a cursos d'água, o que aumenta o risco de contaminação por metais pesados e substâncias tóxicas. Fonte: Resíduo de mineração vira tecnologia para limpar rios na Amazônia. Portal Metrôpoles. Isabella França. Acesso em 05 dez.2025.

Texto 2

O rio Tâmisa, uma das principais rotas de transporte de mercadorias em Londres, passou por um grave processo de poluição no século XIX. Em 1831, a quantidade de lixo era tão grande que parte da frota que por ali navegava ficava imóvel devido "às imundices sólidas dentro do rio". Já em 1847, com o esgotamento das fossas, o Parlamento autorizou que os esgotos urbanos fossem lançados a céu aberto e conduzidos para essas águas londrinas. Era comum despejar no Tâmisa resíduos industriais, restos de animais, alimentos descartados e até carcaças, além de fezes humanas.

(HESS, Sonia. Águas mal tratadas. In: Ensaios sobre poluição e doenças no Brasil. São Paulo: Outras Expressões, 2018. p. 23; ROSENCHAN, Moisés. Os rios Tietê e Tâmisa: abordagem crítica dos programas de despoluição. Dissertação – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005, p. 40) (Adaptados)

Com base na leitura dos Textos 1 e 2, identifique qual problema ambiental é abordado e as dinâmicas históricas que explicam sua ocorrência.

A

A degradação dos rios está relacionada ao avanço das atividades capitalistas, como a mineração na Amazônia e a industrialização na Inglaterra.

B

A poluição dos rios é apresentada nos dois textos como resultado de fenômenos naturais, como a erosão e o desgaste do solo.

C

As análises afirmam que a contaminação hídrica decorre do descarte doméstico de resíduos pelas populações locais inglesas e amazônicas.

D

O comprometimento das águas ocorreu pelo uso intenso das rotas fluviais, sobretudo na Inglaterra, onde o transporte dependia da navegação.



Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
· O mundo contemporâneo: o Antigo Regime em crise	Revolução Francesa e seus desdobramentos	(EF08HI04) Identificar e relacionar os processos da Revolução Francesa e seus desdobramentos na Europa e no mundo.

**HISTÓRIA EM FOCO****Revolução Francesa: coletividades em movimento**

O que as palavras igualdade, fraternidade e liberdade significam para você? Já viu alguém usando? Em quais circunstâncias? Você sabia que no final do século XVIII elas foram o lema de um processo revolucionário na França. A Revolução Francesa (1789-1799) não foi apenas um evento interno da França, mas um processo histórico que alterou permanentemente a política e a sociedade em diferentes partes do mundo. Ela marcou o fim do Absolutismo e o início da Idade Contemporânea.

No final do século XVIII, a França vivia o “Antigo Regime”. A sociedade era dividida em três estados:

- 1º Estado (Clero) e 2º Estado (Nobreza): Tinham terras, cargos e não pagavam impostos.

- 3º Estado (Burguesia, camponeses e trabalhadores urbanos): Representavam 98% da população, sustentavam o país com impostos e não tinham representação política proporcional ao número e diversidade de grupos sociais que estavam nesse setor.

Essa organização estamental estava baseada na hierarquia, na concessão de privilégios que permitia maior centralização política para o monarca. Porém, com a circulação das ideias iluministas e liberais, a experiência revolucionária inglesa, bem como o aprofundamento das contradições sociais,

esse sistema começa a ser questionado. A situação se agrava com a crise financeira, provocada pelo aumento dos gastos públicos, financiamento de guerras (apoio da França nas guerras pela independência dos Estados Unidos), e colheitas ruins, gerou fome e revolta. Diante da falência do Estado, o rei Luís XVI convocou a Assembleia dos Estados Gerais em 1789. O Terceiro Estado, exigindo votação por cabeça e não por ordem, rompeu com o rei e formou a Assembleia Nacional Constituinte.

O processo revolucionário costuma ser dividido em três fases, são elas:

- Monarquia Constitucional (1789-1792): Marcada pela Queda da Bastilha (símbolo do poder real) e pela criação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que estabelecia igualdade jurídica e liberdade.

- Convenção Nacional (1792-1795): A República foi proclamada. Grupos como os Jacobinos (radicais) e Girondinos (moderados) disputavam o poder. Sob o comando de Robespierre, o período ficou conhecido como “Terror”, com o uso intenso da guilhotina.

- Diretório (1795-1799): A alta burguesia retomou o controle, buscando estabilidade. O período terminou com o golpe de Napoleão Bonaparte (18 de Brumário).

A Revolução Francesa espalhou ideais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” que inspiraram outros movimentos na Europa e nas Américas que começaram a contestar o sistema colonial.



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.19

Descritor de LP: D5 - Analisar os efeitos de sentido de recursos multissemióticos em textos que circulam em diferentes suportes. (1º EF)



LOR, CARTUM Diário popular de São Paulo, 1989 (<https://lorcartunista.blogspot.com/2016/02/revolucao-franqueza.html>).

A crítica social parte da associação entre (a), (o):

- A realidade dos profissionais da educação com o contexto social dos estudantes.
- B industrialização inglesa e a exploração dos trabalhadores citadas pelos alunos.
- C processo revolucionário lecionado e os problemas sociais contemporâneos.
- D cenário histórico do movimento operário com aumento do desemprego atual.

Q.20

Descritor de LP: D7 - Identificar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e argumentos em textos. (6ºEF)

Texto 01

Sob intensa pressão popular, a Assembleia Nacional Constituinte aboliu a servidão, os dízimos, o direito de mão-morta e a justiça senhorial (todos passavam a obedecer às mesmas leis). Em 26 de agosto de 1789 a Assembleia Nacional aprovou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

(JÚNIOR BOULOS, A. *História Sociedade & Cidadania*, São Paulo:FTD 2016 p.73).

Texto 02

Em resposta à pressão popular, Chile reduz salários de políticos à metade

Medidas tentam aplacar descontentamento da população com desigualdade social. Chile foi palco de violentos protestos contra o governo em 2019

(manchete da Revista Exame, publicação em 29/11/2019).

Separadas pelo tempo e espaço, as experiências político-sociais representadas nas fontes se assemelham na (o):

- A desenvolvimento capitalista através de reformas liberais.
- B aprovação de reformas por setores dominantes.
- C exclusão política de cidadãos mais pobres.
- D conquista obtidas por meio da ação reivindicatória.

Q.21 Descritores de LP: D7 - Identificar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e argumentos em textos (6º EF)

03. As transformações nos indivíduos se refletiram, em primeiro lugar, na linguagem. Todas as formas honoríficas de tratamento pessoal, que identificavam o título e o status social dos membros da nobreza e do clero, como “sua excelência”, “vossa alteza”, “reverendíssimo”, forma substituídas simplesmente por “cidadão”.

(ALVES, Alexandre. *Conexões com a História*, Editora: Moderna- São Paulo, 2010 p. 136).

As mudanças culturais provocadas pelo processo revolucionário francês trouxeram impactos no(a):

- A** estrutura econômica ao preservar as instituições feudais.
- B** esfera religiosa cristã ao reforçar o elo entre Estado e Igreja.
- C** discurso social ao propor uma ideia de igualdade na comunicação.
- D** mundo político ao abolir a monarquia absolutista e a Igreja Católica.

Q.22 Descritores de LP: D4. Inferir informações implícitas em distintos textos (3º EF)

Texto 01

“Na França é tomada a Bastilha
O povo mostra a indignação
Revoltado com diabo que amassou
O nosso pão”

BETINHO et al. *O povo conta a sua história: saco vazio não para em pé, a mão que faz a guerra, faz a paz. Intérprete: Nequinho da Beija-Flor. In: ESCOLAS de Samba do Grupo Especial (Rio de Janeiro). Samba de Enredo 2003. Rio de Janeiro: BMG Brasil, 2002. 1 CD. Faixa 1.*

“o poder simbólico, que é um poder real, capaz de derrubar regimes. Ele envolve ações coletivas (...). Como tomar a Bastilha, que se tornou um símbolo do despotismo, apesar de só haver sete pessoas lá no 14 de Julho de 1789.

Passei meses lendo os arquivos da Bastilha e vi que não era um centro de tortura. Mas era um símbolo do abuso de poder. Elas estavam dessacrando um símbolo, e acho que isso tem um poder imenso para energizar pessoas que estavam apavoradas com o poder arbitrário que ele representava.”

(Robert Darnton, *Folha de São Paulo*, 06/03/2011, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/fl0603201109.htm>)

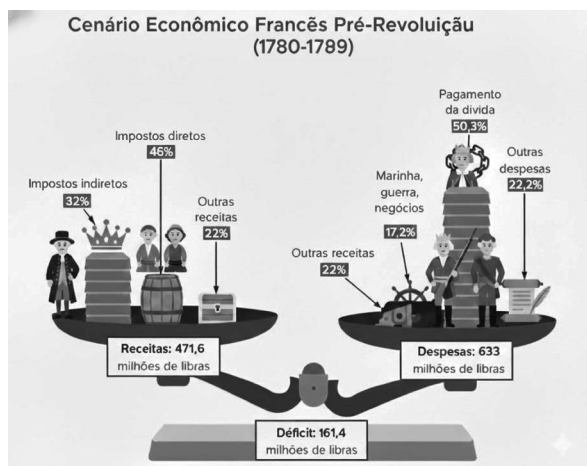
O episódio da Revolução Francesa “A tomada da Bastilha” caracterizou-se enquanto ação coletiva de protesto:

- A** popular contrário ao poder do Antigo Regime através de suas instituições.
- B** camponês em defesa da nobreza fundiária tradicional com suas taxas feudais.
- C** aristocrático em oposição às revoltas camponesas.
- D** burguês para a suspensão das barreiras comerciais.

Q.23

Descritor de Matemática: D36 -Resolver problemas que envolvam dados estatísticos apresentados em tabelas (simples ou de dupla entrada) ou gráficos (barras simples ou agrupadas, colunas simples ou agrupadas, pictóricos, de linhas, de setores ou em histograma). 9E2.1

CENÁRIO ECONÔMICO FRANCÊS PRÉ-REVOLUÇÃO FINAL DO SÉCULO XVIII



baseado de: HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2012

Ao analisar os dados do infográfico, inferimos que em na situação acima a balança:

- A** manterá o equilíbrio fiscal e o gasto público devido às reformas econômicas
- B** penderá para a direita contribuindo para uma grave crise no país representado
- C** ficará descontrolada a partir dos gastos com as guerras americanas.
- D** inclinará para esquerda devido ao acúmulo de riquezas coloniais.

Q.24

Descritor de LP: D4. Inferir informações implícitas em distintos textos (3ºEF)

O mapa amazônico (português) divisava com outras frentes coloniais sob os domínios de Espanha, Inglaterra, Holanda e França. Por isso mesmo, temia-se então que os cativos de cá entrassem em contato com as "ideias perigosas" que chegavam da Europa e do Caribe por Caiena. Hoje sabemos que os quilombos do Curuá, nos arredores da vila de Alenquer, no Baixo Amazonas, souberam da Revolução Francesa de 1789, muito antes que as correspondências oficiais chegassem às mãos do capitão-geral Martinho de Souza e Albuquerque, governador do Pará à época.

(FIGUEIREDO, Aldrin Moura de; NUNES, Benedito Luzes e sombras do Iluminismo paraense. In: *Terra matura – Historiografia & História social na Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2002 p.22).

Pode-se inferir que o processo revolucionário francês do final do século XVIII representou um (a):

- A** fenômeno histórico restrito às lideranças burguesas ocidentais.
- B** avanço no campo da cidadania ao garantir o voto feminino.
- C** repercussão sócio-histórica em diferentes espaços e tempos.
- D** manutenção de sistemas coloniais na América e político na Europa.



Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
Os processos de independência nas Américas	Independência dos Estados Unidos da América	(EF08HI07) Identificar e contextualizar as especificidades dos diversos processos de independência nas Américas, seus aspectos populacionais e suas conformações territoriais.

**HISTÓRIA EM FOCO****O ideal de liberdade e suas limitações na emancipação dos EUA**

Quando um país se torna independente de outro, isso significa automaticamente liberdade e direitos para todos os indivíduos? Uma nação pode se declarar “livre” do domínio colonial e, ao mesmo tempo, manter parte de sua população submetida à escravidão? Essas perguntas nos ajudam a refletir criticamente sobre os processos de independência ocorridos no continente americano. Podemos buscar respostas observando o processo de independência que ocorreu, ainda na segunda metade do século XVIII, no território que hoje conhecemos como Estados Unidos da América. Naquele período, a região era formada pelas chamadas Treze Colônias, que estavam sob o domínio da Inglaterra até o processo de emancipação política iniciado em 1776.

A independência dos Estados Unidos ocorreu em um contexto complexo, marcado pela influência das ideias iluministas de liberdade, igualdade, direitos naturais e busca da felicidade, que inspiraram os colonos a romper com a Inglaterra e a defender a autonomia política, como expresso na Declaração de Independência de 1776. Contudo, esses princípios não foram aplicados a todos, pois povos indígenas continuaram sendo expulsos de suas terras e milhões de pessoas negras permaneceram

escravizadas, evidenciando que a liberdade política não se estendeu a toda a população. Apesar de indígenas, negros (livres ou escravizados) e outros grupos sociais terem sido por muito tempo excluídos das narrativas históricas, eles foram agentes fundamentais na construção social, econômica e cultural dos Estados Unidos, participando de lutas, resistências e da elaboração de diferentes projetos de liberdade, presentes não apenas no norte da América, mas em diversas regiões do continente.

Os temas que compõem esta semana de estudos são um convite para que você, estudante, observe a Independência dos Estados Unidos a partir de suas complexidades, considerando sujeitos que nem sempre foram o foco principal das narrativas tradicionais. É também um convite para refletir sobre como foram construídas imagens e representações desse processo histórico, nas quais alguns elementos foram ressaltados - como o patriotismo e o sentimento antibritânico - enquanto outros foram ocultados. Dessa forma, compreendemos que a construção de uma nação envolveu escolhas, disputas e silenciamentos, fundamentais para entender os limites e as contradições desse processo histórico.



Aprofundamento das Aprendizagens

Q.25 Descritor de LP acionado: D7 - Identificar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e argumentos em textos. (6ºEF)

As interpretações sobre as causas e os significados da Independência Estadunidense, no entanto, se modificaram de acordo com o tempo e espaço em que foram concebidas. [...] Se faz importante ressaltar que, por um longo período, os nativos norte-americanos, assim como outros povos sociais, foram marginalizados nos estudos historiográficos sobre o processo de Independência dos Estados Unidos.

(Fonte: Texto adaptado de SANTOS, Bruno. ONEIDA: a mobilização indígena no processo de Independência Estadunidense (1766-1777). Dissertação (Mestrado em História Moderna) - Universidade Federal Fluminense, ICHF, Departamento de História, 2016, p. 24.)

Pode se concluir que os estudos históricos voltados para a Independência dos EUA:

- A** Exaltaram as ações indígenas dos Estados Unidos, com destaque para as lideranças étnicas dos apaches.
- B** Não consideraram, por muito tempo, a participação dos povos nativos estadunidenses e de outros grupos sociais.
- C** Destacaram as políticas voltadas aos povos indígenas e escravizados, como a demarcação de territórios.
- D** Evidenciaram a mobilização dos colonos, em parceria com alguns grupos indígenas, na resistência diante do domínio britânico.

Q.26

Descritor de LP acionado: D4 3º EF Inferir informações implícitas em distintos textos

Texto I

Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas: que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo seu Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a Vida, a Liberdade e a busca da Felicidade.

Fonte: JEFFERSON, Thomas. A Declaração De Independência Dos Estados Unidos Da América (1776). Clube de Autores, 2021. ISBN 6599612903, 9786599612909.

Texto II

“Os homens que criaram o nosso novo país eram escravocratas porque foi assim que eles conseguiram poder e dinheiro. Somos fundados por causa da liberdade, porque o rei estava sendo injusto com impostos e não queríamos impostos sem representação. Mas a escravização estava em todas as colônias.”

(HANNAH-JONES, Nikole. Pronunciamento no 7º Congresso Internacional de Jornalismo de Educação, São Paulo, 18–19 set. 2023, sobre o Projeto 1619. Educação Integral: Projeto 1619 conta a história dos EUA na perspectiva afrocentrada, 03 out. 2023. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/projeto-1619-conta-historia-dos-eua-na-perspectiva-afrocentrada/> Acesso em: 17 dez. 2025)

Os textos tratam dos processos históricos da Independência dos Estados Unidos, destacando aspectos que se relacionam, respectivamente, à:

- A** felicidade coletiva e constrangimento pessoal.
- B** autonomia dos escravizados e restrição aos colonos.

TEXTO CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA ►

C luta por igualdade e permanência da escravidão.

D restrição da liberdade e emancipação política.

Q.27 Descritor de Matemática: D195N2.1- Resolver problemas de adição ou de subtração, envolvendo números naturais de até 6 ordens, com os significados de juntar, acrescentar, separar, retirar, comparar ou completar.

“[...] Jefferson possuía 187 homens, mulheres e crianças, mas o número mudava a cada ano com novos nascimentos, mortes, compras e vendas. Em 1783, apesar de ele perder 30 escravos para os ingleses, o total subiu para 204. Em 1798, possuía apenas 147 negros porque vendera mais de 50 para saldar dívidas. O número subiu para 197 em 1810; e, pelo ano de 1822, atingiu 267. Depois de 1774, as propriedades em terras e negros faziam de Jefferson o segundo cidadão mais rico do condado Albermale e um dos mais ricos da Virgínia.

(COHEN, William. Thomas Jefferson e o problema da escravidão. Estudos Avançados da USP 14 (38), 2000, p. 153-154)

A partir do texto, que apresenta informações sobre Thomas Jefferson, um dos líderes políticos da Independência dos Estados Unidos, é possível afirmar que:

A A emancipação dos EUA fez com que Thomas Jefferson perdesse, temporariamente, a posse de 150 sujeitos escravizados, entre 1783 e 1810.

B A independência trouxe mudanças quanto à escravidão nos EUA, inclusive Thomas Jefferson teve uma diminuição de 30 escravizados em 1783.

C A perda da posse de escravizados por Thomas Jefferson foi reflexo das lutas pela Independência que garantiram liberdade à população negra.

D A escravidão permaneceu após a Independência, e Thomas Jefferson manteve a posse de pessoas escravizadas, com aumento de 50 cativos entre 1798 e 1810.

Q.28 Descritor de LP acionado: D7 6ºEF-Identificar teses/opiniões/ posicionamentos explícitos e argumentos em textos.

Após a independência, com o Tratado de Paris estabelecendo o território de Nova York como possessão estadunidense, e com a constituição promulgada em 1790, os Iroquois presenciaram não apenas o rompimento de sua liga, mas a perda e negociação de diversas fatias de terra que ocupavam. [...] O território de Nova York concluiu o século XVIII reconfigurado, as treze colônias passaram a ser Estados Unidos da América, e os Iroquois sofreram um processo de desagregação e de queda na miséria e no isolamento das reservas [...]”

(TURATTI, Ricardo Amarante. As terras do grande espírito: políticas indigenistas nos Estados Unidos do século XIX. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - SP, 2019, p. 132-133)

Ao tratar sobre a situação dos povos nativos dos Estados Unidos, o texto ressalta que sua condição pós-independência estava associada a

A Autonomia administrativa sobre suas terras.

B Divisão de poder com os antigos colonos.

C Retirada de territórios e exclusão de direitos.

D Restrição de liberdade política e partidária.

Q.29 Descritor de LP acionado: D7 6ºEF- Identificar teses/opiniões/ posicionamentos explícitos e argumentos em textos.

Observe o texto a seguir sobre o filme “O Patriota”

“Os ingleses, claros inimigos, são tratados de uma maneira tão terrível que podem não ser considerados, pelos espectadores, inimigos dos americanos, mas inimigos da humanidade, assim como qualquer alienígena em um filme de ficção científica.”

(POSSO, Nathalie. O Patriota: Uma discussão histórica e cinematográfica nas páginas do IMDB. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Uberlândia, 2014, p. 20)

O filme é uma representação dos processos históricos referentes à independência dos EUA, ao abordar:

A Os conflitos entre os colonos do Sul e do Norte das Treze Colônias, com enaltecimento das lideranças militares.

B As lutas contra o domínio da Inglaterra, a partir da ideia de amor à pátria e da desqualificação dos adversários.

C As batalhas entre colonos e ingleses, mediante a valorização dos símbolos impostos pela metrópole, como a bandeira estadunidense.

D Os acordos estabelecidos entre britânicos e lideranças dos conflitos de independência, com ênfase nos símbolos nacionalistas.

Q.30 Descritor de LP acionado: D5 - Analisar os efeitos de sentido de recursos multissemióticos em textos que circulam em diferentes suportes. (1ºEF)

Analise os textos sobre o episódio que ficou conhecido como “Massacre de Boston”

“O Massacre Sangrento perpetrado na King Street, Boston, em 5 de março de 1770, por um destacamento do 29º Regimento, de Paul Revere”



Na noite de 5 de março de 1770, uma multidão desordeira reuniu-se em Boston, do lado de fora da Casa da Alfândega, na King Street, para zombar, com vaia e bolas de neve, dos soldados britânicos que montavam guarda. Reforços foram chamados, disparos desordenados ecoaram e, quando a fumaça se dissipou, três moradores locais estavam mortos e outros oito haviam sido feridos, dois deles mortalmente.”

(Fonte: The Bloody Massacre perpetrated in King Street, Boston on March 5th 1770 by a party of the 29th Regiment of Paulo Revere. Disponível em https://www.masshist.org/database/viewer.php?item_id=28&mode=large&img_step=18.)

Acesso em 18 dez. 2025.

A partir da obra de Paul Revere é possível identificar:

TEXTO CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA ►

A

A imparcialidade do autor em abordar o “Massacre de Boston”, marcado pela ofensiva dos colonos diante dos soldados britânicos.

B

O destaque dado a mobilização popular britânica, apoiadora da emancipação dos colonos diante da coroa inglesa.

C

A intenção de propagar comoção e mobilização em prol dos colonos, destacando a ofensiva do exército britânico.

D

A valorização da campanha militar inglesa diante do exército colonial estadunidense responsável pelo massacre.



Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidade (BNCC)
Os processos de independência nas Américas	A revolução dos escravizados em São Domingo e seus múltiplos significados e desdobramentos: o caso do Haiti	(EF08HI08) Identificar a Revolução de São Domingo como evento singular e desdobramento da Revolução Francesa e avaliar suas implicações. (EF08HI09) Identificar e explicar os protagonismos e a atuação de diferentes grupos sociais e étnicos nas lutas de independência no Brasil, na América espanhola e no Haiti.

**HISTÓRIA EM FOCO****Escravidão, violência colonial e a Revolução Haitiana**

A escravidão atlântica foi sustentada não apenas por relações econômicas, mas por um complexo sistema de controle simbólico, jurídico e corporal. As legislações coloniais, como o *Code Noir* francês, evidenciam que a violência não era um desvio, mas um elemento estruturante da ordem escravista. As punições físicas, mutilações e marcas corporais funcionavam como instrumentos de dominação, disciplinando os corpos escravizados e reafirmando o poder senhorial e estatal. Símbolos como a flor-de-lis, longe de serem meros adornos, materializavam a presença do Estado colonial sobre os corpos negros, transformando a violência em linguagem política.

Nesse contexto, a Revolução Haitiana representou uma ruptura profunda e inesperada para as elites coloniais europeias. O desconhecimento deliberado das línguas, práticas culturais e formas de organização dos africanos e afrodescendentes levou os colonizadores a subestimar sua capacidade de mobilização política. Essa cegueira colonial não foi acidental: ela fazia parte da

própria lógica escravista, que negava aos escravizados qualquer agência histórica. O levante de Saint-Domingue revelou, de forma contundente, a existência de redes de solidariedade, projetos políticos e experiências de resistência construídas no interior do mundo atlântico negro.

As reações europeias à Revolução Haitiana foram marcadas por medo, rejeição e aumento do racismo. Até mesmo setores identificados com o abolicionismo reforçaram estereótipos que associavam negros à violência e à desordem. Isso evidencia que a oposição à escravidão nem sempre implicava reconhecimento da igualdade política ou intelectual dos africanos e seus descendentes. O Haiti passou a ser visto como uma ameaça simbólica, alimentando a “negrofobia” no século XIX. No mundo luso-brasileiro, o impacto foi igualmente profundo. Autores como Azeredo Coutinho expressaram o temor de que revoltas escravas se espalhassem. A experiência haitiana era interpretada como exemplo do que não deveria ocorrer, justificando políticas de repressão, vigilância e endurecimento da ordem colonial. Esse medo revela a fragilidade estrutural do sistema escravista frente à possibilidade de insurreição.

TEXTO CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA ►